

# **NOSSO KOSMOS SELVAGEM!**

## **Uma Exploração de Exoestudos do Status Ontológico de Inteligências Não Humanas**

**Sean Esbjörn-Hargens**

Exo Studies Institute | *Resource Paper No. 1*

Tradução de Ari Raynsford ([www.ariraynsford.com.br](http://www.ariraynsford.com.br))

Revisão de Darcy Brega, Giovanni Barontini e Fabio Mocci Camargos

**Introdução p.1**

**Metadisciplinaridade p.3**

**Parte 1: Inteligências Não Humanas p.8**

*Os Humanos Sempre Encontraram INHs p.9*

*Desenvolvendo uma Nova Taxonomia de INHs p.9*

**DE ONDE ELAS VÊM? p.11**

*Três Domínios: Fairie, Galáctico e Celestial p.11*

**QUAL É A APARÊNCIA DELAS? p.13**

*Duas Classes: Humanoide e Não Humanoide p.13*

*Múltiplos Tipos p.15*

*Centenas de Variantes p.17*

**O QUE ELAS QUEREM? p.18**

*Quatro Perspectivas: Intrusa, Manipuladora, Ajudante, Observadora p.18*

**O QUE SÃO ELAS? p.20**

*As 10 Hipóteses Mais Comuns p.20*

**Uma Nova Hipótese Integrativa de INHs p.23**

**Parte 2: O Status Ontológico das INHs p.28**

*Fronteiras Difusas e Duplicidade p.29*

**O Que É Real? p.32**

**O Que É Um Objeto? p.33**

**O Que Conta Como Evidência? p.35**

**Realidades Anômalas e Ciência Tradicional: O Rancho Skinwalker p.38**

**Indeterminação Ontológica p.40**

**O Papel do Pluralismo Integral nos Exoestudos p.45**

**Conclusão: Enagindo uma Nova História Galáctica p.53**

*Agradecimentos p.56*

**Apêndice 1 p.57**

*Mais de 150 Campos Disciplinares, Domínios e Tópicos dos Exoestudos*

**Apêndice 2 p.58**

*Bibliografia Comentada de Fontes da Tabela 3*

**NOTAS p.63**

**REFERÊNCIAS p.71**

## Introdução

No futuro, um sociólogo aventureiro poderia considerar escrever um artigo que examinasse o sistema de "castas" na pesquisa de anomalias. Os pesquisadores "práticos" de UFOs [Objetos Voadores Não Identificados na sigla inglesa] desprezam os pesquisadores "psicossociais" de UFOs. Pesquisadores de UFOs em geral desprezam os criptozoólogos. Criptozoólogos que aceitam a possibilidade de uma conexão paranormal com avistamentos de Bigfoot (Sasquatch) são geralmente vistos com escárnio devido à visão predominante de que o Bigfoot é uma espécie de primata desconhecida, não um companheiro interdimensional de seres alienígenas. Da mesma forma, os pesquisadores paranormais veem os pesquisadores de UFOs com desdém, enquanto os caçadores de fantasmas mantêm distância de todos os outros. E toda essa hostilidade e desprezo são uma tentativa vã e até agora malsucedida de ganhar um pouco de respeito e aceitação (e talvez financiamento) da ciência convencional, um nobre, mas improvável, objetivo.

Assim, como modelar a gama de mais de cem fenômenos que ocorreram no rancho entre 1994 e 2004?

– Colm Kelleher & George Knapp Hunt (2005, pp. 207-8)<sup>1</sup>

A ideia de que vivemos em um universo multidimensional povoado por seres ou formas de vida que são menos densamente corporificados do que nós, ou talvez nem mesmo corporificados, não é nova nas tradições religiosas orientais ou para a maioria dos povos indígenas do mundo. Mas não é um cosmos que seja familiar ou aceito como existente pela cultura científica da sociedade ocidental que, talvez necessariamente, construiu um universo no qual o material e o psicológico, os domínios visíveis e invisíveis, foram mantidos em grande parte separados para que o mundo físico pudesse ser compreendido e controlado.

– John Mack (1999/2008, p. 289)

Vivemos em um grande e estranho multiverso – um Kosmos Selvagem!<sup>2</sup> Um que é *ontologicamente estranho* e não apenas epistemologicamente estranho.<sup>3</sup> Existem todos os tipos de experiências e realidades que não se encaixam facilmente na história da ciência que prezamos coletivamente há mais de 300 anos. Cientistas contemporâneos são, com muita frequência, como astrônomos medievais, adicionando cada vez mais epiciclos (órbitas planetárias circulares) aos seus mapas celestes para preservar o modelo ptolomaico de um sistema solar geocêntrico. E continuam a fazer isso diante de um crescente conjunto de dados contraditórios e anômalos: o que William James (1897/1960) chamou de *fatoss selvagens* e Charles Fort (1941/1974) chamou de *fatoss malditos*. Tanto James quanto Fort usavam seus respectivos termos para se referir àqueles incômodos dados paranormais que

ameaçam minar os presentes modelos da realidade e desestabilizar nossos sistemas científicos atuais. Fatos que são fáceis e necessários de ignorar para manter a ilusão de que compreendemos a realidade. Precisamos de uma cosmologia "heliocêntrica" totalmente nova, que consiga explicar da forma mais eloquente e precisa a ampla gama de exofenômenos (isto é, realidades anômalas, forteanas, extradimensionais e paranormais) documentados na literatura acadêmica, ufológica e esotérica. Precisamos de uma nova visão e método científico pós-material/pós-positivista que abram espaço tanto para fatos selvagens quanto para fatos malditos e que possam nos ajudar a investigar de forma rigorosa, filosófica, psicológica e empírica, as muitas realidades que estão além do registro dos nossos cinco sentidos ou de suas extensões tecnológicas.

Assim, acredito que precisamos adotar uma *metavisão integrativa* para começar a possibilitar um progresso sincero na compreensão deste Kosmos Selvagem. *Integrativa* porque precisamos recorrer ao máximo de disciplinas de conhecimento válido para obter um panorama o mais completo possível – uma *metavisão*. Não podemos nos dar ao luxo de deixar nenhuma pedra (ou exoplaneta) sem ser revirada, nem deixar de lado nenhum dado válido, por mais esotérico, inconveniente ou controverso que seja. Os fatos malditos de Charles Fort são a estrada real para uma imagem mais completa da realidade. Em suma, precisamos de uma robusta metavisão de estranheza, que entrelace avistamentos de UFOs, encontros com *inteligências não humanas* (INHs), fenômenos de *poltergeist* e paranormais, experiências anômalas, viagens no tempo e no espaço, criptídeos e todas as formas legítimas de elevada estranheza, em uma nova história convincente de nós mesmos vivendo em um multiverso multidimensional, povoado por uma ampla gama de habitantes inteligentes.

Isso me levou a começar a desenvolver o que chamo de Exoestudos. Exo significa "fora" e "externo" em grego. Assim, em sua concepção mais ampla, Exoestudos é o estudo metadisciplinar de todos os fenômenos anômalos que se encontram fora de nossos modelos atuais de explicação e visões da realidade. A existência de UFOs, também conhecidos como fenômenos anômalos não identificados (UAPs na sigla inglesa), e seus ocupantes extraterrestres (ETs) ou extradimensionais (EDs) é, indiscutivelmente, um dos fenômenos anômalos mais pesquisado e bem documentado. Assim, os UFOs servem como um ponto focal, no âmbito dos Exoestudos, para desenvolver uma metaciência integrativa que possa ser usada para investigar e dar sentido a uma ampla gama de outras realidades anômalas e paranormais (ou seja, "exo").<sup>4</sup> O estudo de UFOs tem particular relevância para o esforço de inaugurar uma nova história, pois eles desafiam diretamente o estado de segurança nacional, nosso senso de soberania

antropocêntrica e exigem que nossas crenças científicas e espirituais evoluam e se tornem mais integradas e sofisticadas. Além disso, os UFOs estão associados a todas as formas de fenômenos anômalos imagináveis. Jeffrey Kripal (2016a) chama isso de o "problema do balde de lixo".<sup>5</sup> Como resultado, os UFOs fornecem um metacontexto necessário, embora difícil de manejar. Os UFOs também possuem uma ampla gama de dados qualitativos e quantitativos associados a eles. E ocupam e desfrutam de uma posição única na consciência pública e no discurso cultural, apesar (e provavelmente por causa) do tabu social que os cerca. Por essas razões, acredito que o estudo de UFOs, mais do que outros campos de pesquisa anômala, tem a melhor chance de romper o reduto modernista e a paralisia pós-modernista, abrindo assim as portas para outros tipos de realidades anômalas que merecem um lugar à mesa da consideração ontológica.

## Metadisciplinaridade

Exoestudos é uma metafilosofia que se baseia em múltiplas metateorias integrativas (por exemplo, a Teoria Integral de Ken Wilber, o Realismo Crítico de Roy Bhaskar e o Pensamento Complexo de Edgar Morin) para desenvolver um *Realismo Integral Complexo*.<sup>6</sup> Essa abordagem integral para "O que é real?" entrelaça – usando metateorias integrativas – os principais insights de mais de 50 campos acadêmicos distintos de discurso, das artes, humanidades, ciências sociais e ciências naturais (ver o Apêndice 1 para uma lista de mais de 150 campos, domínios e tópicos incluídos nos Exoestudos). Isto torna os Exoestudos metadisciplinares, em comparação a meramente interdisciplinares, multidisciplinares ou transdisciplinares: eles se baseiam no conhecimento válido de dezenas de domínios de pesquisa e análise, realizando uma conexão ao usar um conjunto eficaz de princípios integrativos.<sup>7</sup> Como resultado, os Exoestudos lançam nova luz sobre os UFOs e fenômenos paranormais, baseando-se em múltiplas disciplinas acadêmicas, científicas e esotéricas que normalmente não são incluídas na ufologia hoje.

Em particular, existem três principais campos de disciplinas que utilizo para os Exoestudos (ver Apêndice 1 para uma visão geral mais detalhada de áreas específicas associadas a cada "campo"):

**1. Literatura filosófica e acadêmica convencional** (e.g., genética, sociologia, estudos religiosos, estudos de mídia, antropologia e psicologia);

**2. Literatura sobre UFOs e estudos espaciais** (e.g., estudos de abdução, astroteologia, exopolítica, astrobiologia, literatura experiencial, exossociologia e depoimentos de testemunhas); e

**3. Literatura esotérica e paranormal** (e.g., ciências de energias sutis, estudos fortianos, criptozoologia, parapsicologia, cosmologias ocultas e estudos sobre experiências fora do corpo [EFC] e experiências de quase morte [EQM]).

Portanto, no cerne dos Exoestudos está uma abordagem metadisciplinar para compreender o Kosmos Selvagem e nosso lugar nele. Precisamos recorrer a muitas disciplinas – acadêmicas tradicionais, ufologia, exociências emergentes, tradições esotéricas e estudos marginais. Não podemos, em plena consciência científica, ignorar ou deixar de fora qualquer domínio de conhecimento que possa ajudar a lançar luz sobre os mistérios da nossa realidade de multiverso e seus vários habitantes.

Assim, embora os Exoestudos incluam o que historicamente se enquadra no contexto de UFOs/INHs, eles vão além, adotando uma metavisão da interação dinâmica entre *mente-significado-matéria*, frequentemente recorrendo a materiais de fontes que tradicionalmente não têm sido relacionadas ao estudo de UFOs/INHs. Como resultado, os Exoestudos são capazes de fazer contribuições únicas à ufologia e aos esforços científicos e acadêmicos emergentes voltados à compreensão de UFOs e INHs.

A seguir, apresento uma visão geral de alto nível de mais de uma dezena de maneiras únicas pelas quais essa abordagem metadisciplinar pode explorar novas compreensões sobre UFOs/INHs. Alguns desses exemplos são aprofundados ao longo do artigo. Em cada exemplo, uso parênteses para listar várias escolas de pensamento e disciplinas-chave envolvidas em cada exploração.

- **Modelos pós-humanos de subjetividade:** O novo campo do pós-humanismo e o estudo da senciência ao longo de todo o espectro evolucionário – plantas, cefalópodes, pássaros, cetáceos e primatas (inteligência vegetal, etnologia cognitiva e afetiva, panpsiquismo, estudos animais) podem nos ajudar a entender a exobiologia de uma perspectiva não antropocêntrica e a imaginar melhor as subjetividades extraterrestres e alienígenas.

- **Novas abordagens ontológicas:** A recente virada ontológica na filosofia (realismo especulativo, ontologia orientada a objetos e novos realismos), na antropologia (perspectivismo ameríndio, novo animismo, parantropologia) e nos estudos de ciência e tecnologia (teoria ator-rede, semiótica material, pluralismo ontológico, teoria da montagem) pode nos ajudar a reintegrar a ontologia à

discussão de uma forma sofisticada que supere o viés epistemológico que domina o discurso ocidental desde Kant.

- **Materialismos feministas:** As várias ontologias de processo, metafísicas e novos materialismos feministas (realismo agencial, estudos científicos feministas, estudos de gênero e *queer*) que podem possibilitar novas visões cosmológicas de enação\* e entrelaçamento, mais capazes de incluir aspectos da realidade que as formas de discurso dominadas pelo masculino e pelo modernismo têm impedido sistematicamente.

- **Videntes feéricos:** O estudo de indivíduos que são videntes feéricos ou possuem segunda visão e que conseguem ver clarividentemente e com outros sentidos psíquicos os espíritos da natureza, elementais e outros seres feéricos (artes mágicas, práticas ocultas, desenvolvimento esotérico, teosofia, xamanismo, estudos folclóricos) pode nos ajudar a avaliar melhor os modos como o folclore (dados culturais em segunda pessoa) considera ou não experiências de UFOs e abduções em primeira pessoa.<sup>8</sup>

- **Distorção cognitiva:** A inclusão de vieses cognitivos, dinâmicas de falsas memórias e dinâmicas de manipulação (psicologia anomalística, filosofia da mente, psicologia conspiratória, psicologia sombria, heurística), que contribuem para mentalidades céticas e de verdadeiros crentes, para que possamos explicar melhor as várias formas pelas quais os indivíduos distorcem, confundem ou interpretam mal experiências anômalas.

- **Modelos quânticos que incluem consciência:** O envolvimento com teorias de ponta da física que incluem consciência e energias sutis em um contexto de multiverso (e.g., o Modelo do Universo Sincronizado de Claude Swanson [2003, 2009, 2018], a mente quântica e a ontologia social de Alex Wendt [2015], a Relatividade Integral de Lex Neale [2018, 2019], a física pós-quântica de Jack Sarfatti [2017, 2018, 2019], a Cinética Subquântica de Paul LaViolettes [2010], o Paradigma Vortical de Distinção Dimensional Triádica de Vernon Neppe & Edward Close [2014]) para que possamos realmente ter uma teoria de tudo (TDT) que inclua mente e matéria (e significado).

---

\* *Enação, enagir e enagente* são neologismos cunhados pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela a partir da expressão espanhola *en accion*, com o significado de *atuação, atuar e atuante*, respectivamente. Na filosofia e cognição, especialmente segundo Francisco Varela, enação é a ideia de que a cognição surge da interação ativa entre o organismo e seu ambiente. Ou seja, o conhecimento não é apenas representacional, mas incorporado e situado. (N.T.)

- **Locais de acesso paranormais:** O estudo sistemático de locais de acesso paranormais e áreas de ocorrência de UFOs (e.g., Yakima, WA; Sedona, AZ; Vale do Rio Hudson, NY; Bacia de Uintah, UT; Vale de San Luis, CO; Floresta Rendlesham no Reino Unido) para desenvolver uma metavisão da ontologia compartilhada desses fenômenos anômalos e o papel que certas características geográficas desempenham em sua manifestação.

- **Novos tipos de métodos investigativos:** O engajamento e desenvolvimento de novos métodos paradoxais e integrativos (e.g., o extravasamento ontológico de Jack Hunter [2015, 2016], as práticas comparativas de Jeff Kripal [2016d], a insolubilidade recursiva de Jacque Vallée [1975/2014], os cortes agenciais de Karen Barad [2007] – cortar junto/separado, os métodos gorgoilianos de Jenny Rice [2020] – fazer algo novo por meio de justaposições estranhas) para provocar ambiguidade, sincronicidade e o *trickster* como componentes centrais da pesquisa e dos dados.

- **Modalidades de contato:** O estudo de DMT (Dimetiltryptamina) e entidades psicodélicas para ver como elas se comparam às INHs na literatura sobre experiências de UFOs e lançam luz sobre o papel que diferentes modalidades de contato (experiências fora do corpo [EFCs], experiências de quase morte [EQMs], meditação, psicodélicos, visualização remota, canalização) têm na variedade de encontros com entidades documentados ao longo da história.

- **Ciência pós-material:** O desenvolvimento de uma ciência não reducionista de métodos mistos (dados e métodos de primeira, segunda e terceira pessoas) para informar novos tipos de pesquisa metadisciplinar: uma *metaciência integrativa*. Conjuntamente com ela, está o desenvolvimento de novos metamapas do que conta como evidência (filosofia da ciência, estudos jurídicos, revisões sistemáticas) e em quais circunstâncias, para que possamos refletir e debater melhor o que é "real", como sabemos o que é real e que tipos e quantidades de evidências são necessários para levar uma afirmação a sério.

- **Sombra cultural:** O estudo dos tabus culturais e do segredo social em torno de UFOs e de paranormalidades, e como isso se manifesta em termos de alteridade e xenofobia (psicanalítica, estudos culturais, antropologia, teoria intersubjetiva, estudos de mídia e cinema) para melhor lidar com nossa experiência do outro "alienígena".<sup>9</sup>

- **Vida em Marte:** A exploração do que significará para nós sermos uma espécie multiplanetária vivendo em Marte e além (transumanismo, psicologia espacial, exossociologia, genética, física) em preparação para nos tornarmos uma espécie galáctica (pós-Terra).

- **Exofilosofia:** Desenvolver uma exofilosofia explorando a história da filosofia em busca de comentários de filósofos (e.g., G.W. F. Hegel, Immanuel Kant, Maurice Merleau-Ponty, Alfred North Whitehead, Charles Sanders Peirce, William James e Henri Bergson) sobre tópicos extraterrestres e paranormais, bem como aplicar o pensamento e os princípios filosóficos a questões paranormais e extraterrestres (e.g., Jeff Kripal [2010], Jason Reza Jorjani [2016]).

- **Psicologia adulta pós-formal:** A aplicação dos campos da psicologia do desenvolvimento adulto e pós-formal (e.g., a Teoria Sujeito-Objeto de Robert Kegan [1994], o Modelo de Complexidade Hierárquica de Michael Commons [2008], a Teoria do Desenvolvimento do Ego de Susanne Cook-Greuter [1999/2010] e o Modelo STAGES de Terri O'Fallon e colaboradores [2020]) para compreender como visões de mundo e níveis de consciência moldam nossas percepções e valores. Essa exploração incluiria o estudo de como diferentes visões de mundo enagem e interpretam exofenômenos e o surgimento de uma nova visão de mundo galáctica que siga orientações mundicêntricas e globocêntricas.

- **Cosmologias indígenas e esotéricas:** Basear-se nas diversas culturas indígenas americanas, das Primeiras Nações e aborígenes (antropologia, estudos pós-coloniais) do mundo inteiro para obter inspiração e orientação sobre como reencantar o cosmos e articular uma cosmologia pós-mítica que abra espaço para uma ampla gama de inteligências ancestrais e não humanas. As tradições esotéricas (magia, ocultismo, hermetismo) também podem prover insights sobre esse processo. Juntas, essas cosmologias alternativas podem nos ajudar a reintegrar as INHs em nossa narrativa cósmica e visão científica, permitindo-nos acolher todos os nossos vizinhos multidimensionais deste Kosmos Selvagem.

Em resumo, os Exoestudos são um metacampo integrativo emergente, comprometido em *explorar as implicações psicológicas, sociológicas e científicas de viver em um multiverso multidimensional e densamente povoado*. Isso inclui três áreas principais de foco, com vários subdomínios de exploração:

1. **O cultivo de consciência multidimensional** para facilitar a percepção consciente das amplas realidades "invisíveis" do multiverso no qual estamos inseridos.<sup>10</sup>

2. **O desenvolvimento de uma humanidade centrada na galáxia** por meio da exploração das dinâmicas culturais que tornam esse tópico tão tabu, para cultivar compaixão e conexão com uma ampla gama de inteligências não humanas.

**3. O estabelecimento de uma metaciência integrativa** capaz de dar sentido não reducionista à ampla gama de exofenômenos para os quais temos evidências sólidas.

No cerne dos Exoestudos está a questão das inteligências não humanas (INHs) e nossas interações com elas. Os Exoestudos também abrem espaço para o que podemos chamar de inteligências multiversos, humanos multiversos ou inteligências humanas galácticas, todas referindo-se às diversas inteligências humanas, semelhantes a humanos e com aparência humana que podem ser encontradas em contextos galácticos, linhas de tempo alternativas, realidades paralelas e outras dimensões. Assim, neste artigo, INHs serão usadas em seu sentido mais amplo, incluindo INHs com aparência humana e humanos multiversos, que são diferentes dos humanos que vivem na Terra em nossa atual realidade consensual "3D".<sup>11</sup>

Este artigo se concentrará em INHs, visto que esta área serve como um poderoso ponto de entrada para os Exoestudos. Na Parte 1, apresentarei uma nova taxonomia de INHs baseada em uma revisão aprofundada da literatura, incluindo 12 fontes importantes. Essa nova taxonomia será construída a partir da resposta a quatro perguntas fundamentais. Após apresentar essa taxonomia, fornecerei uma visão geral das 10 hipóteses mais comuns usadas para explicar as INHs e, em seguida, proporei uma nova décima primeira hipótese – a *Hipótese de Enaço Mútua* (HEM) – que se baseia nas características centrais de todas as outras. Na Parte 2, tendo apresentado a nova taxonomia, discutirei o status ontológico das INHs no contexto da HEM. Para isso, apresentarei o conceito de *duplicidade* dos Exoestudos (e.g., como os UFOs são simultaneamente físicos e psíquicos). Isso estabelecerá o contexto para explorarmos a questão: "O que é real?". Em seguida, apresentarei o Quem x Como x Quê do *Pluralismo Integral*, explorando oito exemplos provocativos de INHs e sua enaço mútua.

## Parte 1: Inteligências Não Humanas

Um dos aspectos mais fascinantes e controversos dos UFOs é o tema das inteligências não humanas (INHs) associadas a eles. As principais questões são: "Quem pilota essas naves?", "De onde elas vêm?", "O que elas querem?", "O que elas são?" e "Elas são reais?".

Existe uma visão culturalmente predominante de que todos os "alienígenas" são monstros grotescos (e.g., o xenomorfo) a serem combatidos por pessoas como Sigourney Weaver ou alguma versão dos visitantes de Whitley Strieber (1980) – os

Greys com seus braços/pernas finos, cabeça grande e olhos negros envolventes.<sup>12</sup> Em forte contraste, a literatura sobre contactados e experienciadores indica que há pelo menos três dezenas de tipos principais de INHs com centenas de variedades ocorrendo nessas categorias.

### ***Os Humanos Sempre Encontraram INHs***

Desde a década de 1990, Albert S. Rosales (e.g., 2016, 2017) assumiu como missão de vida compilar todos os relatos de encontros humanos com entidades humanoides já documentados. Nos últimos 30 anos, ele acumulou um banco de dados com mais de 18.000 casos, muitos dos quais foram publicados em sua série de 15 livros, *Humanoid Encounters*. Cada volume apresenta os casos que ele coletou de um período histórico específico (e.g., 1 d.C. a 1899, 2010 a 2015). Em média, cada volume tem 300 páginas, resultando em aproximadamente 4.500 páginas de relatos de encontros com humanoides. Tenha em mente que esses encontros com humanoides compilados por Rosales não incluem a ampla gama de encontros com não humanoides, que também ocorreram desde tempos imemoriais. Esses tipos de encontros costumam ser categorizados como criptídeos (isto é, animais incomuns, míticos ou não documentados) ou são tão estranhos que os pesquisadores de UFOs rotineiramente não sabem como compreendê-los, sendo frequentemente ignorados por completo.

Para tornar tudo isso ainda mais confuso, Jacque Vallée, uma das figuras mais importantes na pesquisa sobre UFOs, apontou em seu clássico e, na época, bastante controverso *Passport to Magonia* (1969), que há muita sobreposição entre contos de fadas europeus e os encontros contemporâneos com UFOs. Isso levou a uma longa lista de pessoas que equiparam fadas ("faery") e alienígenas como sendo os mesmos seres, apenas vistos por lentes culturais diferentes.<sup>13</sup> Esta mesma orientação tem sido usada para sustentar a teoria dos "alienígenas antigos", de que fomos visitados por INHs provenientes de estrelas durante milhares de anos, mas que vimos esses encontros através das estruturas culturais de cada época.<sup>14</sup> Da mesma forma, muitas descrições de INHs, que parecem ser compostas de luz ou têm corpos energéticos indistintos, soam mais como anjos do que alienígenas.

### ***Desenvolvendo uma Nova Taxonomia de INHs***

Assim, como sabemos se uma INH está associada a um UFO ou se é extraterrestre, uma faery, um criptídeo, um anjo ou algum outro tipo de ser físico

ou incorpóreo? Até que ponto todos os tamanhos e formas de inteligências não humanas se misturam em uma grande categoria de estranheza? Parece haver muita sobreposição entre esses vários tipos de INHs, e nem sempre é fácil traçar linhas claras e distintas entre eles. Este é um dos aspectos desconcertantes de lidar com UFOs e o motivo pelo qual muitos pesquisadores "práticos" se mantêm distantes do domínio amorfo da consciência e da elevada estranheza que ele deixa entrar. Diante dessas complexidades, desenvolvi uma nova abordagem para categorizar INHs associadas a UFOs, que também pode ser usada com INHs associadas a outros contextos (e.g., criptídeos, encontros paranormais, poltergeists). Minha abordagem foi organizada respondendo quatro conjuntos de perguntas-chave:

1. De onde elas vêm?
2. Qual é a aparência delas?
3. O que elas querem? Por que estão aqui?
4. O que elas são? São reais?

	Exemplo 1	Exemplo 2	Exemplo 3	Exemplo 4
<b>1. Domínio</b>	Galáctico	Celestial	Galáctico	Faerie
<b>2a. Classe</b>	Humanoide	Humanoide	Não Humanoide	Humanoide
<b>2b. Tipo</b>	Grey Baixo	Felino	Exótico	Sasquatch
<b>2c. Variante</b>	3 Dedos	9D Siriano	Ser semelhante a um cérebro	PNW Bigfoot
<b>3. Perspectiva</b>	Intrusa	Observadora	Neutra	Ajudante

**Tabela 1.** Uma Taxonomia de Inteligências Não Humanas

Para responder às três primeiras perguntas, criei a seguinte taxonomia de três camadas/cinco partes:

1. **Domínio:** De onde elas vêm?
2. **Aparência:** Como elas se parecem?
  - **Classe:** tipo corporal (humanoide ou não humanoide)
  - **Tipo:** morfologia (características corporais gerais)
  - **Variante:** fenótipo (características e comportamentos adicionais)
3. **Perspectiva:** O que elas querem? Por que estão aqui?

Você pode ou não concordar com minhas identificações ilustrativas para cada nível da Tabela 1. Espero, no entanto, que você concorde que é útil desenvolver uma taxonomia que permita a pesquisadores e experienciadores uma forma melhor

de comparar e discutir as INHs. As pessoas são incentivadas a usar esta taxonomia da maneira que melhor se adapte às suas próprias necessidades.

A seguir, apresento brevemente a taxonomia de cinco partes, conforme apresentada na Tabela 1. Cada seção abaixo é organizada pelas principais questões associadas a cada uma das três camadas da taxonomia: Domínio, Aparência (Classe, Tipo e Variante) e Perspectiva. O objetivo aqui é inspirar novas formas de pensar e discutir as INHs. Após abordar cada uma dessas três camadas da taxonomia, podemos voltar nossa atenção para o quarto conjunto de perguntas: "O que são elas? Elas são reais?". Nesse ponto, apresentarei as principais hipóteses usadas para explicar o que são as INHs. Isso preparará o cenário para a introdução da Hipótese de Enação Mútua (HEM), que busca integrar o melhor de todas as outras hipóteses. Assim, vamos começar analisando os três principais domínios ou reinos de onde se originam as INHs.

## DE ONDE ELAS VÊM?

### *Três Domínios: Fairie, Galáctico e Celestial*

Uma abordagem comum para categorizar as INHs é dividi-las com base em sua relação com planetas: elas estão ligadas a um único planeta, a vários planetas ou, de alguma forma, estão além dos planetas. Outra camada dentro desse contexto que considero é: seus corpos são primariamente físicos, sutis ou causais em essência? Por exemplo, existem espíritos da natureza, gênios locais e elementais que são dotados de corpos de energia sutil e normalmente estão ligados à terra ou aos processos naturais de um planeta específico. Esses seres vivem principalmente nos domínios etéricos ou sutis de *Faerie* e são chamados coletivamente de *Fae*.

Em seguida, algumas INHs são de planetas físicos ou conectadas a múltiplos planetas e possuem tecnologias de tempo-espço para visitar outros planetas e dimensões. Essas INHs estão associadas ao domínio denso ou físico, mesmo que possam se "desmaterializar" em um piscar de olhos (ou seja, extraterrestres), embora em alguns casos tenham um corpo parafísico ou sutil e possam estar associadas a outras dimensões de tempo-espço (ou seja, extradimensionais). Esses seres são chamados de *Galácticos* para indicar que vêm de outros planetas, usam tecnologia para explorar ou interagir com diversos tipos de planetas ou estão associados a dimensões de tempo-espço galácticas.

Por fim, existem INHs associadas a frequências vibracionais mais elevadas (e.g., energias sutis ou causais transcendentais) que geralmente se manifestam

como seres de luz. Elas são chamadas de *Celestiais* para destacar que vivem em domínios além de planetas e realidades dimensionais. Os Celestiais incluem seres que muitas vezes são considerados anjos e arcanjos, bem como seres como *Gaia Sophia*. Em resumo, os *Fae* são seres sutis conectados a um único planeta; os *Galácticos* são uma mistura de seres físicos, sutis e, às vezes, causais, conectados a múltiplos planetas ou realidades galácticas; e os *Celestiais* são seres causais ou de luz que não estão necessariamente conectados a nenhum planeta. Cada um deles está conectado a um reino ou domínio ontológico diferente: *Faerie*, *Galáctico* ou *Celestial*.

Conforme indicado na Tabela 2, quatro pesquisadores de INHs chegaram, de forma independente, a mais ou menos as mesmas três categorias descritas acima. Uma cartografia expandida que inclua pelo menos esses três domínios é necessária ao lidar com fenômenos de UFOs, pois não é incomum que mais do que apenas Galácticos participem de um encontro. Como é o caso com o restante da taxonomia, essas categorias não pretendem ser rígidas ou exclusivas. Por exemplo, há relatos de vários tipos de *Fae* vivendo em outros planetas (e.g., elfos de Sirius) que conseguem se conectar conosco aqui na Terra. Da mesma forma, Celestiais podem estar fortemente associados a um único planeta (e.g., Gaia). Como resultado, alguns tipos de INHs podem representar com precisão ou estar conectados a dois ou até mesmo a todos os três domínios.

	<b>Fae</b> Este planeta (Domínio Sutil)	<b>Galácticos</b> Outros planetas (Domínio Físico+)	<b>Celestiais</b> Além dos planetas (Domínio Causal)
<b>Graham Hancock (2006)</b>	Fairies (Fadas)	Alienígenas	Espíritos
<b>Philip Imbrogno (2008)</b>	Jinns (Gênios)	Extraterrestres	Anjos
<b>Alex Rachel (2013)</b>	Terrestres	Extraterrestres	Celestiais
<b>Vanessa Lamorte (2015)</b>	Elementais	Galácticos	Angélicos

**TABELA 2.** Inteligências Não Humanas Associadas a Cada Domínio

Embora possamos estar inclinados a associar apenas os Galácticos aos UFOs, a literatura sobre encontros nos mostra que, mesmo no âmbito de um contexto de UFOs, seres de todos os três domínios (*Fae*, Galácticos e Celestiais) podem aparecer e aparecem. Isso levanta a questão das interconexões entre as INHs associadas a esses três diferentes domínios. No âmbito de cada domínio, podem ser encontradas INHs humanoides e não humanoides. Essa distinção é abordada na segunda parte da taxonomia, que se concentra na aparência ("Qual é a aparência delas?") por meio das três subcamadas de Classe, Tipo e Variante.

## QUAL É A APARÊNCIA DELAS?

### ***Duas Classes: Humanoide e Não Humanoide***

Após determinar a qual domínio uma INH basicamente pertence, o próximo passo no processo de classificação é identificar se a INH é *humanoide* ou *não humanoide* em termos de forma corporal. Para maior clareza, vamos diferenciar ambos os termos de *hominídeo*. *Hominídeo* é um termo científico que se refere a todos os membros da família dos Grandes Primatas, incluindo chimpanzés, orangotangos, gorilas-da-montanha, espécies humanas extintas (e.g., *Homo floresiensis*, *Homo neanderthalensis*) e humanos modernos. Vale ressaltar que *Sasquatches* poderiam ser considerados hominídeos. *Humanoide*, por outro lado, é um termo mais geral que significa ter a forma de um humano, mas não necessariamente relacionada aos Grandes Primatas ou aos humanos. O termo taxonômico não humanoide significa simplesmente qualquer forma corporal que não se pareça com a de um humano. Nesta seção, apresento a Tabela 3, que detalha 33 tipos de INHs organizadas por classe (e.g., humanoide) e tipo (e.g., insectoide). Creio que focar esses dois elementos (isto é, classe e tipo) na taxonomia, fornece a metavisão mais útil da variedade de INHs encontradas na literatura experiencial (bem como na literatura ocultista e paranormal).

Curiosamente, a maioria das INHs relatadas são humanoides. Em outras palavras, elas se parecem conosco. Se é assim, alguns se perguntam, isso significa que tais humanoides são apenas projeções da nossa própria (sub)consciência? Afinal, por que um universo vasto e criativo daria origem principalmente a seres inteligentes com duas pernas, um tronco, dois braços com mãos (com 3 a 6 dedos) e uma cabeça? Não seria este apenas mais um exemplo do nosso narcisismo antropocêntrico?

Portanto, há boas razões para desconfiar um pouco de que a vasta maioria das INHs seja descrita como humanoide. No entanto, alguns pesquisadores de INHs indicam que essa estrutura corporal pode conferir vantagens evolutivas, incluindo a capacidade de desenvolver tecnologia de exploração espacial ou de viagens no tempo, necessária para visitar mundos distantes. Outros destacam que essa estrutura corporal de cinco pontas (dois braços, duas pernas e uma cabeça) é um modelo geométrico sagrado para a inteligência, como representado pelo Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci. Além disso, vários relatos da história galáctica indicam que os humanos da Terra derivam de raças diversas que poderiam ser consideradas humanos galácticos (e.g., Royal & Priest, 2011). Onde poderíamos ter diferentes conexões genéticas com múltiplos tipos de INHs humanoides.

			FREE Inc.	M. Salla	S. Nidle	P. Huyghe	A.L. Webre	N. Redfern	L.M. Howe	M. Mendonça	A.S. Clarke	V. Narada	R. Boylan	D.E. McDaniel
	<b>Tipos de INH</b>	<b>Totais</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>
	<b>HUMANOIDE</b>													
1	Aparência Humana	12												
2	Reptilianos	12												
3	Greys Baixos	11												
4	Insectoides	11												
5	Greys Altos/Branços	9												
6	Híbridos/Clones	9												
7	Anões/Não Greys Baixos	9												
8	Gigantes (2,4-3,6+ m)	9												
9	Sasquatches/Bigfoot	6												
10	Aves	6												
11	Cetáceos	6												
12	Anfíbios	6												
13	Felinos	5												
14	Espíritos/Fantasmas	5												
15	Seres de Energia/Luz	6												
16	Mini-humanos	5												
17	Sidhe/Elfos/Fae	5												
18	Robóticos/IA (metálicos)	5												
19	Robóticos/IA (carnosos)	5												
20	Men in Black (MIBs)	4												
21	Seres das Sombras	3												
22	Mamíferos	3												
23	Sereias e Tritões	2												
24	Caninos	1												
25	Equinos	1												
	<b>NÃO HUMANOIDE</b>													
26	Orbes/Névoas/Neblinas	5												
27	Seres de Plasma/Partículas	4												
28	Animais Grandes/Criptídeos	3												
29	Animais Pequenos/Criptídeos	3												
30	Exóticos/Geométricos	3												
31	Complexos Sociais	3												
32	UFOs Vivos/Orgânicos	3												
33	Semelhantes a Plantas	1												
		<b>Totais</b>	<b>12</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>16</b>	<b>21</b>	<b>19</b>	<b>13</b>	<b>23</b>	<b>18</b>	<b>17</b>	<b>12</b>	<b>16</b>

**TABELA 3.** Tipos de Inteligências Não Humanas

A literatura sobre encontros fornece alguns exemplos de tipos não humanoides de INHs. No entanto, esses geralmente recebem menos atenção, possivelmente porque são tão estranhos e "alienígenas" para nós, a ponto de, inconscientemente, sermos atraídos por aqueles tipos de INHs que se parecem mais conosco e agem de forma semelhante. Por outro lado, podemos ser visitados com mais frequência por INHs humanoides porque elas são atraídas a interagir conosco, já que nós mesmos somos humanoides.

## **Múltiplos Tipos**

Autores e pesquisadores de INHs tendem a usar as palavras *espécie*, *raça* e *tipo* de forma intercambiável. Em biologia, *espécie* refere-se a animais que podem se reproduzir entre si. *Raça* é, às vezes, usada para se referir a um subgrupo dentro de uma espécie (ou seja, classes). Assim, *raça* geralmente aponta para diferenças na biologia, enquanto *etnicidade* aponta para diferenças na cultura. Como qualquer uso técnico de *espécie*, *raça* ou *etnicidade* realmente requer uma compreensão exobiológica e exossociológica das INHs que, atualmente, não possuímos, optarei por usar o termo mais genérico "tipo" para me referir às diferenças na morfologia das INHs (ou seja, a forma geral e a relação entre estruturas do corpo).

Por exemplo, existem muitas descrições na literatura sobre encontros que indicam que alguns Reptilianos são lagartos bípedes de sangue frio, enquanto outros são descritos como mamíferos bípedes de sangue quente com características semelhantes às dos répteis. Assim, como você pode ver, ainda não estamos em condições de dizer muito sobre as diferenças biológicas (ou energéticas) entre os tipos de INHs, e o melhor que podemos fazer, por enquanto, é nos referir à sua morfologia (e.g., se são altos ou baixos, peludos ou de pele lisa, se têm aparência humana ou se assemelham a um animal).

Com o intuito de obter uma noção acurada de quantos tipos de INHs são encontrados por humanos em um contexto de UFOs, identifiquei 12 fontes que provêm uma visão geral das INHs ou que contêm numerosos exemplos de vários tipos de encontros com INHs. O Apêndice 2 apresenta uma bibliografia comentada de todas as 12 fontes usadas na Tabela 3. As fontes chegaram às suas listas por meio de pesquisa e análise da literatura sobre UFOs, canalização de INHs ou conversas diretas com experienciadores. Algumas fontes foram sistemáticas, enquanto outras, mais idiossincráticas. Poucas fontes datam de meados da década de 1990 e as demais ocorreram a partir de 2012 e, como tal, são bastante recentes.

Os autores e artistas referenciados para criar a Tabela 3 em geral elaboraram seus próprios sistemas de categorização ou organização de inteligências não humanas (INHs). Assim, quase todos usam rótulos ou distinções diferentes entre si, embora haja muita sobreposição entre as INHs mais comumente relatadas (ou seja, os cinco a oito tipos mais comuns listados na Tabela 3), com maior divergência nos rótulos ocorrendo entre os tipos menos relatados.

Fiz o meu melhor para criar uma estrutura geral que pudesse acomodar tanto as fontes que utilizei aqui quanto fontes adicionais não representadas na tabela. Algumas categorias das 12 fontes utilizadas se sobrepuseram às minhas, enquanto

outras exigiram que eu traduzisse seu sistema para um conjunto mais geral de distinções. No entanto, mesmo estas se sobrepõem um pouco e, às vezes, a descrição de uma INH pode ser enquadrada em mais de uma categoria. Assim, o objetivo da Tabela 3 é ajudar a ilustrar a variedade e a distribuição de INHs encontradas na literatura sobre UFOs, provenientes de diversas fontes (canalizações, encontros diretos, depoimentos em primeira pessoa e pesquisas). Embora eu possa imaginar que essa tabela, ou uma versão revisada, possa ser útil para pesquisar e compreender encontros com INHs em outros contextos não relacionados a UFOs (e.g., folclore, psicodélicos, criptozoologia, experiências fora do corpo), há vários metapadrões que emergem dela que vale a pena serem destacados:

- **Humanoide versus não humanoide:** Existem 25 tipos humanoides e 8 tipos não humanoides. Claramente, os tipos humanoides são melhor representados na literatura e em relatos. Além disso, o total de tipos não humanoides é bem baixo em comparação com a categoria humanoide. Isso ressalta as questões interessantes levantadas na seção anterior sobre se os humanos estão realmente encontrando mais humanoides ou se tendemos a projetar nossa semelhança no desconhecido.

- **As cinco principais INHs:** Há anos, existe um consenso informal nos círculos ufológicos de que as INHs mais comuns são as de Aparência Humana, Greys Baixos e Altos, Reptilianos e Insectoides. A análise confirma que essas são provavelmente as INHs mais comuns encontradas.

- **As cinco principais fontes:** As fontes com o maior número de tipos de INHs representadas incluíram entre 17 e 23 tipos de INH (de um total de 33). Entretanto, mesmo as fontes com o maior número de tipos de INHs representadas, ainda assim, incluíam apenas 50 a 70%. Portanto, nenhuma fonte fornece uma visão geral abrangente das INHs. No entanto, essas cinco fontes incluem 32 dos 33 tipos listados. Isso destaca a importância de trabalhar com múltiplas fontes de encontros com INHs para obter um panorama completo.

- **A pesquisa FREE:** A pesquisa FREE apresentou apenas 12 tipos de INHs, mas, como observado na bibliografia comentada (Apêndice 2), ela apresentou uma categoria de "Outros" que contém centenas de tipos que não se enquadram nas outras nove categorias de humanoides. Isso destaca que as pessoas provavelmente estão se deparando com uma gama mais ampla de INHs do que a comumente reconhecida ou mesmo descrita na Tabela 3. Portanto, taxonomias expandidas de INHs, como a apresentada aqui, são úteis para fornecer uma visão geral mais acurada dos encontros com INHs. Entretanto, com o tempo, podemos descobrir que

até mesmo essa taxonomia precisa ser expandida para representar plenamente a diversidade de INHs.

Agora que identifiquei 33 tipos diferentes de INHs, vamos dar uma olhada nos tipos de variações que foram relatadas na literatura sobre experiências.

### ***Centenas de Variantes***

Para os 33 tipos de INHs apresentados na Tabela 3, existem muitas variantes no âmbito de cada tipo. Essas variantes podem ser entendidas como a aparência de cada INH em termos de seu fenótipo (ou seja, todas as características mensuráveis, incluindo aparência física/energética e comportamento) ou de onde ela veio. Por exemplo, existem muitos tipos diferentes de Reptiliano descritos com base em de quais planetas ou sistemas estelares eles provêm ou de suas características físicas/energéticas específicas. Portanto, embora o Reptiliano seja um dos 33 principais tipos de INHs no âmbito desta categoria, provavelmente existem dezenas de variações e subgrupos desse tipo.

Alguns dos planetas e sistemas estelares mais comuns mencionados na literatura experiencial são:

- |                 |                 |                 |
|-----------------|-----------------|-----------------|
| • Alfa Centauro | • Tau Ceti      | • Órion         |
| • Lira          | • Andrômeda     | • Alfa Draconis |
| • Vega          | • Sírius A & B  | • Nibiru        |
| • Plêiades      | • Arcturus      | • Camelopardis  |
| • Prócion       | • Zeta Reticuli | • Ummo          |

Os planetas ou sistemas estelares associados às INHs galácticas são apenas uma fonte de variantes. Outras variantes notáveis de INHs são:

- *Life on Other Planets* (1758/2006), de Emanuel Swedenborg, apresenta cerca de uma dezena de ETs não físicos associados a planetas do nosso sistema solar.

- O sargento Clifford Stone (2011, p. 91) fala sobre como seu emprego como sensetivo para as Forças Armadas envolveu trabalhar com 57 tipos diferentes de INHs descritas em um livro editado por militares.

- Mary Rodwell, em seu livro *The New Human* (2016, p. 135), fala sobre a existência de mais de 165 tipos de Greys.

- David Wilcock, em seu livro *Ascension Mysteries* (2016, p. 344), fala sobre seu informante, Jacob, afirmando que existem mais de 5.000 civilizações inteligentes em um raio de 1.000 anos-luz do nosso sistema solar. Jacob relatou ter visto pessoalmente mais de 400 tipos diferentes de ETs em um total de cerca de 200 locais fora do planeta. Ele disse que alguns desses ETs eram humanos ou semelhantes a humanos, enquanto outros eram humanoides.

- Jefferson Viscardi e Rob Gauthier, em seu livro *Extraterrestrial Life, Galactic Humans* (2013), descrevem em detalhes 12 raças humanas galácticas com alturas que variam de 0,8 a 2,8 metros (a maioria em torno de 1,8 m) e expectativa de vida que varia de 220 a 1.500 anos (a maioria vivendo em torno de 1.000 anos).

- Monica Szu-Whitney e Gary Whitney, em *Portals & Corridors* (1999), apresentam 24 habitantes do hiperespaço que parecem bem diferentes da maioria das representações de INHs.

- *Alien Races and Different Worlds* (2018), de Falco Tarassaco, apresenta 22 ETs e EDs bastante incomuns.

- Barbara Lamb (2019) relata que, por meio de seu trabalho com experienciadores, tem conhecimento de 89 tipos diferentes de INHs.<sup>15</sup>

Os exemplos acima são apenas uma amostra de algumas das fontes que pintam um panorama mais amplo em torno da variedade de INHs. Claramente, existe uma diversidade muito maior de INHs na literatura sobre UFOs e de experienciadores do que em geral se reconhece. Dada essa variedade de INHs, o que se pode dizer, se é que algo pode ser dito, sobre o que elas querem ao vir à Terra ou interagir com humanos? A variedade de interiores de INHs (motivos e intenções) corresponde à diversidade de seus exteriores (comportamentos e fenótipos)?

## O QUE ELAS QUEREM?

### ***Quatro Perspectivas: Intrusa, Manipuladora, Ajudante, Observadora***

Então, o que todas essas INHs, que interagem com humanos, querem? Vários pesquisadores categorizaram as INHs com base em sua orientação moral ou perspectivas em relação aos seres humanos. Por exemplo, Michael Salla (2004) desenvolveu um esquema exopolítico baseado em quatro perspectivas principais, que utilizo aqui (Intrusa, Manipuladora, Ajudante e Observadora). Da mesma forma, Richard Dolan e Bryce Zabel (2010) identificam seis respostas para a

pergunta "O que elas querem?". A seguir, combino as abordagens de Salla e Dolan/Zabel e as desenvolvo. Essa lista não pretende ser exaustiva, mas sim fornecer uma visão geral de algumas das motivações mais comuns observadas na literatura.

- **Intrusa**

- Elas querem nossos recursos naturais (e.g., água, minerais, ouro).
- Elas querem nossa biodiversidade (e.g., espécimes de plantas e animais).
- Elas querem humanos (e.g., abduções) para aprender mais sobre eles.
- Elas têm motivações que não conseguimos conceber.

- **Manipuladora**

- Elas querem nosso DNA para aumentar seu estoque genético próprio.
- Elas querem produzir híbridos para dominar a Terra.
- Elas querem gerar medo como fonte de alimento energético.
- Elas controlam a sociedade humana há muito tempo e querem continuar a fazê-lo.

- Elas usaram e continuam usando humanos para trabalho escravo.
- Elas têm motivações que não conseguimos conceber.

- **Ajudante**

- Elas querem apoiar a proteção ambiental.
- Elas querem evitar a guerra nuclear.
- Elas querem catalisar a transformação humana e expandir a consciência.
- Elas querem ajudar os humanos a se tornarem uma civilização galáctica.
- Elas querem ajudar os humanos a resistirem e superarem as INHs negativas.
- Elas estão criando híbridos para construir uma ponte entre os humanos e outras raças galácticas.
- Elas têm motivações que não conseguimos conceber.

- **Observadora**

- Elas estão esperando pacientemente e observando a humanidade enquanto ela amadurece.

- Elas estão aprendendo como as polaridades e a evolução ocorrem na Terra.
- Elas não têm permissão para interferir devido a alguma versão da Primeira Diretriz.<sup>16</sup>
- Elas nos consideram um dos melhores shows da galáxia (isto é, a hipótese do zoológico).
- Elas têm motivações que não conseguimos conceber.

Observe que, em cada categoria, incluo a possibilidade de que "elas tenham motivações que não conseguimos conceber". Isso serve como um lembrete de que as perspectivas das INHs, mesmo no âmbito de cada uma das quatro orientações básicas apresentadas acima, provavelmente serão bem alienígenas e "estranhas" às nossas próprias formas de pensar.

Agora que examinamos as três camadas da minha proposta de taxonomia de INHs (Domínio, Aparência e Perspectivas), vamos analisar as hipóteses que os pesquisadores desenvolveram ao longo dos anos para explicar o que são essas INHs. Isso nos ajudará a começar a responder às perguntas "O que são elas?" e "Elas são reais?"

## O QUE SÃO ELAS?

### *As 10 Hipóteses Mais Comuns*

Existem pelo menos 10 grandes grupos de explicação para quem ou o que são essas INHs com as quais as pessoas se encontram amiúde. Cada uma dessas hipóteses contém variações que geralmente não concordam entre si. Não estou tentando minimizar a diversidade de explicações, mas sim fornecer uma visão geral das principais posições. Além disso, suspeito que essa lista apresente mais diversidade do que muitos pesquisadores de UFOs/INHs estão acostumados a encontrar em um só lugar. Normalmente, vejo apenas duas ou três das seguintes hipóteses reconhecidas ao mesmo tempo. Essas hipóteses estão ordenadas livremente, das mais conhecidas e/ou populares para aquelas mais recentes ou menos citadas na literatura. As 10 hipóteses mais comuns são:

- **A Hipótese Extraterrestre (HET):** INHs são seres biológicos e/ou artificiais de outros planetas ou sistemas estelares que desenvolveram alguma forma de viagem interestelar capaz de manipular o tempo-espaco para cobrir vastas distâncias. Elas incluem os híbridos humano-alienígenas que têm sido consistentemente relatados por abduzidos. Essa foi a explicação preferida na

ufologia das décadas de 1940 a 1970 e ainda permanece a visão mais popular na consciência pública.

- **A Hipótese Extradimensional (HED):** INHs são seres biológicos e/ou energéticos que vivem em outras dimensões ou mundos paralelos e que conseguem entrar em nosso mundo por meio de sua própria tecnologia, de seus poderes de consciência ou por portais naturais que se abrem entre nossos mundos. Uma variante dessa hipótese é a *Hipótese Ultraterrestre* (HUT), proposta por John Keel (1975/2013), que considera as INHs como seres nativos da Terra que nos manipulam de uma dimensão diferente. O conceito de *criptoterrestres* de Mac Tonnies (2013) é uma versão recente da posição de Keel. Uma versão menos nefasta dessa hipótese é a *Hipótese Intraterrestre* (HIT), que afirma a existência de INHs vivendo "dentro" da Terra em outras dimensões, como na cidade de Telos, sob o Monte Shasta, na Califórnia. A HED ganhou muita popularidade desde a década de 1970, visto que a HET, para muitos, não conseguiu explicar os aspectos mais bizarros dos fenômenos UFO.

- **A Hipótese de Viagem no Tempo (HVT):** INHs são, na verdade, humanos do futuro. Embora possam não se parecer exatamente conosco devido a dinâmicas evolucionárias futuras, modificações genéticas e/ou à destruição do nosso/delas meio ambiente. O trabalho recente de Michael Masters (2019) sobre *extratemporais* é um bom exemplo dessa abordagem. Os Greys são frequentemente vistos como versões futuras de nós mesmos.

- **A Hipótese Militar Obscura (HMO):** INHs são, na verdade, o resultado de operações obscuras e programas militares secretos que utilizam tecnologia avançada para produzir manipulação psicológica e, em alguns casos, formas de vida programadas (FVPs) para enagir abduções e gerar certos tipos de experiências de UFOs. Essa hipótese pressupõe que essas operações militares foram bem-sucedidas na aquisição ou engenharia reversa de seus próprios UFOs. Steven Greer (2006) frequentemente apresenta versões dessa hipótese para explicar encontros negativos com INHs. Sua visão é que todos os ETs e EDs "reais" são benévolos.

- **A Hipótese Psicossocial (HPS):** INHs são o resultado de dinâmicas psicossociais, como histeria coletiva, manifestações arquetípicas e fenômenos PSI coletivos. Essa visão também tende a enfatizar as estruturas culturais usadas para interpretar as INHs em diferentes períodos (e.g., encontros com fadas europeias ou anjos e demônios medievais como alienígenas do passado). Essa abordagem é mais frequentemente associada ao clássico *Flying Saucers: A Modern Myth og Things Seen in the Sky* (1959), de Carl Jung. *How UFOs Conquered the World* (2015), de David Clarke, é um bom exemplo contemporâneo dessa perspectiva.

• **A Hipótese de Luzes da Terra (HLT):** INHs são o resultado de tensão tectônica, linhas ley, interação da água com solos arenosos e outras dinâmicas eletromagnéticas, que produzem vários fenômenos luminosos (e.g., orbes, luzes da Terra, luzes espectrais, luzes fantasmagóricas) que podem parecer sencientes ou inteligentes. Essa hipótese surgiu no final da década de 1970 e início da década de 1980 com a pesquisa de Michael Persinger & Gyslaine Lafreniere (1977) sobre transientes espaço-temporais e o trabalho de Paul Devereux (1982, 1990) sobre luzes da Terra. A Teoria da Tensão Tectônica de Persinger tem sido usada para explicar luzes brilhantes e seus movimentos aparentemente inteligentes.

• **A Hipótese Intrapsíquica (HIP):** INHs são o resultado de diferentes processos psicológicos (e.g., falsa memória, projeção, trauma, sono hipnagógico, estados alterados de consciência, alucinações desencadeadas por campos magnéticos). Essa hipótese é geralmente evocada para descartar o conceito de INHs ou reduzi-las a fantasia. Susan Clancy (2005), da Universidade de Harvard, defende essa visão.<sup>17</sup> No entanto, acredito que há aspectos não céticos dessa hipótese que podem ser usados para melhor compreender as INHs como seres psicológicos, culturais e até mesmo ontológicos multidimensionais "reais".<sup>18</sup>

• **A Hipótese Cocriativa (HCC):** INHs são seres independentes (ETs físicos ou EDs energéticos), mas nossa experiência com eles e a percepção de como eles se apresentam são resultado de um processo cocriativo influenciado por: 1) a capacidade das INHs de transformar sua aparência como acharem adequado para facilitar o encontro, 2) nossas próprias expectativas e estruturas culturais, e 3) nossos vieses cognitivos inconscientes de percepção, que entram em ação para nos ajudar a dar sentido a estímulos paranormais que não se encaixam em nossa amplitude normal de percepção e construção de significado. Essa hipótese está associada a Greg Bishop (2016, 2017).

• **A Hipótese de Inteligência Artificial (HIA):** Algumas INHs são, na verdade, formas de vida programadas (FVPs) ou andróides. Por exemplo, os Greys Baixos são frequentemente relatados como abelhas operárias semelhantes a robôs. Em toda a literatura sobre encontros, há relatos de encontros com o que parecem ser robôs ou várias formas de inteligência artificial humanoide. Da mesma forma, UFOs têm sido, em alguns casos, descritos como drones não tripulados ou "máquinas vivas".

• **A Hipótese de Civilização Separatista (HCS):** Muitas INHs, especialmente as de "aparência humana", são na verdade humanos da Terra ou humanos de fora do planeta que fizeram parte de uma civilização separatista emergente, começando, potencialmente, com o mistério do dirigível do final dos anos 1800 associado a Charles Dellschau e ao Aeroclube de Sonora.<sup>19</sup> Acredita-se que esse grupo

separatista tenha se tornado viajante espacial na década de 1930, quando o programa nazista "Die Glocke" (O Sino) abriu caminho para o surgimento de programas espaciais secretos (PESs). Outros, como Michael Schrott (2020), apontam para outubro de 1954, quando os militares dos EUA supostamente fizeram um avanço na tecnologia antigravidade, o que levou a um ponto de bifurcação, resultando em um grupo separatista construindo seus próprios UFOs. Como resultado, muitos UFOs legítimos avistados são potencialmente naves interestelares pertencentes a esse grupo e seus PESs. Richard Dolan (2016), o famoso historiador de UFOs e do estado de segurança nacional, forneceu recentemente uma visão geral de como uma civilização separatista poderia ter surgido.

Acredito que essas várias hipóteses não se excluem mutuamente e podem ser integradas. Todas podem ser precisas ou úteis para descrever diferentes aspectos dos fenômenos UFO. Em alguns casos, mais de uma hipótese pode ser aplicada a alguma ocorrência ou situação. Se algo se tornou óbvio nos últimos 80 anos, é que UFOs e INHs não são facilmente explicados em sua totalidade por uma única teoria ou abordagem. Assim, nos últimos anos, venho desenvolvendo o que chamo de Hipótese de Enação Mútua (HEM).<sup>20</sup>

## Uma Nova Hipótese Integrativa de INHs

Da perspectiva dos Exoestudos, cada uma das 10 hipóteses delineadas acima é reconhecida como "verdadeira, mas parcial". Cada uma delas lança uma luz única sobre a complexidade e a natureza multivalente dos UFOs e das INHs a eles associadas. Há anos, venho lidando com as manifestações mercuriais dos fenômenos UFO em todas as suas expressões anômalas e paranormais. Diferentes relatos na literatura ou experiências de pessoas com quem converso frequentemente parecem mais bem explicados por uma ou duas (às vezes três) das 10 hipóteses. Mas nenhuma das 10 (nem qualquer combinação de várias delas) parece adequada para a maioria das expressões dos fenômenos. Isso me levou consistentemente à sensação de que todas as hipóteses estão corretas ou parcialmente corretas, dependendo do que está sendo examinado ou discutido. Como resultado, tenho explorado como apresentar uma nova hipótese que seja informada pelos melhores aspectos das outras 10. Aqui está um breve resumo da Hipótese de Enação Mútua (HEM), seguida por uma apresentação mais detalhada:

**A Hipótese de Enação Mútua (HEM):** INHs são um dos cinco principais tipos de seres que contribuem de modos mutuamente enagentes entre si e para a

manifestação dos fenômenos (ou seja, UFOs, ocorrências anômalas e paranormais). Todos os cinco tipos de seres (isto é, humanos, INHs, luzes da Terra, formas-pensamento e arquétipos) são influenciados de inúmeras formas por energias eletromagnéticas. Esses cinco tipos de seres existem no âmbito de uma matriz ontológica que inclui pelo menos três eixos/espectros distintos: *estações* (onde se originaram e onde estão atualmente localizados), *independência* (quanto livre-arbítrio eles têm) e *substância* (de que tipos de matéria/energia seus corpos são feitos). A localização de um ser em todos os três espectros determina seu status ontológico. Esta hipótese é o resultado de uma meta-análise sustentada pelas outras 10 hipóteses e proporciona uma potencial integração dos principais insights e distinções de cada uma delas.

No contexto da HEM, um *ser* é qualquer entidade percebida e vivenciada por outros seres como ontologicamente distinta deles, independentemente dos quatro domínios ontológicos aos quais o ser esteja original ou primariamente associado. Os quatro domínios ontológicos incluem: o domínio subjetivo, com seres tais como formas-pensamento ocultas; o domínio intersubjetivo, com seres tais como divindades arquetípicas; o domínio interobjetivo, com seres tais como luzes da Terra que ocorrem naturalmente; e o domínio objetivo, com seres tais como humanos, baleias e chimpanzés. Esses quatro domínios podem ser apresentados como os quatro quadrantes de Wilber (2006) ou ao longo de um espectro que vai do mais interior ao mais exterior. Como um espectro ontológico, isso forma o primeiro eixo da matriz ontológica: o *espectro de estações ontológicas*. Os outros dois eixos serão discutidos na Parte 2 a seguir. Embora cada ser possa ser associado a um domínio ontológico específico, ele frequentemente apresenta expressões e/ou efeitos causais em todos os quatro domínios. Como será discutido na Parte 2, alguns seres podem, sob certas circunstâncias, deslocar sua *estação ontológica* de um domínio para outro. Em resumo, existem quatro estações ontológicas principais a partir das quais um ser pode se originar ou habitar. No âmbito do domínio objetivo (Seres-Isto), existem tanto inteligências humanas quanto não humanas (INHs). Assim, a Hipótese de Enação Mútua destaca a dinâmica mutuamente enagente entre:

- **Humanos (Seres-Isto):** seres objetivos que vivem na Terra (e, potencialmente, fora do planeta).
- **Inteligências não humanas (Seres-Isto):** seres objetivos que podem ser físicos (isto é, ETs) ou para-físicos ou energéticos (isto é, EDs) e associados aos domínios Fairie, Galáctico ou Celestial.

- **Formas-pensamento (Seres-Eu):** seres intrapsíquicos que emergem na mente de seres objetivos ou a partir dela. No entanto, esses seres podem, sob certas circunstâncias, alcançar semi-independência ou existência completamente independente. Por exemplo, a criação de *tulpas* por meio dos poderes de concentração, como os associados a práticas ocultas.

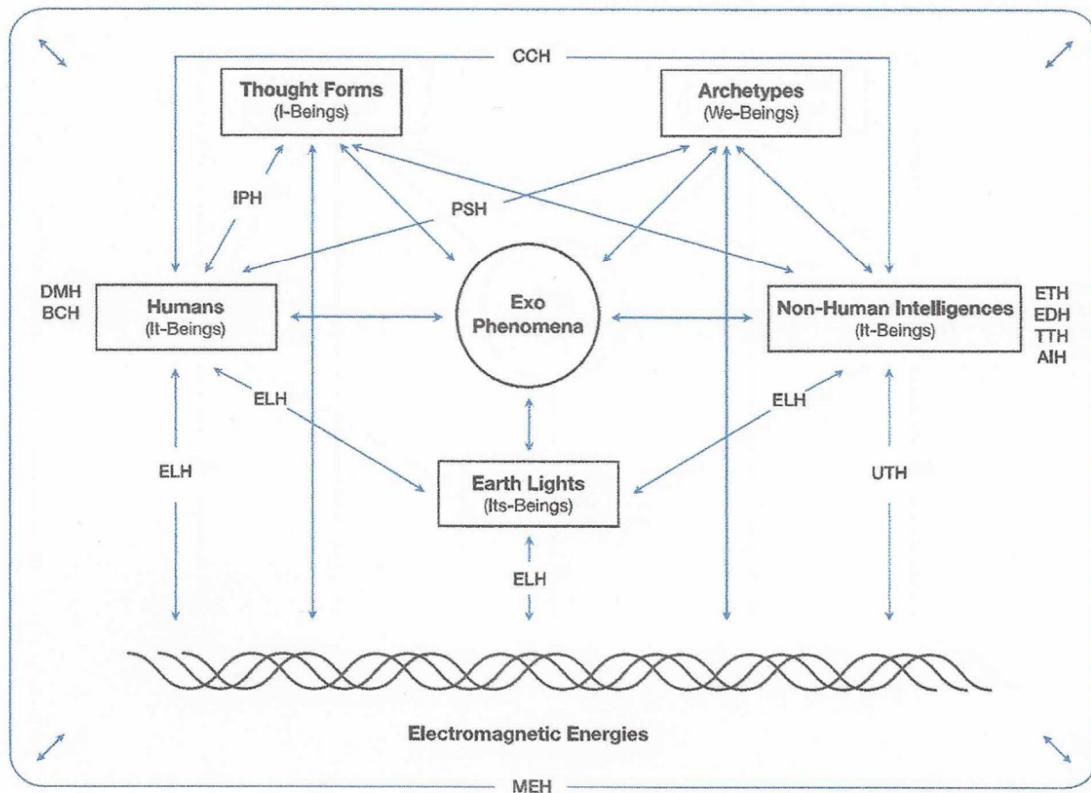
- **Arquétipos (Seres-Nós):** seres *interpsíquicos* que emergem das mentes coletivas de múltiplos seres objetivos, mas que, assim como as formas-pensamento, podem, sob certas circunstâncias, obter semi-independência ou existência completamente independente. Por exemplo, a criação de *egrégoras* por meio do poder da consciência cultural focada ou repetida.<sup>21</sup>

- **Luzes da Terra (Seres-Istos):** seres interobjetivos produzidos por processos naturais da Terra que envolvem eletromagnetismo, como placas tectônicas se chocando, ou características da paisagem, que contêm ou produzem anomalias gravitacionais ou magnéticas. Esses seres são frequentemente chamados de luzes-fantasmas, luzes da Terra, luzes fantasmagóricas e fogos-fátuos. Muitas experiências com essas bolas luminosas as descrevem como inteligentes ou sencientes. Assim, semelhantes a formas-pensamento e arquétipos, esses seres parecem ser capazes, sob certas circunstâncias, de assumir e exibir um nível de semi-independência ou independência potencialmente completa dos observadores. Além disso, muitas INHs foram observadas transformando-se em orbes ou vice-versa.

Em suma, todos os cinco tipos de seres descritos acima contribuem com, e são influenciados por, exofenômenos de diversas formas. A HEM é radicalmente não antropocêntrica, pois leva a sério as perspectivas de todos os cinco tipos de seres e desenvolve maneiras confiáveis de explicar ou representar tais perspectivas. A Figura 1 fornece uma representação gráfica das linhas de enação associadas a várias outras hipóteses. Como você pode ver, cada uma das outras hipóteses contém uma peça do quebra-cabeça ontológico e em geral enfatiza uma "linha" específica de enação.

A Figura 1 também destaca como as energias eletromagnéticas (EEMs) têm o potencial e muitas vezes contribuem diretamente para a atuação de todos os cinco tipos de seres, tanto em termos do que eles percebem quanto de como são percebidos por outros seres. Por exemplo, pesquisas sobre os efeitos das EEMs em seres humanos indicam que elas podem aumentar as capacidades psíquicas humanas de perceber INHs, luzes da Terra e diversas outras realidades paranormais. INHs parecem usar EEMs para ajudá-las a manipular o tempo e o espaço (e.g., para viajar no tempo ou abrir portais para entrar em nosso mundo a

partir de outras dimensões ou realidades paralelas). Formas-pensamento e arquétipos podem se basear e ser substanciados por EEMs, e as luzes da Terra podem ser o resultado direto de EEMs.



#### LEGENDAS DA FIGURA: PRINCIPAIS HIPÓTESES DE INHS

<b>ETH:</b> Extraterrestre	<b>DMH:</b> Militar Obscura	<b>CCH:</b> Cocriativa
<b>EDH:</b> Extradimensional	<b>PSH:</b> Psicossocial	<b>BCH:</b> Civilização Separatista
<b>UTH:</b> Ultraterrestre	<b>ELH:</b> Luzes da Terra	<b>AIH:</b> Inteligência Artificial
<b>TTH:</b> Viagem no Tempo	<b>IPH:</b> Intrapsíquica	<b>MEH:</b> Enação Mútua

**FIGURA 1:** A Hipótese de Enação Mútua

Cada uma das hipóteses de INHs acima também pode ser colocada ao longo do espectro de estações ontológicas (ver Tabela 4). Isso destaca como diferentes hipóteses tendem a interpretar INHs como tendo diferentes graus de status ontológico, dependendo da estação à qual estão associadas, ou mesmo reduzindo-as a diferentes tipos de seres. Assim, a Tabela 4 ilustra como as principais hipóteses de INHs se enquadram no espectro de estações ontológicas, desde INHs sendo meramente fenômenos psicológicos, na extrema esquerda, até sendo existentes (ou seja, tendo existência independente) na extrema direita.<sup>22</sup> Tenha em mente que

cada uma dessas 11 hipóteses possui variações que podem ocupar posições adicionais ou diferentes nesse espectro. Sua colocação atual reflete minha avaliação de sua ênfase principal. Observe que a Hipótese Militar Obscura (HMO) é provavelmente melhor representada como abrangendo três categorias no espectro ontológico, devido à sua mistura de manipulação psicológica, campanhas de desinformação cultural e uso de tecnologia (incluindo seus próprios "UFOs" e potenciais FVPs). A HEM é a única que inclui explicitamente todas as quatro posições ontológicas ao longo do espectro de estações ontológicas e reconhece que as INHs e os outros tipos de seres podem se mover ao longo desse espectro ontológico.

Ainda há muito trabalho filosófico e científico para explorar e esclarecer essas questões de ontologia relacionadas às INHs e aos outros seres em nosso Kosmos Selvagem. Essa metavisão de INHs tem como objetivo prover uma nova estrutura taxonômica e fornecer um conjunto de distinções úteis para a compreensão da ampla gama de diversidade nos encontros humanos com inteligências não humanas. Até agora, exploramos resumidamente todas as quatro perguntas apresentadas no início deste artigo: "De onde vêm as INHs?", "Qual é a sua aparência?", "O que elas querem? Por que estão aqui?" e "O que são elas? São reais?"

Embora cada uma dessas perguntas mereça mais atenção, quero me concentrar na última no restante deste artigo. Afinal, as respostas significativas para as outras questões dependem em grande parte da existência de INHs. No entanto, como argumentarei na Parte 2, elas podem não existir da maneira como estamos acostumados. Descrevi acima um espectro de estações ontológicas que inclui quatro grandes esferas, reinos ou domínios ontológicos e seus tipos de seres associados. Este é um bom conjunto de distinções iniciais. Mas, como veremos na Parte 2, as fronteiras rapidamente se tornam ontologicamente confusas.

<b>Subjetivo</b>  (Psicológico) Seres Intrapsíquicos Formas-pensamento	<b>Intersubjetivo</b>  (Social e Cultural) Seres Interpsíquicos Arquétipos	<b>Interobjetivo</b>  (Sistemas Naturais e Artificiais) Seres Interobjetivos Luzes da Terra e IA	<b>Objetivo</b>  (Existência Independente) Seres Objetivos Seres Biológicos e Sutis
A Hipótese Intrapsíquica (HIP)	A Hipótese Psicossocial (HPS)	A Hipótese de Luzes da Terra (HLT)  A Hipótese de Inteligência Artificial (HIA)	A Hipótese Extraterrestre (HET)  A Hipótese Extra Dimensional (HED)  A Hipótese de Viagem no Tempo (HVT)
A Hipótese Militar Obscura (HMO)			A Hipótese Cocriativa (HCC)  A Hipótese de Civilização Separatista (HCS)
A Hipótese de Enação Mútua (HEM)			

**TABELA 4.** O Espectro das Estações Ontológicas e as Hipóteses de INHs

## Parte 2: O Status Ontológico das INHs

Na Parte 1, apresentei uma nova taxonomia de três camadas para INHs e as hipóteses populares atuais sobre INHs. Isso ajudou a levantar algumas questões-chave sobre como podemos criar um diálogo mais útil em torno da variedade de INHs encontradas em UFOs e em outros contextos paranormais. Agora, na Parte 2, com essa taxonomia e suas distinções associadas estabelecidas, quero me aprofundar nas questões ontológicas centrais deste tópico: essas INHs são "reais"

e, se sim, em que sentido? Como já foi observado, esta é, sem dúvida, a questão mais complexa e desafiadora em torno de UFOs e INHs.

### ***Fronteiras Difusas e Duplicidade***

Como indiquei, cada um dos quatro tipos de seres discutidos acima (isto é, formas-pensamento, arquétipos, luzes da Terra e INHs) pode se mover ao longo do espectro de estações ontológicas para diferentes domínios ontológicos (isto é, subjetivo, intersubjetivo, interobjetivo e objetivo). Essa fluidez ontológica geralmente não está associada aos humanos e é um dos principais motivos pelos quais achamos todos esses tipos de seres tão ontologicamente confusos e tendemos a negar o status ontológico à maioria, senão a todos. Preferimos objetos, processos e seres físicos estáveis e previsíveis. Fluidez para nós geralmente significa não real ou menos real.

Para os Exoestudos, o status ontológico não se limita, nem se reduz à objetividade. A objetividade é uma expressão particular de "realidade", mas não a única. Seres associados a qualquer uma das quatro posições ou domínios ao longo do espectro de estações ontológicas têm o potencial de ser tão reais – independentemente existentes – quanto seres em qualquer outra estação. A estação de um ser é apenas um de pelo menos três espectros ontológicos que devem ser levados em consideração ao avaliar a ontologia de um ser. Este conceito será apresentado com mais detalhes a seguir, quando eu discutir a indeterminação ontológica. Por ora, mencionarei apenas que, além das *estações ontológicas* de um ser (ou seja, a qual domínio ele está associado), há também sua *independência ontológica* (isto é, quanto livre-arbítrio ele possui) e sua *substância ontológica* (ou seja, a natureza de sua corporificação físico-energética). Juntas, essas três dimensões da ontologia nos fornecem uma estrutura matricial/integral muito mais multidimensional, a partir da qual podemos considerar a ontologia tanto de seres não humanos (e.g., as quatro classes apresentadas na Tabela 4) quanto de inteligências não humanas (e.g., os 33 tipos apresentados na Tabela 3). Como discutirei, muitos seres e aspectos de exofenômenos entram e saem de um modo objetivo de ser.

Em outras palavras, esses seres têm uma origem ontológica (uma posição inicial no espectro de estações ontológicas, conforme representado pela linha superior da Tabela 4), mas alguns deles podem se mover ao longo desse espectro, em qualquer direção, e acabar ocupando uma estação ontológica diferente. Eles podem começar como realidades psíquicas estritamente interiores e se tornarem

realidades físicas ou energéticas exteriores com eficácia causal. Eles podem se mover de nossas mentes individuais ou coletivas para "perambular" ao nosso lado. Isso rapidamente turva as águas ontológicas quanto ao que é real e irreal, pois parece que o que é irreal (completamente subjetivo por natureza) pode se tornar real (objetivo em algum sentido significativo).

Tudo isso destaca que as fronteiras entre esses tipos de seres e o que está dentro ou fora, real ou irreal, são mais fluidas do que tendemos a perceber. De fato, essa é uma das características dos exofenômenos: eles são inerentemente paradoxais, misteriosos, participativos, responsivos, recursivos, enagentes, transgressivos, möbius, mercuriais, mutáveis, multivalentes, frustrantes, quiméricos, ambíguos, obscuros, sincrônicos, cômicos, inteligentes, elusivos, contraditórios, teatrais, absurdos, estranhos, manipulados por trapaceiros e transgressores. Em suma, os exofenômenos em geral, e esses seres em particular, transcendem categorias estabelecidas de realidade consensual: passado/futuro, eu/outro, mente/matéria, real/irreal, denso/sutil, dentro/fora, subjetivo/objetivo etc. Patrick Harpur, em seu clássico *Daimonic Reality* (1994/2003), ecoa isto quando observa:

Nunca totalmente divinos nem totalmente humanos, os *daimons* [isto é, INHs] irromperam da Alma do Mundo. Não eram nem espirituais nem físicos, mas ambos. Tampouco eram, como Jung descobriu, totalmente internos nem totalmente externos, mas ambos. Eram seres paradoxais, bons e maus, benignos e assustadores, guias e vigilantes, protetores e enlouquecedores. (p. 35)

Basta dizer que, ao lidar com exofenômenos, especialmente com INHs, "a verdade é mais estranha do que a ficção científica".<sup>23</sup>

Nos Exoestudos, refiro-me a essa dinâmica como duplicidade para destacar que os fenômenos e os vários seres a eles associados são, com muita frequência, simultaneamente e/ou sequencialmente físicos e psíquicos, subjetivos e objetivos, reais e irrealis, e assim por diante. Observe que a duplicidade não se limita a apenas duas posições (ou seja, um binário) sendo envoltas juntas. Ela pode se referir a múltiplas qualidades ou aspectos de um fenômeno, entrelaçadas inconsutilmente. Essa duplicidade é o que confunde tantos pesquisadores e o que vem facilitando a muitos ignorar essas realidades por tanto tempo. Só recentemente os pesquisadores de UFOs/INHs começaram a incluir a elevada estranheza e os aspectos ultrasquisitos dos exofenômenos. No entanto, deve-se notar que vários pesquisadores de UFOs/INHs bem conhecidos desde a década de 1970, como Jacque Vallée (1969/2014) e John Keel (1970/2013), e mais recentemente John Mack (1999/2008), indicaram a dupla natureza dos exofenômenos.<sup>24</sup>

Pode-se até mesmo rastrear esse conceito de duplicidade até a noção de *indeterminação ontológica* de Charles Fort (1941/1974), da década de 1920, que assume a posição de "que nada é real, mas nada é irreal: que todos os fenômenos são aproximações, de uma forma ou de outra, entre a realidade e a irrealidade" (p. 14). Para Fort, essa intermediação "é quase-existência, nem real nem irreal, mas expressão da tentativa de se tornar real, ou de gerar ou angariar uma existência real" (p. 15).

O agnosticismo ontológico de Fort também se reflete nas noções de *indecidibilidade* e *fantasmas* de Jacques Derrida. M.J. Baniás (2019) dedica um capítulo inteiro a "Derrida e o UFO", no qual relaciona esses dois conceitos-chave de Derrida ao fenômeno UFO e à subcultura associada. Antes de apresentar os dois constructos filosóficos de Derrida, Baniás ressalta que:

O fenômeno UFO foi identificado como algo que atravessa, se não rompe, fronteiras... É algo ao mesmo tempo surpreendente e terrivelmente real, embora tão inacreditável a ponto de desafiar o senso comum... Eles são objetivos e subjetivos. UFOs existem e não existem. (p. 99)

Ele vai além, explicando que:

Em termos simples, UFOs são realidade e ficção simultaneamente. Sua objetividade e autenticidade estão em constante estado de dualidade, oscilando entre referenciais culturais e sociais. Eles não se vinculam completamente a uma realidade que atualmente compreendemos; portanto, fazer afirmações de "Verdade" é impossível. (p. 101)

Para Baniás, essa duplicidade indecível dos UFOs (e eu acrescentaria, das INHs), os torna uma ilustração perfeita do que Derrida tem em mente: "Um *indecível* é aquilo que não pode se conformar a um lado de um dualismo – algo que pode ser tanto fato quanto ficção, ou subjetivo e objetivo, ou presente e ausente simultaneamente" (p. 101). O poder do indecível reside no fato de que ele desafia binários desgastados e pode nos levar – se aprendermos a tolerar sua ambiguidade – a novas compreensões do mundo ao nosso redor. Baniás ressalta que um dos indecíveis comuns apontados por Derrida era o fantasma, porque "...é impossível ontologicamente conhecer o fantasma; ele é real e irreal, presente e ausente" (p. 102). Baniás conclui o capítulo apontando como os UFOs são fantasmas que assombram tanto suas testemunhas quanto a cultura em geral, e a comunidade ufológica é um fantasma que assombra "o mundo social que tomamos como certo" (p. 105).

Jeff Kripal (2016a), em sua introdução a *The Super Natural*, livro em coautoria com Whitley Strieber, comenta que as "figuras espectrais alienígenas" nos

encontros de Strieber com INHs parecem "ao mesmo tempo físicas e não físicas, ao mesmo tempo uma coisa e um pensamento, ao mesmo tempo sexuais e espirituais, ao mesmo tempo traumáticas e extáticas" (p. 2). Mais adiante no livro, Kripal (2016c) observa que "esses encontros espectrais participam tanto do material quanto do mental. Eles são objetivos e subjetivos ao mesmo tempo" (p. 304). Na verdade, foi essa duplicidade que levou tantos a se afastarem da HET em direção à HED. No entanto, acredito que estamos apenas começando a perceber o quão extensa é essa duplicidade em relação aos encontros com UFOs e INHs.<sup>25</sup> Pode até ser a característica mais proeminente e fundamental de todos os exofenômenos. Assim, como falamos e pensamos sobre "O que é real?", "O que é um objeto?" e "O que conta como evidência?" no contexto de tal duplicidade paradoxal?

## O Que É Real?

Uma estrutura útil para explorar o que é real em um contexto de Exoestudos é a distinção quádrupla de Bryan Sentes (2019a, 2019b):

- **O real:** a nossa realidade consensual cotidiana, tida como certa.
- **O Real:** aquilo que se intromete no real e "reformula, redefine e reconfigura o que tínhamos tomado como normal ou possível..." como um encontro com um UFO ou uma INH que altera radicalmente a visão de mundo do experienciador.<sup>26</sup>
- **O hiper-real:** quando a relação entre um original e sua cópia (e.g., no contexto de fotos e vídeos de UFOs) se inverte de tal forma que a "cópia garante a veracidade do original" e a linha se torna tão tênue que deixa de ter sentido falar sobre originais e cópias, como quando um encontro com um UFO ou INH coincide com a representação midiática e cultural de tais fenômenos.<sup>27</sup>
- **O hiporreal:** quando um objeto ou fenômeno original (e.g., uma experiência com um UFO ou INH) não é passível de representações atuais e não se conforma a pontos de referência individuais ou estruturas culturais (e.g., quando um encontro com um UFO ou INH é de tal estranheza que "reinscreve a alteridade alienígena ao fenômeno").

O conjunto de distinções de Sentes é valioso como um guia para como podemos reformular criativamente a noção do que é real, desenvolvendo um conjunto de distinções e definições sobrepostas que abram espaço para objetos "reais" e seres "objetivos" que sejam múltiplos, paradoxais, multifacetados e transcendam a localização simples, escapando da, e provocando a, instrumentação empírica. Não basta mais pensar em termos de nossas categorias de real/irreal,

verdadeiro/falso – algo mais está sendo questionado por nós por meio dos fenômenos.

## O Que É Um Objeto?

Dadas as distinções acima sobre o que seja real, torna-se evidente que até mesmo a noção de objeto necessita de complexificação estratégica. Em outro trabalho (Esbjörn-Hargens 2010), desenvolvi o conceito de um *objeto múltiplo*, usando a mudança climática como ilustração. A mudança climática é objetivamente real, mas tem uma extensão e profundidade ontológicas que ultrapassam qualquer enaço metodológica, de modo que diferentes cientistas naturais e sociais enagem, por meio de suas metodologias distintas, diferentes aspectos do objeto com vários graus de sobreposição ontológica. O resultado é que cientistas do clima, natural e social, muitas vezes não falam sobre o mesmo objeto de "mudança climática", apesar de usarem o mesmo significante "mudança climática" e estarem genuinamente focados no mesmo conjunto de processos naturais relacionados ao clima. Acredito que esse conceito de objetos múltiplos também pode ser usado com sucesso em um contexto de Exoestudos. Por exemplo, Mike Clelland (2015) apresenta um argumento convincente de que corujas, em um contexto de abdução/encontro, são frequentemente mais do que apenas corujas "comuns". Elas podem ser dois ou mais dos seguintes tipos de objetos ao mesmo tempo: UFOs, ETs/EDs, drones, memórias de tela, mensageiros, totens, corujas biológicas ou corujas biológicas usadas como câmeras de vigilância alienígenas. Para mim, esta é uma ilustração perfeita de um objeto múltiplo: corujas, como exofenômenos, personificam a multiplicidade. Mais recentemente, também tenho explorado o conceito de *metaobjeto* para descrever UFOs e INHs. Um metaobjeto é um objeto que pode aparecer em todos os quatro quadrantes da Teoria Integral (subjetivo, objetivo, intersubjetivo, interobjetivo), seja concomitante ou sequencialmente. Como tal, é um objeto que não está vinculado exclusiva ou primariamente a um único quadrante (por exemplo, um cérebro sendo um objeto no quadrante objetivo e a mente, um objeto no quadrante subjetivo).

Três outros tipos de objetos dignos de nota incluem os *hiperobjetos* de Timothy Morton (2010, 2013) e os *objetos mágicos* (2016b) e *objetos míticos* (2016c) de Jeff Kripal. Para Morton, um hiperobjeto é um objeto tão grande que se distribui no tempo e no espaço, de tal forma que apenas partes dele podem ser percebidas por indivíduos ou grupos em um dado momento. Morton identificou cinco características de hiperobjetos (isto é, vicioso, fundido, não local, faseado e interobjetivo). Embora uma explicação completa dessas características esteja fora

do escopo deste artigo, vale a pena mencionar de passagem que os UFOs apresentam todas as cinco. Encarar os UFOs como hiperobjetos é um exemplo de afastamento de noções simplistas de objetividade, inadequadas para dar significado aos UFOs. Resta saber se conceber UFOs como hiperobjetos é útil, mas o simples exercício de fazê-lo pode ser um passo na direção certa para descobrir novas formas de compreender seu mistério.

Para Kripal (2016b), um objeto mágico é um objeto fora do lugar (e.g., implantes alienígenas, transportes) que questiona o materialismo, expondo que ele está apenas "meio certo". Esses objetos mágicos estão conectados à prática de *saying away* [afastamento]. Essa prática envolve conviver com o paradoxo de que exofenômenos frequentemente "fundem ou transcendem as dimensões subjetiva e objetiva da experiência humana". Ela também envolve o reconhecimento de que a divisão dos fenômenos "em um sujeito 'aqui dentro' que percebe objetos 'lá fora' é uma função do organismo humano e de seu hardware cognitivo e sensorial, e provavelmente não do mundo psicofísico em si" (p. 341). Essa prática nos permite experimentar objetos mágicos que desafiam nossas noções da existência de um "mundo mental" e de um "mundo material" distintos e estáveis. Kripal é categórico ao afirmar que:

...quase certamente, existe apenas um *único mundo*, do qual nossas experiências mentais e materiais são duas dimensões ou modos. Esse "mundo único" mais profundo é a razão pela qual eventos materiais podem se comportar como eventos mentais e por que eventos mentais parecem eventos materiais. *Porque eles são*. Ambos "se afastam" de uma super-realidade mais profunda que é mental e material, ou nem mental nem material, ao mesmo tempo. (p. 204)

Em suma, esses objetos mágicos *afastam* nossos modos habituais de percepção que nos levariam a divorciar "mente" e "matéria" de um "mundo sobrenatural" mais profundo, onde tais distinções não existem (p. 205). Observe a ocorrência de outro pesquisador de UFOs/INHS discutindo a duplicidade dos exofenômenos.

Kripal (2016c) também introduz a ideia intencionalmente paradoxal de um objeto mítico, que é "algo visto ou fisicamente encontrado que, na verdade, é uma história ou significado materializado. Refiro-me a algo que também é um pensamento. Refiro-me a uma maldita história que aparece no radar" (p. 304).<sup>28</sup> Assim, UFOs são objetos míticos: histórias míticas que podem aparecer no radar como naves físicas. O conceito de objeto mítico (algo que é simultaneamente uma história construída e um objeto físico real) é outro ótimo exemplo de duplicidade. Kripal ressalta que, se você realmente quer entender os UFOs como objetos míticos,

não pode confiar apenas em engenheiros e cientistas; também precisa consultar antropólogos e estudiosos de religião comparada. Isso prepara o terreno para a prática de *say again*, que complementa a prática de *say away*, discutida anteriormente. Essa prática adicional consiste em contar novas histórias. Kripal observa "que é hora de contar uma história melhor sobre todo o panteão do desconhecido, desde deuses, milagres, anjos e demônios até fadas, alienígenas e os objetos misteriosos no céu" (p. 307). Ele sugere que essa ampla gama de manifestações estranhas está em erupção agora "...precisamente para que uma nova história *seja contada*. Estamos sugerindo que toda a estranheza está 'voltada' para um objeto real – um objeto mítico. Ou seja: uma história nova e melhor" (p. 307-8).

Como você pode ver, o que conta como um objeto está sujeito a renovação e revisão. Inúmeros acadêmicos e filósofos estão propondo novas maneiras de definir o que é um objeto.<sup>29</sup> Apresentei acima cinco tipos diferentes de objetos: múltiplos, meta-, hiper-, mágicos e míticos. Esses exemplos servem de inspiração para os Exoestudos sobre como podemos repensar o conceito de objeto para melhor servir e representar a duplicidade de tantos tipos diferentes de exofenômenos. UFOs e INHs são tudo menos objetos simples – eles quebram as regras atuais do que é real e, como resultado, merecem um novo "campo de jogo" onde seu status ontológico possa ser levado a sério.

Nas duas últimas seções, apresentei brevemente estruturas expandidas do que seja real e do que seja um objeto. Agora, quero chamar a atenção para os contornos de uma estrutura expandida para o que conta como evidência. Afinal, para que algo seja real, é preciso haver evidências dele.

## **O Que Conta Como Evidência?**<sup>30</sup>

Se você perguntar a alguém que pesquisou UFOs/INHs por muitos anos, provavelmente ele dirá que há muitas evidências da existência de ambos. Se você perguntar a alguém com alto nível educacional, mas que nunca refletiu muito sobre o tema, provavelmente ele dirá que não há evidências para nenhum dos dois. O que acontece? Como isso pode ser possível? Embora seja verdade que não há UFOs acidentados ou corpos/esqueletos alienígenas em exposição pública no *Smithsonian* para todos verem, há dezenas de milhares de testemunhas/experenciadores confiáveis de UFOs/INHs e uma ampla gama de evidências físicas relacionadas, coletadas ao longo dos últimos 80 anos.

Este é outro exemplo de duplicidade: não existe nenhuma pistola (de raios) fumegante, mas há muita fumaça.<sup>31</sup> Por um lado, há muitos tipos específicos de evidências e, por outro, nenhuma dessas evidências parece mover a agulha probatória e, portanto, há uma percepção pública de que, de fato, não existem evidências. Afinal, se houvesse, não saberíamos sobre elas? Sim e não! Há uma série de fatores envolvidos aqui.

Primeiro, há muitos tipos diferentes de evidências jurídicas e científicas (ver Tabela 5).<sup>32</sup> Além disso, em um contexto jurídico, há três padrões comuns de ônus da prova: *a preponderância da evidência* (as alegações são mais prováveis do que improváveis), *evidências claras e convincentes* (as alegações são altamente prováveis) e *além de qualquer dúvida razoável* (as alegações são a única escolha lógica). Se a evidência não atender nem mesmo ao primeiro critério do ônus da prova, ela é considerada insuficiente. No entanto, a evidência pode atender a esse primeiro critério e ainda assim ser inadmissível ao tribunal por algum motivo. A Tabela 5 apresenta 19 tipos de provas admissíveis em um tribunal dos EUA. Da mesma forma, em um contexto científico, há uma hierarquia de provas (apresentada da mais fraca [topo: nº 1] para a mais forte [base: nº 7] na Tabela 5).

Em segundo lugar, mesmo quando tecnicamente há evidências sólidas, existem diversos valores culturais, visões de mundo desenvolvimentistas e dinâmicas profissionais em jogo que podem confirmar ou desconsiderar essas evidências, independentemente de sua força ou valor. O conceito de *mudança de paradigma* de Thomas Kuhn (1962) é relevante aqui. Kuhn indicou que, frequentemente, boas evidências são excluídas do pensamento científico quando desafiam a *ciência tradicional* (ou seja, o modelo estabelecido de realidade). Finalmente, acumulam-se suficientes evidências boas e, à medida que os guardiões "morrem" ou se aposentam (isto é, *o princípio do progresso científico* de Planck [1950]), ocorre uma revolução científica que muda fundamentalmente a visão do mundo. Wilber (2000) também mapeou extensivamente como indivíduos e coletivos com diferentes visões de mundo de desenvolvimento percebem a realidade e, por extensão, as evidências (ou a falta delas) de forma diferente. Por exemplo, dados quantitativos são valorizados nas visões de mundo científicas empíricas modernas, enquanto dados qualitativos são tidos em alta conta nas visões de mundo das ciências sociais pós-modernas. Cada uma dessas visões de mundo tende a minimizar ou ignorar as evidências preferidas da outra. A abordagem dos Exoestudos para a metaciência integrativa valoriza dados quantitativos e qualitativos e utiliza uma orientação sintética de métodos mistos conhecida como *Pluralismo Metodológico Integral* (mais sobre isto em breve).

EVIDÊNCIAS LEGAIS	EVIDÊNCIAS CIENTÍFICAS
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Evidências anedóticas</li> <li>2. Evidências de boatos</li> <li>3. Evidências testemunhais</li> <li>4. Evidências diretas</li> <li>5. Evidências circunstanciais</li> <li>6. Evidências de personalidade</li> <li>7. Evidências de hábito ou propensão</li> <li>8. Evidências de testemunha especializada</li> <li>9. Evidências forenses</li> <li>10. Evidências de pistas</li> <li>11. Evidências físicas</li> <li>12. Evidências digitais</li> <li>13. Evidências documentais</li> <li>14. Evidências estatísticas</li> <li>15. Evidências analógicas</li> <li>16. Evidências demonstrativas</li> <li>17. Evidências <i>prima facie</i></li> <li>18. Evidências exculpatórias</li> <li>19. Evidências corroborativas</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Evidências anedóticas, opiniões de especialistas, relatos de casos, artigos opinativos, cartas</li> <li>2. Estudos de animais e células (experimentais)</li> <li>3. Relatos de casos e séries de casos (observacional)</li> <li>4. Estudos controlados de casos (observacional)</li> <li>5. Estudos de grupos (observacional)</li> <li>6. Ensaios clínicos randomizados (experimental)</li> <li>7. Revisão sistemática e meta-análise</li> </ol>

**TABELA 5.** Tipos de Evidências

Em terceiro lugar, existem diferentes tipos de critérios de validade para diferentes tipos de afirmações de verdade: veracidade subjetiva, verdade objetiva, justeza intersubjetiva e adequação funcional interobjetiva.<sup>33</sup> Cada um desses critérios está conectado à avaliação de fenômenos associados a cada um dos quatro quadrantes da Teoria Integral. Portanto, considera-se inadequado avaliar uma afirmação de verdade de um domínio (quadrante) usando o critério de validade associado a outros.

Em quarto lugar, cada um desses quatro tipos de afirmações de verdade pode ser avaliado por três etapas de conhecimento válido: *injunção*, *dados* e *confirmação*.<sup>34</sup> Em outras palavras, uma prática ou método é usado para gerar dados, que são então revisados por "uma comunidade de adequados" (ou seja, especialistas ou profissionais que possuem as credenciais e/ou experiência para avaliar os dados). As três etapas de obtenção de conhecimento válido representam os elementos básicos do método científico (experimentação, obtenção de dados e verificação dos dados). Os quatro tipos de verdade e as três etapas de conhecimento válido, recém-apresentados, formam a base do que Wilber (1997,

2006) chama de *empirismo amplo* e são aplicados a todas as oito Zonas envolvidas em seu Pluralismo Metodológico Integral. É importante observar que os Exoestudos são construídos sobre um Realismo Integral Complexo, que abraça o empirismo amplo da Teoria Integral, ao mesmo tempo que o situa dentro de uma ontologia de profundidade realista crítica.

Uma constatação marcante que surge da revisão dos tipos de evidências em ambas as colunas da Tabela 5 é que o caso dos UFOs/INHs, creio eu, é atualmente bastante forte legalmente e comparativamente mais fraco cientificamente. Este ponto merece mais atenção do que posso oferecer aqui. No entanto, considero razoável afirmar que a gama de evidências sobre UFOs/INHs coletadas ao longo dos anos se enquadra na maioria dessas categorias de evidências legais, muitas das quais são bastante convincentes e persuasivas. Em comparação, parece que apenas algumas categorias de evidências científicas podem afirmar o mesmo.<sup>35</sup> Essa pode ser uma das razões pelas quais os ufólogos tendem a dizer que há muitas evidências (legais), mas a pessoa comum tende a apontar que há pouca ou nenhuma evidência (científica). Agora, é claro, as evidências legais para UFOs/INHs teriam que ser de qualidade substancial para serem admissíveis. E mesmo quando admitidas, poderiam ser consideradas como "evidências claras e convincentes", mas não chegariam a ser classificadas como "além de qualquer dúvida razoável". Mesmo assim, depende de quem compõe o júri e qual é sua visão de mundo.

### **Realidades Anômalas e Ciência Tradicional: O Rancho Skinwalker**

Essa potencial falta de evidências científicas levanta outra questão. Exofenômenos podem não ser adaptáveis aos modelos atuais de escrutínio científico. Veja a longa pesquisa conduzida no Rancho Skinwalker, em Utah, por Robert Bigelow e associados ao longo de uma década (entre 1994 e 2004).<sup>36</sup> Esse local de acesso paranormal também fazia parte do programa "segredo de UFOs" do Pentágono: AATIP.<sup>37</sup> Um dos desafios constantes de tentar documentar as diversas formas de estranheza extrema no rancho é que os fenômenos nunca repetiram suas diversas expressões. Isto, em muitos aspectos, é um obstáculo para a investigação científica. Colm Kelleher & George Knapp (2005) reconheceram que "os eventos eram aleatórios e imprevisíveis, e nunca aconteciam mais de uma vez no mesmo lugar ou da mesma forma" (p. 270). Os exofenômenos no rancho se transformavam continuamente ou apresentavam um lado diferente de si mesmos. Pareciam estar sempre um passo à frente dos pesquisadores, dando-lhes a impressão de que o rancho era permeado por algum tipo de "inteligência senciente precognitiva" (p. 238).

Há pelo menos quatro coisas que tornam os esforços de pesquisa no Rancho Skinwalker tão notáveis. Primeiro, é indiscutivelmente a pesquisa mais longa e sustentada sobre um ponto de acesso paranormal. Segundo, dispunha de recursos financeiros ilimitados para usar os melhores equipamentos e metodologias disponíveis. Terceiro, contava com cientistas altamente credenciados. Quarto, no fim do dia/década, não havia muitos dados a serem apresentados. Apesar dos muitos fenômenos anômalos experienciados e documentados no rancho durante esses anos, as equipes de pesquisa não conseguiram captar dados científicos utilizáveis (pelo menos nenhum que tenha sido disponibilizado publicamente). Os fenômenos se manifestavam desafiadoramente para os muitos instrumentos, câmeras e protocolos utilizados durante a investigação. Isso é bastante revelador: se eles não conseguiram obter dados sob, indiscutivelmente, as melhores circunstâncias, como podemos esperar que pesquisadores com orçamentos menores, equipamentos menos sofisticados e menos assistentes se saiam melhor?

Talvez essa abordagem científica tradicional para fenômenos anômalos "sencientes" seja equivocada. Afinal, como observam Kelleher & Knapp (2005):

O método científico baseia-se na precedência, repetibilidade dos experimentos e disponibilidade de dados suficientes para fazer previsões testáveis. Quando um fenômeno em estudo se recusa a obedecer a essas restrições bastante rigorosas, o que acontece? O que acontece quando um fenômeno possivelmente inteligente se recusa a ser previsível? Um cientista desiste? (p. 261)

Não! Mas esse cientista precisa de uma abordagem diferente. Uma que siga os princípios estabelecidos de aquisição e verificação de conhecimento, mas que seja capaz de transcender e incluir uma orientação materialista. O que é necessário, na minha opinião, é uma metaciência integrativa, projetada para investigar realidades anômalas. A discussão de tal abordagem excede o foco deste artigo, mas é um domínio no qual estou trabalhando atualmente e que considero fundamental para os Exoestudos.<sup>38</sup>

Muito bem, acabamos de abordar bastante coisa. Deixe-me recapitular um pouco antes de continuar. Depois de apresentar a Hipótese de Enação Mútua, discuti como os vários tipos de seres (humanos, formas-pensamento, arquétipos, luzes da Terra e INHs) podem participar da enação mútua no contexto de exofenômenos. Cada um dos quatro tipos de seres não humanos pode, sob certas condições, mover-se de uma posição no espectro de estações ontológicas para habitar outra estação diferente. Isso ressalta que sua ontologia, nesse contexto, não é fixa e estática, mas dinâmica e mutável. Eles podem se mover ao longo de um espectro entre expressões ontológicas interiores e exteriores. Assim, alguns seres

que não consideramos reais podem se tornar reais e assumir um status ontológico que, muitas vezes, hesitamos em lhes atribuir. E, como discutirei na seção a seguir, seres associados a qualquer uma das quatro estações ontológicas (subjetiva, intersubjetiva, objetiva e interobjetiva) podem ser totalmente independentes de um observador, podem entrar e sair da "realidade" e podem ter autonomia e se autodirigirem. Essa dinâmica paisagem ontológica desafia as noções típicas do que é real, pois sugere que as fronteiras entre real e irreal são mais difusas e fluidas do que estamos acostumados ou com as quais estamos cientificamente confortáveis. Charles Fort (1941/1974) faz uma observação importante nesse contexto:

O *real*, como é chamado, ou o objetivo, o externo, o material, não pode ser absolutamente separado do subjetivo ou do imaginário; mas existem quase-atributos do imaginário. Houve ocorrências que considero *transmediunizações*, porque penso que foram marcadas por indicações de terem transferido, de uma origem imaginativa para o ser físico ou para o que se chama de "vida real", os quase-atributos de sua origem. (p. 1049)

Essa indeterminação ontológica (o que Fort chama de *transmediunização*: a capacidade de uma realidade psíquica ou interior se tornar exterior), em que o imaginário pode se tornar físico, cria "fronteiras difusas" entre o que é real/irreal.

## Indeterminação Ontológica

A noção de *indeterminação ontológica* é um conceito importante nos Exoestudos. Ela destaca que os exofenômenos e os quatro tipos de seres não humanos discutidos acima podem existir e se mover ao longo de múltiplos espectros ontológicos de "real/irreal". Existem três espectros ontológicos distintos que, juntos, compõem a matriz ontológica e, portanto, determinam o status ontológico de um ser. Os três espectros são:

**1. Um espectro de estações ontológicas (domínios):** estação subjetiva à intersubjetiva à interobjetiva à objetiva.

**2. Um espectro de independência ontológica (livre-arbítrio):** não autônomo a semiautônomo a autônomo.

**3. Um espectro de substância ontológica (densidade):** denso-físico a sutil-energético a causal-luminoso.

Em cada um dos três espectros acima, sublinhei a extremidade de cada espectro geralmente considerada a mais real (ou seja, um ser é considerado real se habita um ambiente objetivo, é autônomo e autodeterminado e possui um corpo

físico-denso). Seres que possuem todas essas qualidades são geralmente considerados reais, existem independentemente e, portanto, têm status ontológico. Em contraste, as qualidades associadas à extremidade oposta de cada espectro são tipicamente consideradas irrealis (e.g., um ser encontrado em um domínio subjetivo, que é não autônomo e cujo corpo é causal-luminoso). Figuras vívidas de sonhos ou seres encontrados em um exercício de visualização poderoso são bons exemplos de seres que possuem essas qualidades. Temos a tendência de considerá-los irrealis. E isto faz sentido até certo ponto. Especialmente, considerando que nossos companheiros humanos da Terra e as muitas plantas e animais do planeta parecem manter posições ontológicas estáveis na "extremidade real" de todos os três espectros. Consequentemente, seu status ontológico parece autoevidente. A combinação dessas três posições tornou-se o critério-padrão para determinar a realidade de alguém ou algo.

Porém, aqui está o problema. Embora seja compreensível, associamos o real a uma extremidade de cada espectro e o irreal à extremidade oposta do mesmo espectro; os exofenômenos e os seres/INHS associados que venho discutindo não são tão facilmente caracterizados. Sua duplicidade torna difícil confiná-los a apenas um ponto ao longo de cada espectro. Na verdade, eles exemplificam a indeterminação ontológica. Parecem ocupar múltiplas posições em cada espectro, seja concomitante ou sequencialmente. Ontologicamente falando, são alvos móveis. Essa fluidez ontológica os torna menos reais ou apenas um tipo diferente de real, ou até mais reais do que seres que têm um status ontológico mais estável/fixo?

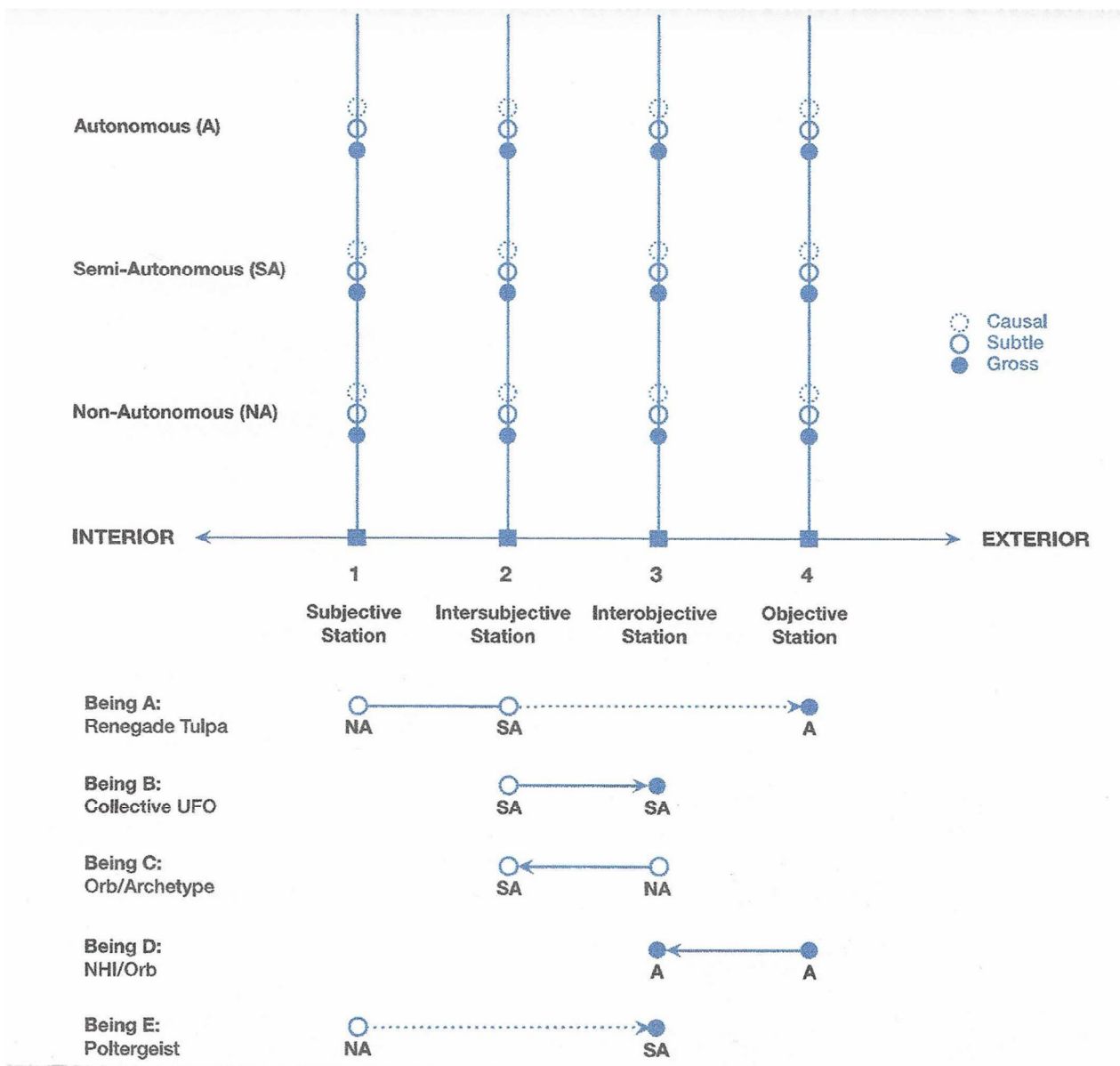
O que defendo aqui é que o status ontológico de seres não humanos e de INHS não depende de eles possuírem apenas as qualidades da extremidade "real" de cada espectro (ou seja, objetivo/físico/autônomo). Na verdade, é um equívoco caracterizar qualquer um dos três espectros ontológicos apresentados acima como sendo um espectro de "irreal-real". Ao contrário, cada um dos três espectros é um espectro "real-real" (ou seja, diferentes espectros ontológicos – espectros de ontologia) com um tipo de real em uma extremidade e outro tipo de real na outra. Essa mudança nos tira imediatamente do binário irreal/real, que é um quadro limitante ao lidar com exofenômenos em geral e com seres/inteligências não humanos em particular. Assim, para determinar o status ontológico de um ser ou INH, precisamos identificar onde ele se enquadra em cada um dos três espectros ontológicos. Portanto, eles são reais independentemente da combinação de qualidades ontológicas que possuam, mas combinações diferentes indicam status ontológicos diferentes. Porém, todos eles são reais. Desse modo, a questão não é "Eles são reais ou irrealis?". Em vez disso, "Que tipo de real eles são?" ou "Qual é o

seu status ontológico?", isto é, onde eles se enquadram em cada um dos espectros que compõem a matriz ontológica.

Por exemplo, uma figura onírica vívida (subjetiva/não autônoma/causal-luminosa) e um extraterrestre biológico Grey Alto de Zeta Reticuli (objetivo/semiautônomo/físico-denso) podem ser reais (e.g., ter eficácia causal e existir independentemente de um observador), mas eles possuem diferentes tipos de status ontológico. Ambos são ontologicamente reais, mas seus status ontológicos são diferentes. Além disso, o status ontológico tanto da figura onírica quanto do Grey pode potencialmente mudar e se transformar sob certas condições, sendo mutuamente enagido por meio de encontros entrelaçados com outros seres. Portanto, precisamos de uma abordagem para o status ontológico dos seres (como uma forma-pensamento e uma INH nos exemplos recentes acima) que possa levar em conta seu movimento ao longo dos três espectros.

Na Figura 2, a metade superior apresenta a matriz ontológica e seus três espectros, enquanto a metade inferior apresenta cinco exemplos de indeterminação ontológica entre os quatro tipos de seres não humanos. Nesta figura, optei por representar a matriz ontológica tendo o *espectro de estações ontológicas* como eixo x, com suas quatro estações indicadas por uma caixa (ou seja, subjetiva, intersubjetiva, interobjetiva e objetiva). De cada uma dessas estações emerge o *espectro de independência ontológica* servindo como eixo y, com suas três posições de livre-arbítrio (ou seja, não autônomo [NA], semiautônomo [SA] e autônomo [A]). Em cada uma dessas três posições ao longo do espectro de independência está o *espectro de substância ontológica*, servindo como eixo z, com seus três tipos de densidades corporais (isto é, denso [gross na Figura 2 a seguir], sutil [subtle na Figura 2 a seguir] e causal]). Assim, o status ontológico de um ser/INH é sempre identificado por sua "localização" ontológica em todos os três espectros.

Em resumo, normalmente referir-me-ei a essas três dimensões da ontologia (conforme representadas por cada espectro) como: *estações*, *independência* e *substância*, respectivamente. Todas elas, de uma forma ou de outra, destacam a indeterminação ontológica de seres não humanos e inteligências não humanas. Esses seres e inteligências existem em múltiplos espectros, com vários graus e tipos de expressão ontológica. Seu status ontológico pode mudar. Sua independência ontológica pode mudar. Sua substância ontológica pode mudar. Eles estão frequentemente em fluxo, movendo-se de uma posição em um espectro para outra.



**FIGURA 2.** A Matriz Ontológica com Cinco Exemplos

Para ilustrar melhor esses pontos, apresentarei agora os cinco exemplos descritos na metade inferior da Figura 2. *Ser A* [Being A na Figura 2] (e.g., um tulpa) começa como uma forma-pensamento oculta intrapsíquica (estação subjetiva/NA/sutil) e, por meio de rituais de grupo, assume mais autonomia a ponto de outros conseguirem senti-la e vê-la (estação intersubjetiva/SA/sutil); com o tempo, obtém ainda mais independência, tornando-se inteiramente autônoma – um tulpa renegado (estação objetiva/A/denso). *Ser B* [Being B na Figura 2] (e.g., um UFO manifestado coletivamente) começa como uma poderosa energia psíquica coletiva (estação intersubjetiva/SA/sutil); em seguida, assume fisicalidade suficiente para gerar um retorno de sinal de radar (estação interobjetiva/SA/denso). Na direção contrária, podemos ter o *Ser C* [Being C na Figura 2] (e.g., uma luz fantasmagórica) começando como um orbe eletromagnético

natural (estação interobjetiva/NA/sutil), mas à medida que viaja ao longo de uma linha de cumeada, ele entra em contato com um forte campo de consciência coletiva e se transforma em uma imagem arquetípica de um homem selvagem (estação intersubjetiva/SA/sutil). Da mesma forma, poderíamos ter o *Ser D* [Being D na Figura 2] (e.g., um extraterrestre) começando em um estado físico corporificado (estação objetiva/A/denso) e usando EEMs locais para se transformar em um orbe (estação interobjetiva/A/denso). Por fim, temos o *Ser E* [Being E na Figura 2]. Uma jovem tem um amigo imaginário (estação subjetiva/NA/sutil). Essa garota infunde nesse amigo energia telecinética suficiente para que ele se torne um evento poltergeist totalmente desenvolvido (estação interobjetiva/SA/denso). Esses cinco exemplos de diferentes seres, movendo-se ao longo dos espectros ontológicos para várias posições, servem para ilustrar a fluidez ontológica que encontramos em diversos tipos de seres e que deve ser levada em conta em qualquer compreensão abrangente do status ontológico de seres não humanos.

Diferentes seres são frequentemente associados a diferentes estações ontológicas de origem (e.g., uma forma-pensamento geralmente começa na estação subjetiva). Além disso, o movimento entre posições não é necessariamente linear. Isso é ilustrado, por exemplo, na Figura 2, por alguns dos caminhos com linhas pontilhadas em vez de apenas linhas contínuas (por exemplo, Ser A e Ser E). Este diagrama e seus cinco exemplos estão longe de ser exaustivos na apresentação de todas as permutações ontológicas dos vários seres/inteligências no âmbito da matriz. Assim, a Figura 2 pretende ser principalmente ilustrativa e instigante sobre diferentes formas de compreender e representar a natureza fluida do status ontológico das INHs. Minha esperança é que o conjunto de distinções delineadas acima (e ao longo deste artigo) possa começar a nos permitir ter conversas mais sofisticadas sobre as INHs e seus status ontológicos.

A necessidade de uma ontologia para explicar melhor essas possibilidades me levou, em parte, a introduzir a noção de duplicidade, que parece estar no cerne de muitos exofenômenos e pode ser considerada sua característica ontológica definidora. Essa duplicidade exige que complexifiquemos o que é real, o que é um objeto e o que é evidência. Isso, por sua vez, requer a matriz ontológica com seus três espectros ontológicos inter-relacionados. O caminho da ciência empírica positivista tradicional não proporciona suporte à realidade em um contexto anômalo. Precisamos trilhar um novo caminho – uma *ciência revolucionária* (à la Thomas Kuhn), uma *ciência proibida* (à la Jacques Vallée) – que possa realmente lançar luz sobre este multiverso multidimensional em que nos encontramos. Precisamos de uma metaciência integrativa de INHs e da paranormalidade. Para melhor compreender algumas das características dessa metaciência integrativa,

quero agora voltar sua atenção para o *Pluralismo Integral* e o papel que ele desempenha nos Exoestudos, e como ele pode nos ajudar a compreender melhor a enação mútua de INHs.

## O Papel do Pluralismo Integral nos Exoestudos

Como exploramos ao longo deste artigo, uma das primeiras coisas com que nos deparamos ao discutir, pesquisar ou explorar fenômenos anômalos como UFOs, poltergeists, criptídeos ou capacidades PSI é a questão de "Isso é real?" Em outras palavras, algum desses fenômenos paranormais ou supernaturais tem uma base ontológica na realidade, independente dos corações e mentes das pessoas que relatam ou documentam encontros com eles?<sup>39</sup> Ao longo das páginas acima, argumentei que eles, de fato, têm um status mais ontológico do que frequentemente se reconhece. Mas, como você sabe, esta não é uma posição popular nem amplamente aceita.

Durante séculos, a moderna visão de mundo racional e científica dominou as questões do que é real. De modo geral, apenas as realidades que podem ser observadas repetidamente com nossos cinco sentidos (especialmente nossos olhos) e suas extensões tecnológicas, e medidas de forma quantificável, recebem o status de "reais". Embora essa seja uma posição bastante respeitável em muitos aspectos, tem a desvantagem de não ser capaz de acomodar toda a gama de fenômenos interessantes que ocorrem em nosso mundo e no multiverso maior que habitamos – nosso Kosmos Selvagem. Nem tudo que pode ser considerado estudo científico, exploração filosófica ou análise cultural sérios é adaptável à abordagem lógico-positivista tradicional.

Nos últimos 50 anos, o pós-modernismo e, mais recentemente, áreas como os Estudos de Ciência e Tecnologia têm alcançado bastante sucesso em expor as rachaduras e contradições na fundação materialista do Iluminismo. E a última década assistiu a uma crescente insatisfação em muitas disciplinas com a nossa herança kantiana, resultando no que é frequentemente chamado de uma virada ontológica.<sup>40</sup> No fundo, essa virada ontológica é um regresso a questões da ontologia e ao que conseguimos e não conseguimos dizer sobre a realidade.<sup>41</sup> Este é um sinal de que estamos entrando em um *pós-pós-modernismo* ou em um *metamodernismo*.<sup>42</sup> Em suma, o que essa tendência indica é que pesquisadores profissionais estão cada vez mais desafiando a visão pós-moderna de que não podemos dizer nada significativo sobre o status ontológico de coisas, processos e fenômenos que tradicionalmente ficaram fora do que é visto como real na

sociedade secular ocidental contemporânea. Este é um momento emocionante para estudos da variedade anômala porque há novos métodos, distinções conceituais e modelos de realidade a partir dos quais é possível reconsiderar e investigar novamente o status ontológico de uma ampla gama de fenômenos paranormais e transpessoais.

Com base em minhas próprias exoexperiências multidimensionais, em um envolvimento profundo e de longa data com a literatura sobre modalidades de contato (MCs) e inteligências não humanas (INHs), bem como em conversas com experienciadores (ou seja, pessoas que têm contato regular com fenômenos anômalos e INHs), desenvolvi uma estrutura conceitual que chamo de *Pluralismo Integral*.<sup>43</sup> Acredito que essa estrutura nos oferece maneiras novas e muito necessárias de discutir e considerar o status ontológico de INHs, como extraterrestres (ETs) e extradimensionais (EDs). Ela também contribui significativamente para dar sentido ao multiverso mais amplo (ou seja, os muitos domínios/mundos físicos, quase físicos e sutis sobrepostos que compõem o nosso Kosmos Selvagem). No cerne desse Pluralismo Integral está o reconhecimento de três importantes tipos irredutíveis de pluralismo:

**1. Pluralismo Epistemológico Integral (o Quem):** existem múltiplas formas de conhecimento e dezenas de sentidos sutis e potenciais capacidades PSI para perceber realidades físicas e não físicas (os talentos selvagens de Charles Fort).

**2. Pluralismo Metodológico Integral (o Como):** existem múltiplas práticas, injunções e modalidades de contato pelas quais se pode engajar ou "fazer contato" com seres e realidades físicas, quase físicas/parafísicas e não físicas.

**3. Pluralismo Ontológico Integral (o Quê):** existem múltiplas dimensões e camadas de objetos, processos e seres encontrados em realidades físicas e não físicas. A ontologia de um objeto ou ser sempre excede qualquer enação dele. Isso, por sua vez, pode gerar expressões ontológicas contraditórias, sobrepostas e paradoxais dos mesmos fenômenos.

Esses três pluralismos trabalham juntos (Quem x Como x Quê) para enagir fenômenos – tanto em nossa realidade consensual cotidiana quanto na ampla gama de realidades anômalas paranormais relatadas por indivíduos confiáveis e bem documentadas por pesquisadores. Não é possível ter um pluralismo sem os outros dois – todos os três, por assim dizer, surgem juntos e são igualmente primordiais. Essas enações são e devem ser ancoradas no que chamo de *ontologia profunda integral*. O espaço me impede de me aprofundar nela; então simplesmente ficarei devendo e o encaminharei para Esbjörn-Hargens (in press-b). Essa abordagem

também tem muita ressonância com a noção de *ético-onto-epistemo-logia* de Karen Barad (2007), que eu reordenaria como *epistemo-ético-onto-logia* para espelhar a enredada representação de Quem x Como x Quê do Pluralismo Integral.

Para começar a entender completamente encontros anômalos, tais como uma interação com um alienígena *mantis* (louva-a-deus alienígena – insectoide) em seu quarto à noite, é recomendável estudar o processo enagente: o experienciador (o Quem) e quais modos de consciência, tipos de sentidos sutis, vieses e distorções cognitivas e culturais envolvidos no encontro; a modalidade de contato (o Como) usada pelo experienciador e o alcance e o potencial enagente dessa modalidade (ou seja, o que essa modalidade pode revelar e o que ela tende a ocultar) para que o encontro aconteça; e a INH e seu corpo físico e/ou energético, bem como o ambiente (ou seja, o domínio e dimensão) que ela habita (o Quê).

Com base neste último ponto, vamos analisar mais de perto os corpos das INHs, visto que esta é uma consideração crucial para determinar seu status ontológico. Há pelo menos três tipos de corpos – ao longo do espectro de substância ontológica – que devem ser considerados:

**1. INHs com corpos físicos:** esses seres possuem um corpo físico. No entanto, eles podem não nos parecer totalmente físicos, já que muitos relatos sugerem que corpos físicos em outra dimensão podem nos parecer transparentes ou "fantasmagóricos" em nossa dimensão. Essa aparência translúcida pode nos levar, equivocadamente, a concluir que esses corpos são insubstanciais e, por isso, desprovidos de status ontológico. Isso ocorre porque eles se assemelham mais ao que imaginamos como uma alucinação do que a entidades concretas com corpos sólidos e definidos.

**2. INHs com corpos físico-energéticos:** são seres que têm a capacidade de se manifestar em uma forma física (materialização) por um período de tempo em nossa dimensão e que também podem passar de uma expressão física para um estado energético ou invisível (desmaterialização). Essa capacidade sugere a habilidade de manipular ou ajustar a própria densidade ou vibração energética. Também pode resultar da entrada e saída deles do nosso espectro de luz visível ou do impacto em nossa própria percepção visual em perceber os aspectos infravermelhos desse espectro.

**3. INHs com corpos sutis:** esses seres não possuem um corpo físico como o imaginamos, mas são compostos exclusivamente de corpos energéticos mais sutis (e.g., etérico, astral, causal), embora consigam experienciar seus corpos sutis de maneiras semelhantes às que vivenciamos nosso corpo físico. Em geral, a densidade

dos corpos sutis é consistente com a "matéria" da qual seu domínio (habitado) é composto. Algumas INHs (como os humanos) possuem múltiplos corpos sutis, o que lhes permitem "viagens astrais", e algumas possuem apenas os corpos mais elevados/menos densos. Como resultado, quando os humanos encontram INHs em domínios sutis por meio de seus corpos sutis, as INHs que encontram podem ter outros corpos mais densos (até mesmo físicos) também em outras realidades. Assim, o status ontológico das INHs não deve ser restrito às condições pelas quais você e elas estão mutuamente enagindo.

Uma das principais conclusões da análise acima dos corpos das INHs é que seu status ontológico não depende de possuírem um corpo físico como o nosso. Agora, quero chamar a atenção para oito exemplos que problematizam e ilustram o status ontológico de INHs. Isso servirá para destacar questões-chave relativas ao status ontológico delas (e ao nosso): questões que os Exoestudos se comprometem a continuar explorando. Essas oito investigações ilustrativas baseiam-se nos exemplos fornecidos acima e servem para elucidar o importante papel que a Hipótese de Enação Mútua pode desempenhar para nos ajudar a compreender melhor as INHs e nossas conexões com elas.

• **Seres DMT (Dimetiltriptamina) vs. Seres Ayahuasca:** Várias INHs estão associadas a diferentes psicodélicos ou remédios sagrados. Por exemplo, sob DMT, não é incomum que os usuários encontrem "elfos mecânicos" ou formas geométricas sencientes, enquanto os usuários de Ayahuasca tendem a encontrar "Mãe Ayahuasca", serpentes e onças. Por que certos "remédios sagrados" revelam tipos específicos de INHs, enquanto outras INHs tendem a aparecer independentemente da modalidade de contato? Por exemplo, Jon Hanna (2012) realizou três pesquisas [Erowid.org](http://Erowid.org) (um banco de dados on-line dedicado a documentar experiências psicodélicas). Suas descobertas mostraram que UFOs e alienígenas (ou seja, Greys, Reptilianos e Insectoides) aparecem em mais tipos de experiências psicodélicas do que qualquer outro tipo de INH. Será que o fato de essas INHs alienígenas estarem aparecendo com tanta frequência em viagens de psiconautas pode ser um indício de sua existência independente e capacidade de surgir em diversas realidades físicas e psíquicas, e interagir conosco? Por que algumas INHs estão vinculadas exclusivamente a algumas modalidades de contato (MC) e outras tendem a aparecer em múltiplas MCs? Seria simplesmente uma questão do campo mórfico associado a diferentes MCs? Isso torna as INHs exclusivas de uma MC menos reais? – não creio –, mas levanta questões ontológicas muito interessantes. É por isso que proponho uma ontologia enagente que inclua o Quem e o Como, além do Quê.

• **Uma classe de seres vs. muitas:** alguns experienciadores tendem a encontrar um único tipo de INH, como clarividentes que apenas veem membros das Fae, como espíritos da natureza, elementais, gênios locais e devas, ou abduzidos que apenas encontram alienígenas Grey Baixos e Altos com um Insectoide ocasional. Em seguida, temos indivíduos com um histórico de encontros que inclui múltiplas INHs – faeries, alienígenas, anjos, Bigfoot e assim por diante. Por que isso acontece? Por que algumas pessoas conseguem perceber alguns tipos de INHs e não outros? Novamente, isso parece apontar para a natureza enagente do Quem, Como e Quê.

• **Um espectro de autonomia:** Alguns seres, como os tulpas, são criados pela intenção humana e rituais mágicos. Sob certas circunstâncias, eles podem se tornar cada vez mais autônomos, assumindo vida própria. Portanto, embora essas formas-pensamento tenham sido inicialmente criadas por humanos, elas podem se tornar INHs por direito próprio, com uma existência objetiva. Esses seres devem ser considerados "irreais" simplesmente porque sua origem está baseada no poder de concentração humano? Não seria esse um exemplo de uma mente se tornando matéria (pelo menos matéria sutil)? Agora compare um tulpa (um ser energético semiautônomo) com um extraterrestre físico de outro planeta, que viajou para a Terra por meio de alguma forma de tecnologia antigravitacional que permite viagens no espaço-tempo. Este último cenário é o que mais facilmente satisfaz a nossa ideia de um ser "real". No entanto, precisamos de uma abordagem para a ontologia de INHs que não se fixe exclusivamente em seres físicos de outros planetas, visto que tulpas parecem ser uma minoria das INHs com as quais os humanos interagem. Afinal, mesmo um tulpa semiautônomo parece exigir algum grau de reconhecimento ontológico.

• **Vestindo seus pensamentos:** Muitas INHs, como faeries e extradimensionais, supostamente se transformam em algo que, na opinião delas, serve melhor ao encontro com os experienciadores. É como se pudessem acessar telepaticamente nossas memórias e padrões de pensamento e usá-los para dar forma a como elas nos aparecem. Por um lado, podemos dizer honestamente que o que estamos vendo é uma projeção da nossa própria mente. Ao mesmo tempo, há uma INH real do outro lado dessa projeção. Podemos estar projetando, mas a INH é a tela sobre a qual a projeção ocorre. Então, como explicamos essa dinâmica ontologicamente? Isso certamente torna a tarefa mais difícil, visto que muitas INHs ocupam dimensões mais sutis (menos densas) e, como resultado, conseguem adaptar sua aparência conforme se apresentam a nós. Precisamos ser capazes de explicar igualmente sua existência ontológica, nossa projeção e sua aparência.

• **Uma mistura de nós e elas:** Muitos poltergeists começam com um único indivíduo criando fenômenos telecinéticos. Tradicionalmente, isso tem sido associado a uma pessoa jovem (geralmente do sexo feminino) frustrada, e o acúmulo de energia emocional e psíquica resulta em atividade paranormal. No entanto, esse tipo de atividade parece frequentemente atrair INHs negativas e parasitas que aparecem em cena e começam a contribuir para a exibição paranormal, criando intensas emoções negativas nos residentes, o que, por sua vez, provê a essas entidades uma fonte de alimento energético: o medo. Assim, embora o início do poltergeist possa ser atribuído ao poder da mente humana, parece que, em alguns casos, isso simplesmente abre um portal para que INHs se tornem parte do fenômeno. Podemos dizer que tudo foi gerado apenas por humanos? Não. Muitos poltergeists parecem ser uma combinação de capacidades psíquicas humanas inatas/latentes que servem para criar uma ponte entre realidades paralelas, permitindo que várias INHs "não tão gentis" entrem em nossa dimensão (ou que nós entremos nas delas!).

• **Canalizando nossos eus alienígenas:** Muitos canalizadores, especialmente aqueles que já o fazem há muito tempo, frequentemente chegam à conclusão de que a principal (ou uma das principais) INH que estão canalizando é, na verdade, seu eu futuro, seu eu superior ou algum outro aspecto de si mesmos. Mas essa INH, embora seja parte do canalizador, também parece, em muitos aspectos, ser uma INH ontologicamente separada, mesmo sendo também um aspecto deles mesmos. Como podemos entender isso? Será que eles estão apenas canalizando uma parte inconsciente de si mesmos? Talvez. Ou será que eles estão se conectando a uma INH semiautônoma (ou mesmo totalmente autônoma) que, em certo sentido, também é eles? E, dada a conexão cármica ou de alma entre esses dois seres "separados", torna-se mais fácil para o humano aqui na Terra canalizar a INH de outro lugar. Como podemos, ontologicamente, dar sentido a esses dois seres como sendo iguais e, ao mesmo tempo, diferentes? Assim como você e eu somos seres existentes separados (temos empregos, famílias e histórias de vida separadas), também somos, como muitas das tradições de sabedoria ressaltam, um e o mesmo ser. Não somos nós o divino diferenciado para se conhecer? Então, em algum momento, todos os nossos eus ontológicos separados convergem em um único Uno. Mas essa Unidade transcendental não diminui as maneiras muito reais pelas quais podemos falar sobre a distinção ontológica entre um canalizador e seu eu canalizado (que existe em uma dimensão e/ou linha do tempo diferentes). Desse modo, como você e eu somos seres separados, também somos um e o mesmo. Precisamos de uma ontologia enagente que possa dar conta desse fato.

• **Somos fantasmas que assombram humanos:** Paul Eno (2006, 2019) dá vários exemplos de "fantasmas" que ele é chamado a investigar e que lhe comunicam que têm medo dos humanos nesta dimensão, pois experienciam esses humanos como fantasmas que os assombram na sua dimensão.<sup>44</sup> Ele também fornece exemplos de pessoas que encontram fantasmas de si mesmas (por exemplo, uma mulher que chega em casa e se encontra sentada à mesa, comendo). Esses são encontros de multiversos fascinantes e provocativos, que levantam muitas questões sobre mundos paralelos e como a ontologia dos seres em um mundo avalia e experiencia a ontologia de seres em outro. Eno chega a explicar que os fantasmas nos descrevem como transparentes, sugerindo que, como observado acima, nosso estado físico pode parecer fantasmagórico quando visto de um mundo paralelo. Se nós somos os "fantasmas" e eles são os "humanos", então qual é o nosso estado ontológico e o deles? Eles são mais reais do que nós? É justo dizer que somos mais reais do que eles? Somos fantasmas assombrados e humanos nos assombram. E, em alguns casos, nós mesmos nos assombramos.

• **ETs/EDs bons ou maus?:** Steven Greer (2006) é conhecido por sua posição de que existem apenas ETs/EDs benevolentes e que quaisquer encontros negativos que experienciadores vivenciem são devidos a abduções enagidas, realizadas por grupos secretos privados ou paramilitares. Em contraste, David Jacobs (2015) é conhecido por sua posição de que, no geral, os ETs estão clandestinamente envolvidos em um programa de hibridização e, conseqüentemente, estamos enfrentando um cenário iminente de controle hostil. Como dois proeminentes pesquisadores de UFOs/INHs podem ter visões tão diametralmente opostas sobre a natureza e as agendas de INHs? Embora provavelmente haja uma série de fatores a serem considerados, dois são especialmente importantes: a consciência (o Quem) e a metodologia (o Como) de cada pesquisador. Minha impressão é que eles estão enagindo diferentes INHs (o Quê) como resultado de combinações únicas de sua percepção e seu método preferido de contato. Greer é um meditador experiente e também é um experienciador direto (seu Quem) e foi pioneiro nos protocolos CE-5 (seu Como). Jacobs, por outro lado, não é um experienciador direto (seu Quem), foi pioneiro em regressão hipnótica e trabalha com abduzidos (seu Como). Essa combinação de Quem + Como, para Greer, levou-o a experiências diretas de INHs benevolentes, enquanto para Jacobs essa combinação o levou a experiências diretas impactantes de INHs negativas sobre experienciadores. Então, um deles está certo e o outro errado? Existem realmente apenas ETs bons ou maus? Haveria ambos, e cada um desses importantes pioneiros poderia ter observado apenas uma parte do panorama geral? Cada um deles se sente plenamente fundamentado em suas posições, pois os encontros que tiveram com INHs ou com experienciadores

carregam seu próprio peso persuasivo. Outra maneira de pensar sobre o que está acontecendo aqui é que existem ETs/EDs "bons e maus". Os primeiros têm mais probabilidade de aparecer nas condições fornecidas pelo Quem e Como de Greer, e os últimos têm mais probabilidade de aparecer nas condições criadas pelo Quem e Como de Jacobs.

Esses oito exemplos, e as questões que eles levantam, são apenas alguns do que poderia ser apresentado para reforçar a ideia de que precisamos desenvolver uma forma mais robusta de explorar e discutir o status ontológico de INHs. Em resumo, uma abordagem dos Exoestudos para o status ontológico de INHs precisa, no mínimo:

- Considerar a dinâmica enagente dos experienciadores (o Quem) x várias modalidades de contato (o Como) x a rica diversidade de INHs (o Quê).
- Considerar as formas como estamos enagindo com INHs e como elas estão enagindo conosco, simultaneamente.
- Considerar a indeterminação ontológica ao longo de três eixos distintos:
  - Estações: quatro esferas ontológicas de manifestação entre interioridade e exterioridade: subjetiva, intersubjetiva, interobjetiva, objetiva.
  - Independência: graus de livre-arbítrio entre não autônomo, semiautônomo e autônomo.
  - Substância: uma gama de densidade incorporada entre corpos denso-físicos, corpos sutil-energéticos e corpos causal-luminosos.
- Considerar os muitos exemplos provocativos de INHs, dos quais oito foram apresentados aqui.

As INHs são seres existentes, independentemente de conseguirmos "vê-los". Ao mesmo tempo, precisamos expandir o que queremos dizer com "real", visto que a simples noção de ser físico ou autônomo não será suficiente. Existem muitas variedades de INHs, que são encontradas em uma ampla gama de circunstâncias. O multiverso é um lugar imenso e estranho, repleto de inúmeros tipos de seres – um Kosmos Selvagem. Precisamos de uma abordagem integral à ontologia e à enação para nos ajudar a compreendê-lo melhor.

## Conclusão: Enagindo uma Nova História Galáctica

Em toda e qualquer experiência paranormal ou anômala, há sempre um *Quem* (um experienciador), um *Como* (uma forma de estabelecer contato, ou seja, um método ou prática informal ou formal) e um *Quê* (um conjunto externo de objetos, entidades ou ambientes). De modo geral, os pesquisadores contemporâneos se sentem mais ou menos confortáveis com os dois primeiros elementos e seus tipos de pluralismo associados: o pluralismo epistemológico e o pluralismo metodológico. Isso se deve, em grande parte, à nossa herança kantiana e às sensibilidades pós-modernas que cultivamos há décadas.

Não é controverso destacar o papel que múltiplas perspectivas, visões de mundo e modos de consciência desempenham em nossa experiência anômala do mundo. Tampouco é controverso ressaltar que muito é determinado pelos métodos específicos que adotamos para estudar ou encontrar vários fenômenos anômalos. Cada método, entendemos, tem seu próprio poder revelador que, simultaneamente, revela e oculta o fenômeno para o qual é "apontado". No entanto, é bastante controverso postular que as coisas, processos, seres e domínios anômalos encontrados por alguns *Quems* usando alguns *Comos* possuem uma realidade ontológica relacionada a eles. Em suma, cultural e cientificamente, temos muito espaço para estranhezas epistemológicas e metodológicas, mas muito pouca tolerância para *estranhezas ontológicas*.<sup>45</sup>

Como resultado, sentimo-nos mais confortáveis com a ideia de que as INHs encontradas em experiências anômalas sejam entendidas como parte da própria consciência do experienciador (e.g., síndrome da falsa memória, alucinação, paralisia do sono, interpretação errônea ou imaginação hiperativa). E, sem dúvida, cada uma dessas explicações é válida em alguns casos. Também estamos geralmente abertos a INHs encontradas no contexto de certos métodos (e.g., psicodélicos, viagens xamânicas, sonhos lúcidos, meditações em transe intenso), embora frequentemente tenhamos a tendência de reduzir INHs encontradas por meio desses métodos a um status irreal (isto é, intra ou intersíquico). Afinal, argumentamos que o experienciador estava em um estado alterado de consciência e tendemos a considerar tais estados como ontologicamente suspeitos. As INHs são consideradas como provenientes de um estado mental alterado (ou seja, "irreal"), em oposição a uma realidade alternativa que é real. Só conta como real se você as encontrar em estado de consciência normal, em estado de vigília. Ou assim se presume...

Quando somos compelidos, podemos admitir que um fenômeno anômalo é algum tipo de manifestação psicossocial do inconsciente coletivo que pode até, em

alguns casos, apresentar características físicas ou quase físicas. Isso pode ser um tipo de fenômeno PSI grupal ou o poder da mente coletiva de manifestar o que parece ser um ser autônomo ou um UFO, mas na verdade é apenas um arquétipo manifestado pelo coletivo. E, sem dúvida, isso também explica alguns encontros com INHs.

Em geral, a última coisa que queremos fazer é abrir espaço para a existência ontológica de INHs, seja como extraterrestres de carne e osso ou extradimensionais quase físicos ou sutis. Não, isso é demais! Será? Há muitos depoimentos em primeira pessoa (denunciantes e pessoas que vivenciaram a experiência); dados culturais, religiosos, sociológicos e antropológicos em segunda pessoa; e até mesmo evidências físicas e jurídicas em terceira pessoa, bem como alguns dados científicos – todos apontando nessa direção. Pode não haver evidências conclusivas e publicamente verificadas, nem um consenso científico sobre o tema. Mas não é difícil sustentar a afirmação de que há evidências suficientes em primeira, segunda e terceira pessoas para que levemos *muito a sério* a possibilidade da realidade ontológica de UFOs e INHs. Paradoxalmente, da perspectiva dos Exoestudos, também queremos tratar tudo isso suavemente. A prática é, ao mesmo tempo, levar essas evidências a sério e considerá-las com leveza. Duplicidade! Dada a amplitude e a variedade de evidências de que UFOs e INHs são "reais" (lembre-se da distinção quádrupla de Sentes [2019] discutida anteriormente), não deveríamos desenvolver um modelo que possa explicar o status ontológico das INHs, mesmo que as explicações psicológicas e psicossociais de tais seres (e seus domínios) sejam, às vezes, ou frequentemente, explicações válidas para tais fenômenos? Basta um único corvo branco...<sup>46</sup>

Acredito firmemente que não podemos mais nos esquivar de discutir, modelar e pesquisar o status ontológico de INHs, incluindo ETs, EDs, bem como humanos que vivem em mundos paralelos ou linhas de tempo alternativas. Um passo valioso nessa direção envolve o que descrevi acima como Pluralismo Integral (o Quem x o Como x o Quê). Isso é importante porque cria o contexto para uma ontologia profunda integral (ou seja, uma ontologia que seja dinâmica e responsiva à consciência dos sujeitos perceptivos e aos vários métodos usados para revelar/enagir tais realidades ontológicas, e que se baseie em uma forma de realismo que nos previna da ladeira escorregadia para o solipsismo em uma sala de espelhos). Como observado anteriormente, minha forma preferida de realismo para tal tarefa é o Realismo Integral Complexo.<sup>47</sup>

Muitas INHs existem independentemente de nossas observações e enações com elas. E, no entanto, nossos encontros com elas sempre envolvem um Quem e

um Como, e seu status ontológico reside, em parte, em como são enagidas tanto pelo observador quanto pelo método de observação. É importante ter em mente que qualquer enação de uma INH não esgota seu ser/ontologia. Na verdade, a maioria das enações é apenas uma das muitas camadas ou dimensões ontológicas da INH (semelhante a como nos apresentamos de forma diferente com certos amigos ou ao realizar diversas atividades). Em outras palavras, as INHs são sempre mais complexas e multidimensionais do que qualquer encontro (enagido) revela. Isso ressalta a ontologia profunda integral em ação: a *consciência do experienciador* tanto revela quanto oculta aspectos da INH, a *modalidade de contato* (usada espontânea ou intencionalmente) revela e oculta aspectos da INH, e a *própria* INH revela e oculta aspectos de si mesma com base em suas próprias intenções, hábitos de ser e pontos cegos. Juntos, o experienciador, a modalidade e a INH enagem o encontro — sem mencionar que, da perspectiva da INH, ela é o Quem, usando um Como para interagir conosco como o Quê. Assim, nós as enagimos e, ao mesmo tempo, elas nos enagem. Nesse sentido, Patrick Harpur relata como Carl Jung teve um sonho marcante com um UFO em outubro de 1958, que o levou a inverter toda a noção de projeção psicológica. Após o sonho, Jung observou: "Sempre pensamos que os UFOs são projeções nossas. Agora descobrimos que somos projeções deles" (citado em Harpur, 1994/2003, p. 88). Esta é uma ontologia participativa — vivemos em um multiverso onde nós, humanos, e as INHs (e outros tipos de seres, como discutido anteriormente) nos cocriamos mutuamente em uma série em cascata de encontros enagidos.

Defender o status ontológico de INHs é uma das questões/tópicos mais controversos que se pode abordar. Vai contra basicamente todos os princípios da comunidade científica e da visão de mundo global contemporânea e, como resultado, questiona quase tudo o que consideramos natural como constituindo a realidade. No entanto, acredito que uma forte argumentação científica pós-positivista/pós-materialista possa e deva ser defendida — uma abordagem integral de métodos mistos que combine dados qualitativos e quantitativos, usando dados de primeira, segunda e terceira pessoas. Esta é a base de uma metaciência integrativa.

Chegou a hora de desenvolvermos um discurso muito mais sofisticado a respeito da existência de INHs e nossos encontros com elas. Minha esperança é que o metacampo dos Exoestudos nos sustente nessa tarefa. A humanidade tem interagido com uma ampla gama de INHs desde tempos imemoriais. A maioria das culturas e cosmologias de todo o planeta e ao longo das eras já abriu ou ainda abre espaço para elas. O fato de nossa história científica moderna e secular não o fazer é, na verdade, a anomalia. É claro que precisaremos de uma versão pós-mítica

dessas cosmologias favoráveis a INHs, uma que reencante e retorne ao Kosmos Selvagem sem a bagagem mitológica de outrora. Vivemos em um Kosmos habitado por nativos de muitas densidades, mundos, dimensões e domínios. Seria bom reconhecermos seu status ontológico e nos esforçarmos mais coordenadamente para compreendê-los e interagir com eles. Esses seres interagem com a humanidade regularmente; portanto, quanto mais pudermos nos esforçar para nos conformar e entendê-los, melhor seremos coletivamente. Isso é especialmente importante à medida que nos preparamos cada vez mais para nos tornarmos cidadãos galácticos, vivendo em múltiplos planetas.

Espero que este artigo tenha despertado sua curiosidade sobre o que essa história pode envolver, e o convido a se juntar a mim como coautor. A humanidade está entrando em uma era galáctica emocionante – não demorará muito para que tenhamos uma base na Lua e terraformemos Marte. Precisamos de uma história maior – um *metaverso* – que possa nos inspirar e guiar enquanto continuamos a explorar e compreender este misterioso e inspirador multiverso multidimensional, diversamente povoado – nosso *Kosmos Selvagem!*

### ***Agradecimentos***

Gostaria de agradecer a Tom Curren e Michael Zimmerman por seu amplo envolvimento com as questões discutidas neste artigo e pela revisão dos primeiros rascunhos. Também gostaria de agradecer aos participantes do primeiro "Curso de Mestrado em Exoestudos", que teve duração de sete meses (setembro de 2019 a março de 2020) e serviu como contexto para que as ideias apresentadas neste artigo emergissem e fossem aprimoradas. Lynwood Lord também foi fundamental na edição e formatação deste trabalho, e Jon Kohl fez uma série de sugestões muito úteis.

## Apêndice 1

### Mais de 150 Campos Disciplinares, Domínios e Tópicos dos Exoestudos

Literatura Filosófica e Acadêmica	Literatura sobre UFOs e Estudos Espaciais	Literatura Esotérica e Paranormal
<p>Teoria Ator-Rede (TAR) Realismo Agencial Alteridade e Xenofobia Consciência Animal Perspectivismo Ameríndio Inteligência Artificial Antropologia Teoria da Montagem Estudos Animais Estudos Culturais Etnologia Cognitiva e Afetiva Ciência Cognitiva e Teorias de Memória Ecofilosofia Teoria Feminista Metafísica de Processo Feminista Genética Estudos de Gênero e Queer Heurística Estudos de Imaginação Teoria Intersubjetiva Estudos Jurídicos Estudos de Mídia e Cinema Semiótica Material Pesquisa de Métodos Mistos Novo Animismo Novos Realismos e Materialismos Pluralismo Ontológico Ontologia Orientada a Objetos (OOO) Inteligência Vegetal Panpsiquismo Ciência Política Pós-humanismo Filosofia (Continental e Analítica) Filosofia da Mente Filosofia da Ciência Psicologia – Transpessoal, do Desenvolvimento, Profunda, Psicanalítica, Arquetípica Desenvolvimento Adulto Pós-Formal Teoria Quântica (Física, Biologia, Psicologia, Sociologia) Estudos Religiosos Poetas Românticos Sociologia Realismo Especulativo Estudos de Ciência e Tecnologia (ETC) Cura Somática e de Traumas Transumanismo</p>	<p>Estudos de Abdução Astroteologia Astroética Astrobiologia Astrofísica História Alternativa Alienígenas Antigos Orçamentos Negros Civilizações Separatistas Agroglifos Mutilações de Gado Literatura sobre Contactados / Experienciadores Psicologia Sombria Exobiologia Exolinguística Exofilosofia Exopsicologia Exoteologia Exopolítica Exoconsciência Exossociologia Exoarqueologia Exoplanetas Exobiologia Exofísica Estudos de Folclore Arqueologia Proibida Áreas de Flap Energia Livre, Antigravidade e Estudos de Tesla História Galáctica Revelações Governamentais Debate Histórico sobre Vida Extraterrestre Implantes Linguagem da Luz Ciência de Materiais MILABS (Abduções Militares e Controle da Mente) Estado de Segurança Nacional Inteligências Não Humanas Estudos Espaciais / Psicologia Espacial Ceticismo e Psicologia Conspiratória Ficção Científica Starseeds &amp; Lightworkers SETI/CETI/METI e o Paradoxo de Fermi Avistamento de UFOs Cultos e Religiões de UFOs Recuperações de Acidentes de UFOs Depoimentos de Testemunhas</p>	<p>411 Casos de Desaparecimento Pesquisa Anômala Psicologia Anomalística Viagem Astral Estudos de Bigfoot Criptozoologia Canalização Estudos da Consciência Quadrinhos e Romances Gráficos Cosmologias Indígenas Energias da Terra Anatomia Esotérica História Esotérica Tradição Faery Estudos Fortianos Folclore Estudos Gnósticos Ciência Goetheana Hermetismo Domínio Imaginal Sociedades Iluminadas e Secretas Estudos de Vida entre Vidas Artes Mágicas Estudos Mitológicos Pesquisas sobre Experiências de Quase Morte (EQM) Ciência Oculta e Práticas Pesquisas sobre Experiências Fora do Corpo (EFC) Estudos Paranormais Pontos de Acesso Paranormais Poltergeists e Fantasmas Parapsicologia Pesquisa PSI Ciência de Pirâmides e Portais Psicodélicos Avistamento Remoto Cultura da Nova Era Nefilins/Gigantes Xamanismo Geometria Sagrada Luzes Fantasmagóricas e Orbes Estudos da Alma Ciência de Energias Sutis Sincronicidade Teosofia Tradições Yogues e Siddhas (Capacidades PSI) Ciência de Limiar/Estranha Wicca e Feitiçaria</p>

## Apêndice 2

### *Bibliografia Comentada de Fontes da Tabela 3*

**1. Hernandez, R., Klimo, J. & Schild, R. (2018).** *Beyond UFOs: The Science of Consciousness and Contact with Non Human Intelligence*. FREE Inc.

Um estudo quantitativo e qualitativo de cinco anos (2012-2017) com mais de 3.256 indivíduos de mais de 100 países que tiveram encontros únicos ou múltiplos com INHs. As descrições de INHs se dividem em 10 tipos distintos. Um desses tipos é a categoria abrangente "Outros". No contexto de encontros com INHs/UAPs [Fenômenos Anômalos não Identificados na sigla inglesa] que ocorreram no âmbito de um UFO/UAP, 30% de todas as INHs se enquadraram na categoria "Outros", que foi a quarta maior categoria das 10. Da mesma forma, no contexto dos encontros com INHs que ocorreram não num "artefato", mas numa "realidade-matrix", 39,4% de todas as INHs enquadraram-se na categoria "Outros". Esta foi a segunda maior categoria das 10. Nessa categoria "Outros", houve cerca de 1.350 respostas representando "centenas de tipos" de INHs que não se enquadravam facilmente nas outras 9 categorias (Rey Hernandez, comunicação pessoal, 2 de março de 2020). Isso ressalta a grande variedade de INHs encontradas e destaca que, embora existam de 8 a 10 tipos comuns de INHs contatadas pelas pessoas, ainda há muita diversidade na aparência dessas INHs (ou seja, seus fenótipos).

**2. Salla, M. (2013).** *Galactic Diplomacy: Getting to Yes with ET*. Kealakekua, HI: Exopolotics Institute.

Michael Salla apresenta 19 "raças extraterrestres" (12 tipos positivos e 7 negativos) de vários planetas e sistemas estelares, apresentadas em duas tabelas resumindo suas principais atividades e o impacto global positivo ou negativo que elas têm. Essa visão geral parece basear-se na análise de Salla de depoimentos em primeira pessoa e da literatura sobre UFOs em geral. Ele se concentra mais na origem dessas INHs e em sua orientação, benevolente ou malévola em relação aos humanos da Terra, do que em seus fenótipos.

**3. Nidle, S. (2005).** *Your Galactic Neighbors*. Pukalani, HI: Blue Lodge Press.

Um experienciador de longa data, Sheldon Nidle foi abordado durante uma meditação no início dos anos 2000 por um conselho de 22 seres representando suas respectivas civilizações de "toda a galáxia". O objetivo deles era trabalhar com ele "para ajudar os povos da Terra a superarem sua forte aversão à aparência de muitos dos habitantes altamente inteligentes desta galáxia" (p. xxi). Aparentemente, essas 22 "nações estelares" supostamente representam apenas "um segmento muito restrito da extraordinária variedade de culturas e espécies encontradas em toda [a

Via Láctea]" (p. xxi). Nidle explica que "no entanto, muitas espécies não estão representadas nesta amostra inicial. Elas foram omitidas por um motivo: sua aparência física não é nada agradável para humanos com consciência limitada..." (p. xxii). Portanto, esses 22 tipos de seres são predominantemente "humanos galácticos" ou apresentam aparência humanoide. Os capítulos de Nidle apresentam uma visão geral de cada nação estelar, sua localização e ecologia, organização social e dinâmica cultural, sua aparência física e uso da linguagem, e uma descrição de suas naves.

**4. Huyghe, P. (1996).** *The Field Guide for Extraterrestrials: A Complete Overview of Alien Lifeforms – Based on Actual Accounts and Sightings*. New York, NY: Avon Books.

Esse foi o primeiro livro do gênero a fornecer um sistema tipológico baseado no fenótipo de INHs contatadas pelas pessoas. Assim, cada entrada é baseada em um encontro real próximo, documentado com detalhes suficientes sobre o fenótipo do(s) ser(es) para fundamentar a criação de um desenho preciso. Huyghe é cuidadoso em sua seleção de casos, a fim de fornecer aos leitores uma visão geral representativa dos tipos de INHs encontrados. Seu sistema de classificação identifica 4 classes (humanoide, animalesco, robótico e exótico), com 14 tipos distribuídos entre as 4 classes. No total, ele apresenta 49 INHs diferentes.

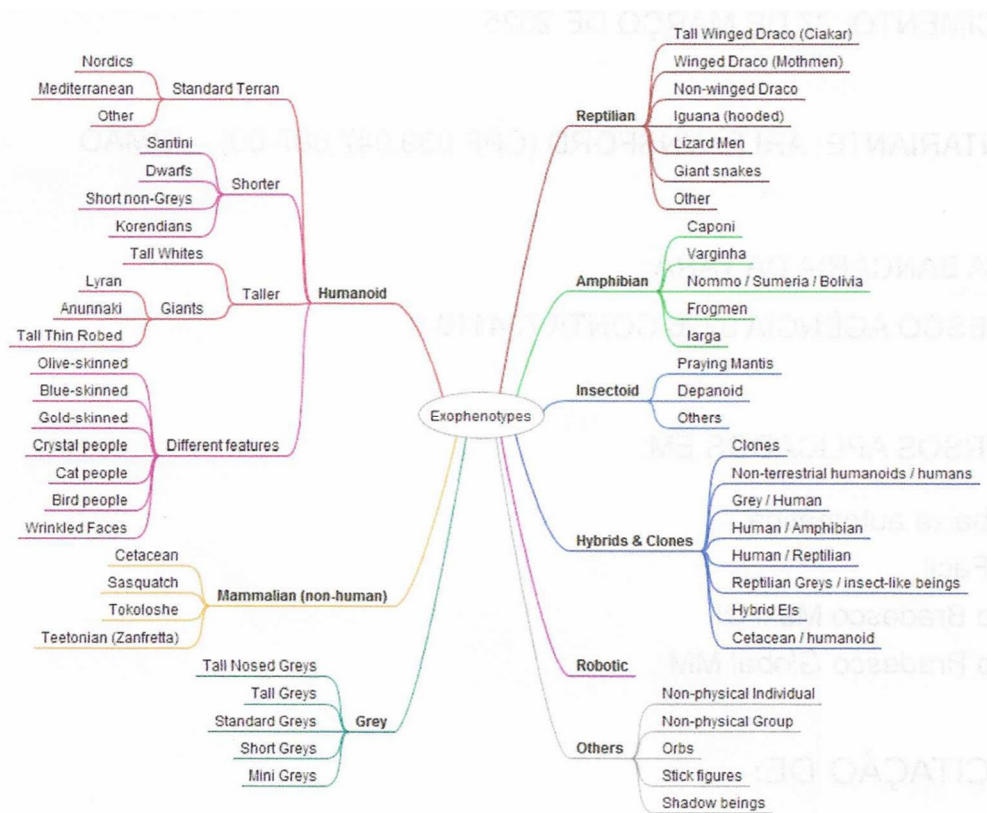
**5. Redfern, N. (2019).** *The Alien Book: A Guide to Extraterrestrial Beings on Earth*. Canton, MI: Visible Ink Press.

Nick Redfern oferece uma visão geral enciclopédica de 44 INHs diferentes, muitas das quais são mais comumente associadas a criptídeos ou criaturas lendárias do que a "alienígenas". No entanto, ele ressalta que "alienígenas vêm em todos os tamanhos, formas e cores. Alguns são amigáveis. Outros são tudo menos amigáveis. Todos eles têm uma coisa em comum: a raça humana os encontrou" (p. xix). O compêndio de Redfern serve para expandir as categorias além dos tipos humanoides estereotipados de INHs mais comumente associados a "extraterrestres".

**6. Webre, A. L. (2014).** *The Dimensional Ecology of Omniverse*. Universe Books.

A apresentação de INHs por Alfred Lambremont Webre baseia-se fortemente na pesquisa de Manuel Lamiroy, que, mais do que ninguém, mapeou a "exofenotipologia" de INHs (ver <https://www.exopaedia.org/Exophenotypology> e <http://www.exopoliticssouthafrica.org/phenotypes.htm>). A seguir, um esquema da exofenotipologia de 9 classes que Lamiroy desenvolveu até o momento. Ele ainda

está no processo de incorporar dezenas de novos fenótipos ao seu sistema, como resultado do acesso ao banco de dados de Albert Rosales, com mais de 17.000 casos de contato. Webre também inclui e discute detalhadamente três exofenótipos humanoides marcianos.



**7. Howe, L. M. (1994).** *Glimpses of Other Realities: Volume 1: Facts and Eyewitnesses*. Albuquerque, NM: LMH Productions.

Nos Capítulos 3 e 4, Linda Moulton Howe apresenta uma variedade de relatos de testemunhas oculares e desenhos de pessoas que vivenciaram a experiência. Ela apresenta "diferentes descrições alienígenas" de 10 tipos de seres, cada um com inúmeras ilustrações. Howe é uma jornalista investigativa vencedora do Emmy, formada pela Stanford University com mestrado em Comunicação. Ela é considerada por muitos uma das mais renomadas e respeitadas investigadoras de UFOs na área da ufologia.

**8. Mendonça, M. & Lamb, B. (2015).** *Meet the Hybrids: The Lives and Missions of ET Ambassadors on Earth*. Scotts Valley, CA: Amazon CreateSpace;  
**Mendonça, M. (2017).** *Being with the Beings: The How and Why of ET Contact*. Scotts Valley, CA: Amazon CreateSpace.

Esses dois livros são bastante singulares, pois apresentam 13 indivíduos humanos que se autoidentificam como híbridos de ETs e/ou que tiveram contato contínuo e duradouro com uma variedade impressionante de INHs. Suas descrições

de vários tipos de seres, seus encontros com eles e a natureza de seus mundos/planetas são bastante detalhadas e envolventes. Todos os híbridos entrevistados afirmam ter múltiplos tipos de DNA de ETs. As descrições das INHs ao longo desses dois livros em geral incluem sua origem, seu fenótipo e os nomes de seus grupos específicos.

**9. Clarke, A. S. (2012).** *Encounters with Star People: Untold Stories of American Indians*. San Antonio, TX: Anomalist Books; **Clarke, A. S. (2015).** *Sky People: Untold Stories of Alien Encounters in Mesoamerica*. Pompton Plains, NJ: The Career Press, Inc.; **Clarke, A. S. (2016).** *More Encounters with Star People: Urban American Indians Tell Their Stories*. San Antonio, TX: Anomalist Books; e **Clarke, A. S. (2019).** *Space Age Indians: Their Encounters with the Blue Men, Reptilians, and Other Star People*. San Antonio, TX: Anomalist Books.

Desde a década de 1980, Ardy Sixkiller Clarke, pesquisadora etnográfica e Professora Emérita da Universidade Estadual de Montana, coletou mais de 4.000 relatos de encontros de índios americanos e outros povos indígenas com INHs. Ela publicou 157 desses relatos em quatro livros, totalizando 1.100 páginas de material. Seu conjunto de trabalhos representa uma das coleções mais singulares e importantes de relatos de experiências – especialmente porque todas foram lembradas conscientemente, sem o auxílio de hipnose. Além disso, seu trabalho ajuda a demonstrar que esses encontros ocorrem em populações em geral não associadas a fenômenos de abdução ou à literatura sobre experienciadores. Muitos dos encontros que ela documenta parecem validar as diversas tradições indígenas de todo o mundo que falam de "seres estelares" como seus ancestrais.

#### **10. Vashta Narada's Galactic Art**

[www.vashta.com](http://www.vashta.com) e

[https://www.vashta.com/my-product\\_category/commissions/](https://www.vashta.com/my-product_category/commissions/).

Vashta Narada é uma artista intuitiva e experienciadora que utiliza programas gráficos 3D para "pintar" imagens de "galácticos". Ela começou esse trabalho por volta de 2013 e, até hoje, já fez mais de 150 retratos. A maioria deles é feita sob encomenda para pessoas que desejam que ela retrate uma INH com quem tenham contato. Vashta normalmente se conecta com esses seres e, em seguida, os retrata com base em seu próprio encontro. Ela observa que, às vezes, esses seres lhe dão instruções e orientações sobre a melhor forma de retratá-los. Ela deixa claro que sua arte não deve ser interpretada como uma "fotografia" literal dos seres, mas sim como uma forma de captar a qualidade energética ou a assinatura de cada INH. Esses retratos podem ser vistos em seu site ou em sua página do Facebook. Seu

trabalho é bastante notável porque fornece uma representação muito mais realista da aparência dessas INHs e, assim, evita o estilo, às vezes caricatural, que pode ser associado a desenhos feitos por pessoas que geralmente não têm formação artística. Como resultado, olhar para a galeria dela pode dar às pessoas uma noção melhor dos tipos de INHs que estão sendo encontrados por indivíduos ao redor do mundo.

**11. Boylan, R. (2012).** *The Human–Star Nations Connection: Key to History, Current Secrets, and our Near Future.* Boylan LLC.

O Dr. Richard Boylan pesquisa encontros humanos com INHs desde 1989 e, durante a década de 1990, foi considerado um proeminente pesquisador de abduzidos. Ele afirma que existem quase 1.500 "Espécies de Nações Estelares que atualmente operam na zona de energia da Terra..." Neste livro, ele se concentra naquelas com quem os humanos tiveram as interações mais frequentes. No total, ele discute 23 diferentes "raças" e observa que existem pelo menos 12 raças de Zetas ou Greys.

**12. McDaniel, D. E. (2017).** *The Illustrated Guide to Reported Alien Species.* Scotts Valley, CA: Amazon CreateSpace.

Inspirado pela escassez de bons recursos visuais que acompanham histórias de encontros, David Erik McDaniel decidiu criar ilustrações de 32 tipos de extraterrestres selecionados de vários relatos, de avistamentos e da literatura sobre UFOs em geral. Ele busca retratar precisamente cada INH com base em relatos e usa apenas a liberdade criativa para preencher detalhes ausentes. Seu trabalho é excelente ao ilustrar 16 das 25 INHs humanoides listadas na Tabela 3.

## NOTAS

1. Ao ler esta citação em setembro de 2018, imediatamente senti o chamado para criar uma metateoria integrativa das realidades anômalas – o que agora chamo de Exoestudos (ver [www.exostudies.org](http://www.exostudies.org)). Observe também que este artigo é uma versão ligeiramente revisada de um que foi publicado em junho de 2020.

2. *Kosmos* é usado aqui de acordo com Wilber (1995), onde um "k" é usado à la gregos antigos para se referir não apenas às dimensões exteriores do cosmos, como também às dimensões interiores, e *Selvagem* é usado para se referir à estranheza ontológica da realidade. Assim, *Kosmos Selvagem* refere-se a toda a realidade – visível e invisível – tanto em suas expressões epistemologicamente compreensíveis quanto em suas expressões ontológicas sempre elusivas. Também me refiro a ele como o *metaverso*, o que é muito semelhante ao conceito de *omniverso* de Alfred Lambremont Webre (2014) e sua "ecologia dimensional". *Selvagem* também é inspirado nos *factos selvagens* de William James (1960) e nos *talentos selvagens* de Charles Fort (1974), ambos referentes a realidades paranormais.

3. Tenho em mente aqui a distinção de J.F. Martel (2016) entre estranheza epistemológica e estranheza ontológica:

Dizemos que algo é estranho quando desafia a razão, quando não conseguimos encontrar uma explicação suficientemente satisfatória para pararmos de nos perguntar o que é. Há pelo menos duas maneiras pelas quais isto pode acontecer. Uma coisa pode ser estranha em significado ou em fato. Em termos filosóficos, o primeiro tipo de estranheza pode ser chamado de epistemológico, significando que tem a ver com a forma como percebemos as coisas; o segundo tipo de estranheza pode ser chamado de ontológico, significando que tem a ver com a forma como as coisas realmente são em seu íntimo.

A estranheza epistemológica surge quando, embora eu não consiga conceber nenhuma explicação racional para o que está diante de mim, ainda assim mantenho a crença de que obterá alguma explicação se tivesse mais informações... Em contraste, a estranheza ontológica surge quando um evento é inexplicável em princípio, porque desafia a explicação racional em sentido absoluto. Trata-se de uma estranheza inata que nos aponta para a estranheza da própria realidade em seu nível fundamental.

Isto ecoa o realismo estranho associado à escrita de H.P. Lovecraft – de que, em sua essência, há algo totalmente estranho sobre a realidade que permite que ela escape continuamente até mesmo à nossa melhor investigação ontológica (ver Harman, 2012).

4. Ver Esbjörn-Hargens (in press-b), onde articulo os contornos de uma *ontologia profunda integral* baseada na integração da ontologia profunda de Roy Bhaskar (2016) com a Teoria Integral de Ken Wilber. Isso faz parte do meu esforço contínuo para desenvolver o Realismo Integral Complexo (RIC) (ver nota 6). Uma das principais tarefas dos Exoestudos é usar o RIC como base metateórica, a partir da qual se possa desenvolver uma metaciência integrativa de UFOs e de paranormalidades.

5. Ver Kripal (2016a, pp. 8–11).

6. Ver Esbjörn-Hargens (2010, 2016, in press-a e in press-b). O Realismo Integral Complexo (RIC) situa o que chamo de *Pluralismo Integral* (uma visão enagente da realidade) no âmbito de uma ontologia profunda integral (ver nota 4). Isso é discutido com mais detalhes posteriormente neste artigo, no contexto da Hipótese de Enação Mútua (HEM).

7. Além do Apêndice 1, com sua lista de mais de 150 campos, domínios e tópicos disciplinares, recomendo aos leitores que consultem a bibliografia de 38 páginas "The 650 Essential Books for Exo Studies", disponível em <https://www.exostudies.org/wp-content/uploads/2020/04/Exo-Studies-Master-Course-Reading-List-650-1.pdf>. Essa extensa bibliografia serve como uma lista de referência complementar às fontes encontradas no final deste artigo e fornece aos leitores uma compreensão mais aprofundada dos textos essenciais que informam os Exoestudos em geral e este artigo em particular. Uma lista mais resumida de mais de 150 livros essenciais sobre Exoestudos também pode ser encontrada em <https://www.exostudies.org/resources/books/>.

8. Essa comparação de dados "psíquicos" experienciais em primeira pessoa com dados "folclóricos" culturais em segunda pessoa é importante para uma avaliação mais sofisticada dos paralelos e *diferenças* entre o folclore de fadas dos séculos XVIII e XIX e as narrativas de UFOs/abduções dos séculos XX e XXI. Isso poderia fazer parte de um amplo esforço para estudar *siddhis* e habilidades paranormais (e.g., clariaudiência, clarividência, clarissenciência) que permitem que determinadas pessoas percebam e vivenciem INHs e outras dimensões/domínios.

9. Ver Zimmerman (2003) para uma exploração filosófica da alteridade radical e do "olhar alienígena" no contexto do fenômeno de abdução.

10. Isso inclui o conceito de talentos selvagens de Fort (1941/1974), ou seja, os superpoderes paranormais latentes nos seres humanos.

**11.** A expressão "inteligências não humanas" também é usada em alguns contextos para se referir à senciência animal e/ou à inteligência artificial (e.g., andróides). Nos Exoestudos, esse uso ficará óbvio pelo contexto.

**12.** Observe que ambas as grafias, Greys e Grays, são usadas para se referir às mesmas INHs. A grafia britânica usa um "e" e a americana usa um "a". No entanto, a grafia britânica parece ser mais comum na literatura sobre encontros, donde seguirei a tendência aqui e usarei Greys. Essas INHs também são chamadas de Zetas, abreviação de Zeta Reticulans, sendo Zeta Reticuli um dos principais sistemas estelares aos quais esses seres são associados.

**13.** Ver a nota 8. Além disso, embora existam semelhanças marcantes entre fadas e alienígenas, há muitas razões para acreditar que eles são, na verdade, seres ontológicos distintos, associados ao seu próprio domínio/reino, mesmo que ambos tenham sido confundidos por diferentes pessoas em momentos diversos da história. Uso a grafia *faery* para fazer uma distinção clara entre as representações vitorianas e da Disney de pequenas criaturas aladas e delicadas e os habitantes de corpos sutis das Fadas (Fairie), como descritos por videntes e pelo folclore.

**14.** Ao longo da obra *The Super Natural*, Kripal (2016a, 2016b e 2016c) alerta contra tais práticas comparativas ingênuas. Por exemplo, ele incentiva os pesquisadores a "atirarem a flecha em ambas as direções" (2016d, p. 340) e a serem cautelosos ao tentar interpretar o passado exclusivamente através do presente (e.g., visualizando encontros com fadas do século XVIII ou relatos de "luzes no céu" da Idade Média através de uma lente ufológica moderna) ou o presente exclusivamente através do passado (e.g., enxergando relatos atuais de ETs/EDs como evidências de anjos e demônios). Assim, atirar a flecha em ambas as direções significa, paradoxalmente, considerar os insights que ambas as abordagens interpretativas fornecem quando levadas a sério (e, ao mesmo tempo, encaradas com sobriedade).

**15.** Ver o vídeo de Barbara Lamb (2019).

**16.** Na série *Star Trek*, a Primeira Diretriz é uma política de não interferência que orienta a Frota Estelar a não interferir no desenvolvimento de civilizações alienígenas.

**17.** Dada a controvérsia que a pesquisa de Susan Clancy e seu livro subsequente geraram entre experienciadores, é importante destacar que David Jacobs (2006), pesquisador veterano em abduções alienígenas, refutou veementemente as alegações de Clancy em sua resenha publicada no *Journal of Scientific Exploration*. Ver também o bem pesquisado ensaio online de Kathleen

Marden (sem data), "Psychological Studies on Abduction Experiences" (Estudos Psicológicos sobre Experiências de Abdução, em tradução livre), que também apresenta uma crítica contundente ao método e aos resultados de Clancy. Embora eu concorde com as refutações de Jacobs e Marden a Clancy, acredito que os pesquisadores de INHs precisam incorporar melhor os insights e abordar as críticas associadas à perspectiva da HIP, representada por pesquisadores como Clancy.

**18.** Existem muitas maneiras pelas quais nossos cérebros obscurecem ou distorcem exofenômenos. Portanto, precisamos compreender melhor essas dinâmicas cognitivas e neurológicas de percepção e interpretação. A próxima hipótese – a Hipótese Cocriativa (HCC) – caminha nessa direção de forma produtiva. A HCC é, em muitos aspectos, bastante semelhante à Hipótese de Enação Mútua (HEM). A HEM pode ser vista como uma versão expandida e mais desenvolvida da HCC.

**19.** Ver *The Secrets of Dellschau* (2009), de Dennis Crenshaw.

**20.** Como observado anteriormente, este esforço baseia-se no trabalho prévio que fiz sobre Pluralismo Integral e Realismo Integral Complexo (ver notas 4 e 6).

**21.** Ver Stavish (2018) para um tratamento recente de egrégoras.

**22.** A Hipótese de Civilização Separatista (HCS) é única entre as outras hipóteses listadas na Tabela 4, pois envolve principalmente humanos da Terra e não necessariamente INHs. Embora alguns afirmem que os humanos da Terra envolvidos na HCS estejam colaborando com humanos galácticos e INHs.

**23.** Trata-se de uma paráfrase da expressão comum, originalmente dita pelo personagem Pudd'nhead Wilson, de Mark Twain, em *Following the Equator* (1897), de que "a verdade é mais estranha que a ficção". A ficção é bastante insossa em comparação com a ficção científica, portanto, a verdade, ou o que é real, é ainda mais bizarra do que o que é possível na ficção científica, que já é bastante fantástica. Isto se conecta ao meu ponto anterior sobre o Kosmos Selvagem e a realidade serem ontologicamente estranhas (ver notas 2 e 3).

**24.** Vale a pena ressaltar aqui que Mack (1999/2008) indica meu querido amigo e colega da Teoria Integral, Michael Zimmerman, como um exemplo de um pensador que postula uma "'terceira zona' da realidade que não é nem puramente interna nem externa, mas está além, incluindo ou concebendo o dualismo familiar do mundo interior e exterior" (p. 288).

**25.** Até o momento, documentei cerca de 20 exemplos de como a duplicidade se manifesta em exofenômenos. Por exemplo, 1) a desinformação inclui tanto verdades quanto mentiras; 2) bons testemunhos frequentemente envolvem pessoas confiáveis alegando coisas inacreditáveis; 3) abduzidos frequentemente relatam traumas e transcendências em relação aos seus encontros com INHs; 4) a revelação de UFOs, parafraseando Richard Dolan, é tanto impossível quanto inevitável; 5) a maioria das pessoas em geral acredita que não estamos sozinhos e que alguns UFOs são pilotados por ETs, mas é um tabu falar sobre isso em público; e 6) o governo e as forças armadas dos EUA têm uma posição pública de que UFOs são "conversa fiada", mas, a portas fechadas, eles os estudam intensamente há quase 80 anos. Exemplos adicionais de duplicidade são mencionados ao longo do artigo. Parece haver três principais fronteiras liminares envolvidas na duplicidade: a fronteira sujeito-objeto, a fronteira eu-outro e a fronteira espaço-temporal. De uma perspectiva da Teoria Integral, essas três fronteiras se correlacionam com as esferas do Eu, Nós e Isto/Istos, que representam os três principais domínios da realidade. Portanto, os exofenômenos transgridem todas as principais distinções usadas para navegar a realidade e dar sentido a nós mesmos, às nossas comunidades e ao nosso cosmos. É isso que torna essas transposições liminares de fronteiras tão desconcertantes e ameaçadoras para o status quo — elas têm o potencial de desestabilizar tudo o que nos é caro. Acredito que uma melhor compreensão dessa duplicidade é crucial para os Exoestudos, em parte porque pode servir como um poderoso catalisador para a transformação individual e social, impulsionando-nos a formas mais integrativas de pensamento e de ser pós-formais. Desse modo, estou planejando dedicar um artigo inteiro à exoduplicidade em breve.

**26.** O uso de "o Real" aqui é bastante distinto do conceito de "o Real" na ontologia de profundidade de Bhaskar (2016), no âmbito do Realismo Crítico. Ver Esbjörn-Hargens (in press-b) para a apresentação desse conceito e sua relação com os Exoestudos.

**27.** A distinção quádrupla do real de Sentes (2019a, 2019b) é, em parte, uma resposta à discussão de Robbie Graham sobre hiper-realidade em *Silver Screen Saucers* (2015). A discussão de Graham destaca outro exemplo de duplicidade. Ele explica que filmes que apresentam UFOs os tornam paradoxalmente mais reais na consciência pública (porque os viram em um filme) e menos reais (porque os viram em um filme): "Simulações cinematográficas da história ufológica (filmes e programas de TV sobre UFOs) simultaneamente descrevem realistamente e ficcionalizam seu tema subjacente – ele se torna hiper-real, tanto real quanto irreal" (p. 294). Em suma, os UFOs, por meio de suas representações midiáticas, tornam-

se hiper-reais (real/irreal, fato/fantasia, verdadeiro/falso, real/imaginário). Este é outro exemplo de duplicidade (ver nota 25). Embora Sentes (2019b) reconheça a essência da tese de Graham, ele oferece alguns contrapontos importantes (e.g., que a mídia impressa tem mais influência do que Graham reconhece, e que havia representações culturais notáveis de UFOs/INHs antes do avistamento de Kenneth Arnold em 1947, que Graham afirma ter ocorrido antes que os UFOs fizessem parte da cultura midiática). À luz dessas duas críticas, Sentes enfatiza, ecoando a Hipótese de Enação Mútua: "A experiência e suas representações culturais de massa estão sempre mutuamente entrelaçadas."

**28.** Patrick Harpur (1994/2003) ressalta que Carl Jung fez uma observação semelhante. Para Jung, nossa cultura hipermaterialista é altamente cindida – reprimindo o demoníaco, o sutil e tudo o que não seja imediatamente passível de análise materialista. Assim, para Jung, os UFOs são uma projeção coletiva que visa a curar essa cisão entre ciência/matéria/exteriores e espiritualidade/mente/interiores, tornando-nos inteiros novamente. Segundo Jung, um UFO pode, por meio do inconsciente coletivo, manifestar uma dimensão física suficiente para os fenômenos a ponto de gerar um retorno de radar e, ao mesmo tempo, um UFO físico real é uma tela para projeções mitológicas. "Em outras palavras, [Jung] pensava que era possível que as projeções do inconsciente coletivo pudessem ter um aspecto físico; ou então, embora os UFOs pudessem ser físicos, eles não fossem necessariamente naves espaciais extraterrestres" (p. 17). Nesse contexto, Harpur indica que uma das grandes descobertas de Jung foi que parte da psique, o inconsciente coletivo, é objetiva! "Assim, [Jung] dissolve a questão de se os UFOs são subjetivos ("tudo na mente") ou objetivos ("realmente lá fora"), e afirma que eles são sempre objetivos, mas derivam do domínio interno da psique" (p. 17).

**29.** Os Realistas Especulativos, como Graham Harman (2011) com seu objeto quádruplo, fizeram um trabalho interessante sobre objetos que têm agência etc. Acredito que eles dão algumas contribuições realmente importantes tanto para uma ontologia de profundidade integral quanto para os Exoestudos.

**30.** Quando evidências são discutidas no contexto de um exofenômeno, o aforismo que Carl Sagan tornou famoso é frequentemente apresentado: "afirmações extraordinárias exigem evidências extraordinárias". Uma crítica e desconstrução completas dessa posição será deixada para outro dia. Por ora, apenas salientarei, como outros já fizeram antes de mim, que isso não é boa ciência nem é a maneira como a ciência funciona: qualquer boa evidência será suficiente para sustentar uma afirmação extraordinária. Além disso, não há critérios estabelecidos quanto ao que conta como uma afirmação extraordinária ou

evidência extraordinária. Esse provérbio é mais uma ilustração de como soar científico e, ao mesmo tempo, descartar evidências anormais que não se encaixam em uma visão de mundo dominante.

**31.** Gostaria de agradecer ao meu colega Jon Kohl por ter usado pela primeira vez esta engraçada metáfora da "pistola (de raios) fumegante" no nosso artigo em coautoria (Kohl & Esbjörn-Hargens, 2020).

**32.** Os itens listados na Tabela 5 foram compilados de diversas fontes *online*: Hutchinson (2020) e Lomer (2016) para evidências jurídicas e *Compound Interest* (2015) para evidências científicas. Essas fontes fornecem breves definições de cada tipo de evidência. Para os propósitos deste artigo, optei por omiti-las, pois a maioria delas provavelmente será direta e óbvia para a maioria dos leitores.

**33.** Wilber (1997) desenvolve essa abordagem com base em seus quatro quadrantes e inspirado pela noção de Habermas (1979, 1984) de três tipos de critérios de validade (verdade, justiça e veracidade) na ação comunicativa. Habermas atribui cada critério a um mundo ou domínio diferente da realidade: mundo objetivo, mundo social e mundo subjetivo, respectivamente.

**34.** Ver Wilber (1997).

**35.** Além das evidências jurídicas ou científicas individuais, há também algo a ser dito sobre as metaevidências acumulativas que surgem quando se incluem evidências de múltiplas disciplinas. Individualmente, muitas delas não significam grande coisa, mas, quando consideradas em conjunto, emerge uma série de metapadrões sugestivos (até convincentes), apontando para a realidade dos UFOs e das INHs. Consequentemente, a defesa jurídica dos UFOs/INHs parece ser muito mais forte do que a defesa científica. Os céticos ignoram rotineiramente a acumulação de evidências e, em vez disso, concentram-se em desacreditar cada evidência individual.

**36.** Essa pesquisa está documentada em Kelleher & Knapp (2005). Ver também o documentário *Hunt for the Skinwalker*, de Jeremy Corbell, de 2018. Atualmente, o novo proprietário do rancho está envolvido em outra rodada de investigação científica (como evidenciado pela nova série de 8 episódios do History Channel, *The Secret of Skinwalker Ranch* (Baker, 2020).

**37.** Ver McMillan (2020).

**38.** Ver Esbjörn-Hargens (in press-b). Além disso, o recente livro de Alan Bourey e Gary Schwartz, *The Case for Truth* (2019), oferece uma série de considerações importantes para uma metaciência integrativa. Ver também Rice

(2020) para uma exploração provocativa da retórica das evidências em um contexto conspiratório e paranormal.

**39.** Aqui, uso intencionalmente a noção de *supernatural* de Strieber & Kripal (2016) (uma visão sintética que é tanto científica quanto espiritual/religiosa) em contraste com *natural* (uma visão científica moderna) ou *sobrenatural* (uma visão religiosa tradicional).

**40.** A virada ontológica é mais aparente na antropologia (e.g., Holbraad & Pedersen, 2017) e na filosofia (e.g., De-Landa & Harman, 2017).

**41.** O Realismo Crítico de Bhaskar (2016), desde seu início na década de 1970, sempre se preocupou com questões de ontologia: "como deve ser o mundo para que x seja possível?" Aqui poderíamos perguntar: "como deve ser o Kosmos Selvagem para que as INHs tenham status ontológico?"

**42.** Aqui, estou usando *metamodernismo* em um sentido geral que inclui o trabalho de Hanzi Freinacht (2017, 2019) e seu movimento associado, mas não se restringe a essa expressão específica do metamodernismo.

**43.** Ver notas 4, 6 e 26.

**44.** O filme *Os Outros* (Bovaira *et al.*, 2001), estrelado por Nicole Kidman, faz um trabalho magistral ao apresentar essa tese em que (alerta de spoiler!) a grande revelação no final é a reviravolta chocante em que percebemos que os fantasmas são os humanos e vice-versa.

**45.** Ver nota 3 e Martel (2016). Estranheza epistemológica ocorre quando reduzimos qualquer estranheza que nós ou outros encontramos a um ser nós/eles em um estado mental alterado, inoculando-nos assim das implicações ontológicas desses encontros. Da mesma forma, na estranheza metodológica, reduzimos a estranheza encontrada aos métodos que criam os encontros ou estados alterados: "Ah, ele estava sob efeito de LSD!". Presumimos que a estranheza é atribuível a uma realidade alternativa encontrada em nossa própria mente, em contraste com uma encontrada externamente a nós. Assim, estranheza ontológica ocorre quando praticamos extravasamento ontológico (Hunter 2015, 2016) e levamos a sério as implicações ontológicas do encontro. Isso frequentemente nos leva a perceber que a realidade é mais estranha do que podemos imaginar.

**46.** De James (1896): "...se você deseja violar a lei de que todos os corvos são pretos, você não deve tentar mostrar que todos os corvos são pretos; é suficiente provar que um único corvo é branco."

**47.** O Realismo Integral Complexo é uma metateoria integrativa que é o resultado sintético do Pensamento Complexo de Edgar Morin, da Teoria Integral de Ken Wilber e do Realismo Crítico de Roy Bhaskar (ver Esbjörn-Hargens, 2016).

## REFERÊNCIAS

- Baker, P. (Supervising Producer). (2020). *The Secret of Skinwalker Ranch* [TV series]. United States: History Channel.
- Banias, M. J. (2019). *The UFO People: A Curious Culture*. August Night Books.
- Barad, K. (2007). *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Durham, NC: Duke University Press.
- Bhaskar, R. (2016). *Enlightened Common Sense: The Philosophy of Critical Realism*. London, UK: Routledge.
- Bishop, G. (2016). *It Defies Language! Essays on UFOs and Other Weirdness*. Los Angeles, CA: Excluded Middle Press.
- Bishop, G. (2017). The Co-Creation Hypothesis: Human Perception, The Informational Universe, and the Overhaul of UFO Research. In *UFOs: Reframing the Debate*. Ed. Graham, R. Hove, UK: White Crow Books.
- Bourey, A. & Schwartz, G. (2019). *The Case for Truth: Why and How to Find Truth*. Cardiff, CA: Waterside Publishing.
- Bovaira, F., Park, S. (Producers), & Amenábar, A. (Director). (2001). *The Others* [Motion Picture]. United States: Miramax.
- Boylan, R. (2012). *The Human–Star Nations Connection: Key to History, Current Secrets, and our Near Future*. Boylan LLC.
- Clancy, S. (2005). *Abducted: How People Come to Believe They Were Kidnapped by Aliens*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Clarke, A. S. (2012). *Encounters with Star People: Untold Stories of American Indians*. San Antonio, TX: Anomalist Books.
- Clarke, A. S. (2015). *Sky People: Untold Stories of Alien Encounters in Mesoamerica*. Pompton Plains, NJ: The Career Press, Inc.
- Clarke, A. S. (2016). *More Encounters with Star People: Urban American Indians Tell Their Stories*. San Antonio, TX: Anomalist Books.
- Clarke, A. S. (2019). *Space Age Indians: Their Encounters with the Blue Men, Reptilians, and Other Star People*. San Antonio, TX: Anomalist Books.
- Clarke, D. (2015). *How UFOs Conquered the World: The History of a Modern Myth*. London: Aurum Press.

Clelland, M. (2015). *The Messengers: Owls, Synchronicity and the UFO Abductee*. Richard Dolan Press.

Commons, M. L. (2008). Introduction to the Model of Hierarchical Complexity and its Relationship to Postformal Action. *World Futures* (June) 64(5–7) pp. 305-320.

Compound Interest (2015). A Rough Guide to Types of Scientific Evidence:

<https://www.compoundchem.com/2015/04/09/scientific-evidence/>.

Cook-Greuter, S. (1999/2010). *Postautonomous Ego Development: A Study of its Nature and Measurement*. Integral Publishers.

Corbell, J.K.L. (Producer & Director). (2018). *Hunt for the Skinwalker* [Motion Picture]. United States: JKLC Productions.

Crenshaw, D. (2009). *The Secrets of Dellschau*. San Antonio, TX: Anomalist Books.

DeLanda, M. & Harman, G. (2017). *The Rise of Realism*. Cambridge, UK: Polity Press.

Devereux, P. (1982). *Earth Lights: Towards an Explanation of the UFO Enigma*. Northamptonshire, UK: Turnstone Press Unlimited.

Devereux, P. (1990). *Earth Lights Revelation: UFOs and Mystery Lightform Phenomena: The Earth's Secret Energy Force*. London, UK: Blandford Press.

Dolan, R. (2016). *The Secret Space Program and Breakaway Civilization*. Richard Dolan Press.

Dolan, R. & Zabel, B. (2010). *A.D. After Disclosure: When the Government Finally Reveals the Truth About Alien Contact*. Newburyport, MA: New Page Books.

Eno, P. (2006). *Turning Home: God, Ghosts, & Human Destiny*. Woonsocket, RI: New River Press.

Eno, P. (2019). *Dancing Past the Graveyard: Poltergeists, Parasites, Parallel Worlds, and God*. Atglen, PA: Red Feather.

Esbjörn-Hargens, S. (2010). An Ontology of Climate Change: Integral Pluralism and the Enactment of Multiple Objects. *Journal of Integral Theory and Practice*, 5(1) pp. 143–174.

Esbjörn-Hargens, S. (2016). Developing a Complex Integral Realism for Global Response: Three Metaframeworks for Knowledge Integration and Coordinated Action. In *Metatheory for the Twenty-First Century: Critical Realism and Integral Theory in Dialogue*. Eds. Bhaskar, R., Esbjörn-Hargens, S., Hedlund, N., & Hartwig, M. London, UK: Routledge. pp. 99–139.

Esbjörn-Hargens, S. (2019). *Dancing with Sophia: Integral Philosophy on the Verge*. SUNY Press.

Esbjörn-Hargens, S. (2020). The 650 Essential Books for Exo Studies:

<https://www.exostudies.org/wp-content/uploads/2020/04/Exo-Studies-Master-Course-Reading-List-650-1.pdf> .

Esbjörn-Hargens, S. (in press-a). The Epistemic Fallacy Revisited: Collaborative Meta-Praxis in Action. In *Metatheory for the Anthropocene: Emancipatory Praxis for Planetary Flourishing*. Eds. Hedlund, N. & Esbjörn-Hargens, S. London: Routledge.

Esbjörn-Hargens, S. (in press-b). That is not Real! Articulating an Integral Depth Ontology for the Development of an Integrative Metascience of UFOs and the Paranormal. In: *Metatheory for the Anthropocene: Emancipatory Praxis for Planetary Flourishing*. Eds. Hedlund, N. & Esbjörn-Hargens, S. London: UK. Routledge.

Fort, C. (1941/1974). *The Complete Books of Charles Fort: The Book of the Damned, Lo! Wild Talents, New Lands*. New York: Dover Publications, Inc.

Freinacht, H. (2017). *The Listening Society: A Metamodern Guide to Politics, Book One*. Metamoderna.

Freinacht, H. (2019). *Nordic Ideology: A Metamodern Guide to Politics, Book Two*. Metamoderna ApS.

Graham, R. (2015). *Silver Screen Saucers: Sorting Fact from Fantasy in Hollywood's UFO Movies*. Hove, UK: White Crow Books.

Greer, S. (2006). *Hidden Truth, Forbidden Knowledge*. Crozet, VA: Crossing Point, Inc.

Habermas, J. (1979). *Communication and the Evolution of Society*. London, UK: Heinemann.

Habermas, J. (1984). *The Theory of Communicative Action 1: Reason and the Rationalization of Society*. Cambridge, UK: Polity Press.

Hancock, G. (2006). *Supernatural: Meetings with the Ancient Teachers of Mankind*. Revised Edition. San Francisco, CA: Disinformation Books.

Hanna, J. (2012). "Aliens, Insectoids, and Elves! Oh, My!" *Erowid Extracts: Documenting the Complex Relationship Between Humans and Psychoactives*. November No. 23 pp. 8 – 21.

Harman, G. (2011). *The Quadruple Object*. Alresford, UK: Zero Books.

Harman, G. (2012). *Weird Realism: Lovecraft and Philosophy*. Alresford, UK: Zero Books.

Harpur, P. (1994/2003). *Daimonic Reality: A Field Guide to the Otherworld*. Ravensdale, WA: Pine Winds Press.

Hernandez, R., Klimo, J., & Schild, R. (2018). *Beyond UFOs: The Science of Consciousness and Contact with Non Human Intelligence*. FREE Inc.

Holbraad, M. & Pedersen, M. A. (2017). *The Ontological Turn: An Anthropological Exposition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Howe, L. M. (1994). *Glimpses of Other Realities: Volume 1: Facts and Eyewitnesses*. Albuquerque, NM: LMH Productions.

Hunter, J. (2015). "Between Realness and Unrealness": Anthropology, Parapsychology and the Ontology of Non-Ordinary Realities. *DISKUS The Journal of the British Association for the Study of Religions* 17(2), 4–20.

Hunter, J. (2016). Intermediatism and the Study of Religion. *Paranthropology* 7(1) pp. 51–56.

Hutchinson, T. (2020). 22 Evidence Type Terminology. International Institute of Legal Project Management. <https://www.iilpm.com/22-evidence-type-terminology/>.

Huyghe P. (1996). *The Field Guide to Extraterrestrials: A Complete Overview of Alien Lifeforms—Based on Actual Accounts and Sightings*. New York, NY: Avon Books.

Imbrogno, P. (2008). *Interdimensional Universe: The New Science of UFOs, Paranormal Phenomena & Otherdimensional Beings*. Woodbury, MN: Llewellyn Publications.

Jacobs, D. (2006). Book Review – Abducted: How People Come to Believe They Were Kidnapped by Aliens. *Journal of Scientific Exploration* (summer) 20(2), 303–311.

Jacobs, D. (2015). *Walking Among Us: The Alien Plan to Control Humanity*. San Francisco, CA; Disinformation Books.

James, W. (1896). Society for Psychical Research Presidential Address; reprinted in *Subtle Energies and Energy Medicine* (1996), 7(1), pp. 23–33.

James, W. (1897/1960). What Psychical Research Has Accomplished. In *William James on Psychical Research*, ed. Murphy, G. & Ballou, R. New York: Viking.

Jorjani, J. R. (2016). *Prometheus and Atlas*. London, UK: Arktos.

Jung, C. (1959). *Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in the Sky*. London, UK: Routledge.

Keel, J. (1970/2013). *Operation Trojan Horse: The Classic Breakthrough Study of UFOs*. San Antonio TX: Anomalist Books.

Keel, J. (1975/2013). *The Eighth Tower: On Ultraterrestrials and the Superspectrum*. San Antonio, TX: Anomalist Books.

Kegan, R. (1994). *In Over Our Heads: The Mental Demands of Modern Life*. Cambridge, MA: The Harvard University Press.

Kelleher, C. & Knapp, G. (2005). *Hunt for the Skinwalker: Science Confronts the Unexplained at a Remote Ranch in Utah*. New York, NY: Paraview Pocket Books.

Kohl, J. & Esbjörn-Hargens, S. (2020). Going Galactic: Expanding Heritage Interpretation to Include the Potential Influence of Extraterrestrial and Extradimensional Beings. *Legacy*, 31(3), 16–21.

Kripal, J. (2010). *Authors of the Impossible: The Paranormal and the Sacred*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

Kripal, J. (2016a). The Already World. In: *The Super Natural: A New Vision of the Unexplained*. Strieber, W. & Kripal, J. NY: New York, Tarcher pp. 1–20.

Kripal, J. (2016b). The Magical Object. In: *The Super Natural: A New Vision of the Unexplained*. Strieber, W. & Kripal, J. NY: New York, Tarcher pp. 189–205.

Kripal, J. (2016c). The Mythical Object. In: *The Super Natural: A New Vision of the Unexplained*. Strieber, W. & Kripal, J. NY: New York, Tarcher pp. 303–319.

Kripal, J. (2016d). Appendix: "An Approximation to Realness or Final Awakening": Or How to Make the Supernatural Super Natural in Nine Steps. In: *The Super Natural: A New Vision of the Unexplained*. Strieber, W. & Kripal, J. NY: New York, Tarcher pp. 339–342.

Kuhn, T. (1962). *Structures of Scientific Revolutions*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

Lamb, B. (2019). Barbara Lamb, MS, MFT, CHP – Part 1 "Extraterrestrial Beings": <https://www.youtube.com/watch?v=OICCfm9zpmI>.

Lamorte, V. (2015). Vanessa Lamorte. In *Meet the Hybrids: The Lives and Missions of ET Ambassadors on Earth*. Amazon CreateSpace pp. 141–162.

LaViolettes, P. (2010). *Subquantum Kinetics: A Systems Approach to Physics and Cosmology*. Niskayuna, NY: Starlane Publications.

Lomer, D. (2016). 15 Types of Evidence and How to Use Them:

<https://www.caseiq.com/resources/15-types-of-evidence-and-how-to-use-them-in-investigation/>.

Mack, J. (1999/2008). *Passport to the Cosmos: Human Transformation and Alien Encounters*. Guildford, UK: White Crow Books.

Marden, K. Psychological Studies on Abduction Experiences: <https://www.kathleen-marden.com/>.

Martel, J. F. (2016). Reality is Analog: Philosophizing with Stranger Things (Part One). <https://www.metapsychosis.com/reality-is-analog-philosophizing-with-stranger-things-part-one/>.

Master, M. (2019). *Identified Flying Objects: A Multidisciplinary Scientific Approach to the UFO Phenomenon*. Butte, MT: self published.

McDaniel, D. E. (2017). *The Illustrated Guide to Reported Alien Species*. Scotts Valley, CA: CreateSpace.

McMillan, T. (2020). Inside the Pentagon's Secret UFO Program. *Popular Mechanics*, Feb. 14, 2020. <https://www.popularmechanics.com/military/research/a30916275/government-secret-ufo-program-investigation/>.

Mendonça, M. & Lamb, B. (2015). *Meet the Hybrids: The Lives and Missions of ET Ambassadors on Earth*. Scotts Valley, CA: Amazon CreateSpace.

Mendonça, M. (2017). *Being with the Beings: The How and the Why of ET Contact*. Scotts Valley, CA: CreateSpace.

Morton, T. (2010). *The Ecological Thought*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Morton, T. (2013). *Hyperobjects: Philosophy and Ecology after the End of the World*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press.

Narada, V. Galactic Art ([www.vashta.com](http://www.vashta.com)):

[https://www.vashta.com/my-product\\_category/commissions/](https://www.vashta.com/my-product_category/commissions/).

Neale, L. (2018). Integral Relativity of Awareness and Energy: The Continuum of Consciousness, Energy, Mind and Matter. *NeuroQuantology* 17(05): pp. 172–193.

Neale, L. (2019). Integral Relativity: New Cosmological Paradigm for Science of Consciousness Protocols. *NeuroQuantology* 17(05): pp. 67–77.

- Neppe, V. & Close E. (2014). *Reality Begins with Consciousness: A Paradigm Shift that Works*. 5th Edition. Seattle, WA: Brainvoyage Press.
- Nidle, S. (2005). *Your Galactic Neighbors*. Pukalani, HI: Blue Lodge Press.
- O'Fallon, T., Polissar, N., Neradilek, M. B., & Murray, T. (2020). Validation of a New Scoring Method for Assessing Ego Development in Three Dimensions of Language. *Heliyon*, 6(3), 1-15.
- Persinger, M. & Lafreniere, G. (1977). *Space-time Transients and Unusual Events*. Chicago: Nelson-Hall.
- Planck, M. (1950). *Scientific Autobiography and Other Papers*. New York: Philosophical Library.
- Rachel, A. (2013). Daimonic Ecologies: An Inquiry into the Relationships between the Human and the Nonphysical Species. In *Daimonic Imagination: Uncanny Intelligence*. Eds. Voss, A. & Rowlandson, W. Newcastle, UK: Cambridge Scholars.
- Redfern, N. (2019). *The Alien Book: A Guide to Extraterrestrial Beings on Earth*. Canton, MI: Visible Ink.
- Rice, J. (2020). *Awful Archives: Conspiracy Theory, Rhetoric, and Acts of Evidence*. Columbus, OH: The Ohio State University Press.
- Rodwell, M. (2016). *The New Human: Awakening to Our Cosmic Heritage*. Australia: New Mind.
- Rosales, A. (2016). *Humanoid Encounters: The Others Amongst Us: 2010-2015*. Triangulum Publishing.
- Rosales, A. (2017). *Humanoid Encounters: The Others Amongst Us: 1 AD-1899*. Triangulum Publishing.
- Royal, L., & Priest, K. (2011). *The Prism of Lyra: An Exploration of Human Galactic Heritage* [revised and updated]. Flagstaff, AZ: Light Technology Publishing.
- Salla, M. (2004). *Exopolitics: Political Implications of The Extraterrestrial Presence*. Tempe, AZ: Dandelion Books.
- Salla, M. (2013). *Galactic Diplomacy: Getting to Yes with ET*. Kealahou, HI: Exopolitics Institute.
- Sarfatti, J. (2017). Jack Sarfatti: The Post-Quantum Mechanics of Conscious Artificial Intelligence: <https://www.youtube.com/watch?v=WqCQbOVYH1I>.
- Sarfatti, J. (2018). Edition 1: Dr. Jack Sarfatti on the Physics of the "Tic Tac" UFO: <https://www.youtube.com/watch?v=ROJ8hQBDHJM>.
- Sarfatti, J. (2019). Edition 7: Part 2 – Dr. Jack Sarfatti on the Physics and Politics of the "Tic Tac" UFO: <https://www.youtube.com/watch?v=yR52W5d8qY8>.
- Schratt, M. (2020) UFO Contact Cases. Michael Schratt on the Richard Dolan Show (May 26, 2020) [https://www.youtube.com/watch?v=wb13OR6ZH\\_Q](https://www.youtube.com/watch?v=wb13OR6ZH_Q).
- Sentes, B. (2019a). Encounter in the Desert of the Real: <https://skunkworksblog.com/2019/08/10/encounter-in-the-desert-of-the-real/>.

Sentes, B. (2019b). RE: Robbie Graham on UFOs and Hyperreality: An Addendum and Excursus: <https://skunkworksblog.com/2019/08/16/re-robbie-graham-on-ufos-and-hyperreality-an-addendum-and-excursis/>.

Stavish, M. (2018). *Egregores: The Occult Entities that Watch Over Human Destiny*. Rochester, VT: Inner Traditions.

Stone, C. (2011). *Eyes Only: The Story of Clifford Stone and UFO Crash Retrievals*. San Bernardino, CA: Self published.

Strieber, W. (1980). *Communion: A True Story*. New York, NY: Beech Tree Books.

Strieber, W., & Kripal, J. (2016). *The Super Natural: A New Vision of the Unexplained*. NY: New York, Tarcher.

Swanson, C. (2003). *The Synchronized Universe: New Science of the Paranormal*. Tucson, AZ: Poseidia Press.

Swanson, C. (2009). *Life Force, The Scientific Basis: Breakthrough Physics of Energy Medicine, Healing, Chi and Quantum Consciousness*. Tucson, AZ: Poseidia Press.

Swanson, C. (2018). *Science of the Soul, The Afterlife, and the Shift*. Tucson, AZ: Poseidia Press.

Swedenborg, E. (1758/2006). *Life on Other Planets*. West Chester, PA: Swedenborg Foundation Publishers.

Szu-Whitney, M. & Whitney, G. (1999). *Portals & Corridors: A Visionary Guide to Hyperspace*. Berkeley, CA: North Atlantic Books.

Tarassaco, F. (2018). *Alien Races and Different Worlds: Beings and Consciousness from the Farthest Reaches of the Universe as Narrated by Falco Tarassaco*. Vidracco, Italy: DEVODAMA.

Tonnies, M. (2013). *The Cryptoterrestrials: A Meditation on Indigenous Humanoids and the Aliens Among Us*. San Antonio, TX: Anomalist Books.

Vallée, J. (1969/2014). *Passport to Magonia: From Folklore to Flying Saucers*. Brisbane, Australia: Daily Grail Publishing.

Vallée, J. (1975/2014). *The Invisible College: What a Group of Scientists has Discovered About UFO Influences on the Human Race*. San Antonio, TX: Anomalist Books.

Viscardi, J. & Gauthier, R. (2013). *Extraterrestrial Life: Galactic Humans: On the Plurality of Inhabited Worlds*. Self published.

Webre, A. L. (2014). *The Dimensional Ecology of the Omniverse*. Universebooks.

Wendt, A. (2015). *Quantum Mind and Social Science: Unifying Physical and Social Ontology*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Wilber, K. (1995). *Sex, Ecology, Spirituality: The Spirit of Evolution*. Boston: Shambhala Publications. [*Sexo, Ecologia, Espiritualidade: O Espírito da Evolução*. Editora Vida Integral, 2018].

Wilber, K. (1997). *The Eye of Spirit: An Integral Vision for a World Gone Slightly Mad*. Boston, MA: Shambhala. [O Olho do Espírito: Uma Visão Integral para um Mundo que Ficou Ligeiramente Louco. Editora Cultrix, 2001].

Wilber, K. (2000). *Integral Psychology: Consciousness, Spirit, Psychology, Therapy*. Boston: Shambhala. [Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia. Editora Cultrix, 2002].

Wilber, K. (2006). *Integral Spirituality: A Startling New Role for Religion in the Modern and Postmodern World*. Boston, MA: Shambhala. [Espiritualidade Integral: Uma Nova Função para a Religião neste Início de Milênio. Editora Aleph, 2007].

Wilcock, D. (2016). *Ascension Mysteries: Revealing the Cosmic Battle Between Good and Evil*. New York, NY: Dutton Press.

Zimmerman, M. (2003). Encountering Alien Otherness. In: *The Concept of the Foreign: An Interdisciplinary Dialogue*. Saunders, R., Ed. New York, NY: Lexington Books.

SEAN ESBJÖRN-HARGENS, Ph.D., dedica sua vida ao desenvolvimento de abordagens "metaintegrais" para as áreas de ecologia e consciência animal, pesquisa de métodos mistos, psicologia integral, filosofia da ciência, educação integral e novos modelos pós-capitalistas de mensuração de impacto social. Como resultado, Sean é um líder global na aplicação do pensamento integrativo ao desenvolvimento de líderes e ao design organizacional. Na última década, trabalhou com diversas empresas, tradicionais e progressistas. Ele é o fundador da *MetalIntegral*, que se concentra na mensuração de quatro tipos de impacto social por meio de uma estrutura de contabilização de valor multicapital.

Sean combina uma sólida formação acadêmica em filosofia da ciência e metateorias integrativas com uma exploração de coração aberto do mistério e da natureza multicamadas da realidade. Em 2018, fundou o *Exo Studies Institute*, por meio do qual se junta a outros no pioneirismo do campo dos Exoestudos. Ele teve sua cota de experiências "exo" em primeira pessoa, o que torna essa exploração pessoalmente relevante e significativa. Para mais informações sobre Exoestudos, visite [www.exostudies.org](http://www.exostudies.org). Em maio de 2020, ele também lançou, com Tom Curren, o site de serviço público [www.whatsupwithufos.com](http://www.whatsupwithufos.com).

Os livros mais recentes de Sean são dois volumes coeditados: *Metatheory for the Twenty-first Century: Critical Realism and Integral Theory in Dialogue* (2016, Routledge) e *Dancing with Sophia: Integral Philosophy on the Verge* (2019, SUNY Press). Atualmente, ele está finalizando outro volume coeditado sobre metateoria integrativa e sua primeira monografia sobre Exoestudos.